

Ariele Silverio Cardoso

**“GAUCHISMO” *ON/OFFLINE*:  
INTERATIVIDADES NOS [E A PARTIR DOS] MEIOS DIGITAIS**

Dissertação submetida ao Programa de  
Pós-Graduação em Antropologia Social  
da Universidade Federal de Santa  
Catarina para a obtenção do Grau de  
Mestre em Antropologia Social.  
Orientador: Prof. Dr. Alberto Groisman

Florianópolis  
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

CARDOSO, Ariele Silverio

"GAUCHISMO" *ON/OFFLINE*: interatividades nos [e a partir dos] meios digitais / Ariele Silverio Cardoso; orientador: Alberto Groisman - Florianópolis, SC, 2016.

205 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

Inclui referências

1. Antropologia Social. 2. Gauchismo. 3. Antropologia. 4. Ciberespaço. I. GROISMAN, Alberto. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. III. Título.

Ariele Silverio Cardoso

**“GAUCHISMO” ON/OFFLINE:  
INTERATIVIDADES NOS [E A PARTIR DOS] MEIOS DIGITAIS**

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre em Antropologia Social”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 25 de fevereiro de 2016.

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Edviges Marta Ioris  
Coordenadora do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Alberto Groisman  
Orientador  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Elisa Máximo  
Instituto Educacional Luterano de Santa Catarina Bom Jesus/IELUSC

---

Prof. Dr. Jeremy Paul Jean Loup Deturche  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Dr. Rafael Victorino Devos  
Universidade Federal de Santa Catarina

## AGRADECIMENTOS

Das tarefas mais difíceis deste trabalho, a escrita dos agradecimentos pode ser incluída sem receio. Depois de tanto tempo lidando com “meus gaúchos”, como carinhosamente gosto de chamar, é temeroso pensar na possibilidade de esquecer algum nome ou não evidenciar a meus interlocutores a importância que tiveram para a conclusão desta “tarefa”. Foram tantas as pessoas que contribuíram em minha inserção neste amplo universo denominado “gauchismo”, que esta história começa muito antes do mestrado.

A primeira – e mais importante – menção que tive às “coisas do sul” veio de minha própria casa, quando minha mãe e seu admirável gosto musical me fizeram acordar diversas vezes ao som de “Querência Amada”, “Tordilho Negro”, entre outras músicas de Os Serranos, Os Monarcas, Os Bertussi... A música sempre esteve presente em nossas vidas, e é impossível dissociar de minha família as imagens musicais que guardo de todos os dias, todos os eventos, todos os momentos que passamos juntas. À minha mãe, a quem rendo meu maior agradecimento, costumo sempre dedicar “Criado em Galpão”, sua música preferida. Assim, posso dizer que dela herdei minha “estampa de índio campeiro”.

Meu pai, por outro lado, também contribuiu para meu apreço pelas músicas regionais, geralmente relacionadas ao sertanejo “de raiz”, do Tônico e Tinoco, do Milionário e José Rico, etc., e dele herdei também o gosto pela dança. Não foram poucas as vezes que fui questionada: “*tá* ocupada? Não? Então vamos dançar”. Repito até hoje essa pergunta, pai. Obrigada por me ensinar o “dois *pra* lá, dois *pra* cá” que mais tarde, eu concluiria, foi fundamental para a “facilidade” com que aprendi as danças gaúchas.

Àqueles, também dos laços familiares mais estreitos, que “aguentaram” meus papos gauchesco-antropológicos durante todo o mestrado, dedico meu sincero “muito obrigada”: mana, cunhad@s e concunhad@s. Foram eles que tantas vezes contribuíram com minhas discussões, outras tantas ouviram minhas lamúrias e, acima de tudo, aguentaram minhas piores crises jornalístico-antropológicas.

Meus pequenos tesouros Daniel e Pietro, os afilhados, e Oliver, outro dos três “irmãos gêmeos”, como diz o “Pi”. Vocês foram meu alicerce quando pensei que não mais suportaria as pressões. Me fizeram

esquecer o cansaço, o cansaço da academia e me trouxeram um mundo de brincadeiras e simplicidade, um mundo de “loucura” que não quero nunca deixar de participar com vocês. Com estes pequenos aprendi que a infância é, sobretudo, uma fase que proporciona não somente o aprendizado a eles, mas principalmente a quem os cerca. Posso afirmar que o mestrado ficou muito mais leve com as “fugas” que vocês me proporcionaram.

Outra “pequena” que auxiliou em todo esse processo foi minha companheira canina Hillary. Ela ajudou a diminuir a solidão de morar sozinha em uma cidade nova. Ela ficou ao meu lado (e aos meus pés) a cada linha escrita para todos os trabalhos do mestrado. Já na graduação, na monografia tive sua companhia constante. Na dissertação não poderia ser diferente. Mais do que ficar perto, ela queria estar “junto”. Quantas vezes tive que me adaptar à escrita com seu focinho no teclado, porque não queria sair do meu colo. E como negar? Tenho certeza que suas energias, suas “*good vibes*” estão também nestas páginas. Hilalá, você bem que poderia viver uns 60 anos, né?

Ao final dos agradecimentos familiares, os de maior proximidade. Eduardo, meu companheiro há mais de sete anos, que está comigo desde o final do graduação até agora, é um verdadeiro herói. Impossível descrever o quanto significou seu apoio, sua compreensão. Talvez só ele saiba o quão difícil foram estes três anos. Com certeza ele foi o que mais sofreu comigo, o que estava mais próximo, o tempo todo. Quando nos casamos, voltamos a namorar. Minha mudança de endereço para Florianópolis obrigou-nos, depois de anos de convivência diária, a nos vermos somente nos fins de semana. Com a distância, nos fortalecemos. No trabalho de campo, quando voltei a morar em Joinville, ele foi um “fiel escudeiro” que aceitou ir aos eventos ao meu lado, colaborando também para o estabelecimento de relações com meus interlocutores. Meu muitíssimo obrigado por ser mais que meu marido, ser meu companheiro de vida. Foi fundamental comemorar contigo cada passo dado nessa nova “fase” acadêmica. Você sabe o quanto é importante para mim. Te amo.

Já no campo das amizades e das inserções “gauchísticas”, primeiramente quero agradecer à Renata, cuja relação iniciamos graças à música “Batendo Água”, que conhecíamos na época pela gravação dos “Garotos de Ouro”. Uma música gauchesca nos uniu, graças a uma dedicatória feita por minha mãe no meu aniversário. Jamais esquecerei

quando viestes perguntar se era eu a Ariele que ouvistes falar no programa de rádio. Quem poderia imaginar que daquela relação, nascida musicalmente, geraria mais tarde um trabalho de escola sobre a Revolução Farroupilha, e iniciaria minha jornada nas pesquisas nesta área? Quem imaginaria que aquele primeiro contato resultaria em uma amizade tão linda e pela qual tenho tanto apreço? Mesmo distantes, sabes o quanto te admiro.

Jacque, minha “super” colega da graduação. Minha amiga, minha “anja”, minha “mãe 2”. Impossível não citar sua companhia e proteção, além do apoio e das tantas parcerias que fizemos em trabalhos da “faculdade”. Em uma delas, que daria continuidade a estas empreitadas acadêmicas sobre o universo gauchesco, fizemos um *programete*, veiculado na rádio UDESC de Joinville, sobre a Semana Farroupilha. Entrevistamos Paixão Côrtes, gravamos com um *payador*, Ruben Alves Vieira, um poema feito de improviso sobre os gaúchos de Santa Catarina. Foram meus primeiros passos para as pesquisas neste mundo de diásporas e gauchidades. Jacque, minha porto-alegrense amada, obrigada por tudo.

Por falar no Ruben, gostaria de agradecer não somente a ele, mas também à sua filha, nossa colega da graduação, Andrini. De certa forma, com sua história e seus anos de prendado, ela contribuiu bastante para o que conheci sobre o tradicionalismo, sobre o Grupo dos Oito, sobre Paixão Côrtes. Não posso deixar de citar também outra pessoa fundamental durante meu prendado e responsável por abrir meus olhos a um universo que eu ainda não conhecia profundamente. Priscila foi prenda do grupo Amigos do Chimarrão e prenda da 9ª Região Tradicionalista de Santa Catarina. Em sua companhia ajudamos a organizar a 8ª Semana Farroupilha de Joinville, em 2008, que rendeu, além de grandes experiências, ótimas histórias. Valeu, Pri!

Minha história com o tradicionalismo começou em 2008, quando fui aclamada Primeira Prenda do CTG Chaparral. Neste mesmo ano começaram também minhas primeiras pesquisas na área, então não posso deixar de englobar neste trabalho de campo todo o período em que tive contato com meus interlocutores, a começar pela família Harger, que me recebeu com tanto carinho, e contribuiu de forma significativa para a monografia e para minhas experiências com o Movimento Tradicionalista. À toda a família, obrigada de coração!

Ainda relembro o período inicial e as relações que se estendem até hoje, incluo interlocutores – que podem também ser chamados amigos

– por quem tenho grande apreço: Lima e Copetti, além da grande importância de vocês para o gauchismo em Joinville, agradeço as incontáveis contribuições não somente nesta dissertação, mas a todas as minhas pesquisas, e à minha vivência gauchesca. Ainda acompanho o trabalho de vocês com muito carinho e admiração.

Outro grupo dos “tempos de prenda” que contribuiu de forma expressiva durante este trabalho de campo foi o Amigos do Chimarrão. Nossas conversas (gravadas ou não) e as apresentações que assisti na Semana Farroupilha, além das interações que tivemos *online* foram valiosas. Obrigada pela confiança.

O Portal Guapos, que conheci também na época do prendado, representados por Jeff e Adriano, teve a participação nesta pesquisa também do *novo* fotógrafo, Fabiano. Discordando do que dizem, que por trás de um grande homem há sempre uma grande mulher, devo mencionar que *ao lado* de Jeferson a presença de sua esposa Dai é primordial não somente no que diz respeito à fundação e à manutenção dos negócios relacionados ao Guapos, mas à presença constante nos eventos com Jeff. A ela também agradeço, por me receber tão bem em sua casa, por me fazer companhia em tantos bailes, por colaborar com as entrevistas que realizamos. Meu obrigado à Dai e ao Jeff também por terem me apresentado Conhaque, a quem também dedico meus agradecimentos. Foi imprescindível para este trabalho os contatos e as redes que assim construímos.

Agradeço também a Miguel Mafra, Manoelito Savaris, Sadi, Nilson Macedo, André “Mr. Bean”, Valdir e Gika, Chico (o diácono) e Chico (o cinegrafista). De forma geral, gostaria de incluir nos agradecimentos também todos os envolvidos indiretamente nesta pesquisa. Àqueles que solicitaram as fotos, que compartilharam os registros da Semana Farroupilha, que enviaram conteúdos, enfim, meu muito obrigada.

Meus colegas do mestrado foram fundamentais neste processo, e não poderia deixar de agradecê-los pelas experiências na pós-graduação. Agradeço especialmente meus colegas de orientação, o chamado Grupo Oriente. Pelas leituras que fizeram de meus trabalhos e inúmeras contribuições interdisciplinares, meu muito obrigada.

Por último, mas não menos importante, direciono meus agradecimentos à banca que aceitou avaliar este trabalho e aos “orientadores” que tive durante todo o processo.

Começo citando a Elisa que, além de contribuir imensamente para meus estudos sobre gauchismo, é também a responsável pela minha “especialização” acadêmica na Antropologia. Ela quem incentivou o mestrado, ela quem sugeriu a investigação *online*. Elisa, além da admiração que tenho pessoalmente por ti, é por conhecer sua criteriosa leitura que a convidei para avaliar este trabalho. Obrigada por tudo.

Ao Theophilos, que me orientou no início do mestrado e contribui constantemente para os estudos da antropologia do contemporâneo e do ciberespaço, minha admiração e meus agradecimentos. Foi um período de adaptação naturalmente complexo, mas onde efetivamente tive minha “iniciação” na pós-graduação.

A Alberto devo agradecer por diversas razões: por aceitar me orientar pouco antes da qualificação, por me aproximar da docência no estágio que fiz em sua disciplina, e por contribuir com minha “evolução” na Antropologia, especialmente pelas colocações proporcionadas pela experiência “interdisciplinar” que vivencia com seus demais orientandos. Obviamente, este trabalho seria impossível sem sua orientação, e gostaria de citar com destaque o direcionamento que propusestes no objetivo da pesquisa, ao sugerir que eu analisasse não somente o gauchismo *online*, mas também o universo *offline* que o circunscrevia e que se desdobrava dele. A atenção que dispensastes na orientação à distância, no “intercâmbio” via Skype que tivemos na “ponte” Joinville-Florianópolis-Joinville, também é louvável. Nesta “reta final”, sua dedicação me motivou. Esta dissertação é fruto, também, de seu trabalho, sua experiência, suas leituras, sua criatividade. Muitíssimo obrigada.



Só quem não pode ter amor à querência é o computador, um desses fantásticos viventes dos Centros de Processamentos de Dados – capazes de revirar informações do mundo num átimo de tempo. É que eles precisam estar sempre fechados em temperatura de 20 graus centígrados. Se a temperatura subir ou baixar, o computador começa a entrar em parafuso e já não diz coisa com coisa.

(LESSA, 2008)

## RESUMO

Esta dissertação dedica-se à análise do “gauchismo” manifestado no universo *online*, a partir da criação e do compartilhamento de conteúdo na internet, e também *offline*, seja representando o *continuum* entre as duas realidades ou seguindo as redes que se desdobram destas experiências. Para compreender o campo de pesquisa a que este trabalho está restrito, o texto perpassa questões como a autorreferência e as nomenclaturas fundamentais para os interlocutores da pesquisa, além da descrição e análise das diferentes “vertentes” ou “áreas” do gauchismo, como o “tradicionalismo”, o “nativismo” e o “*tchê music*”. A diáspora gaúcha e a expansão do tradicionalismo levam a outra observação do campo: a aproximação de saudosismo, religiosidade e controle do comportamento, que também integram o campo de pesquisa no âmbito do ciberespaço.

**Palavras-chave:** Gauchismo. Antropologia. Ciberespaço.

## ABSTRACT

This dissertation is dedicated to the analysis of "gauchism" manifested in the *online* universe, starting from the creation and content sharing on the Internet, and also *offline* universe, representing the *continuum* between the two realities, or following the networks that unfold from these experiences. To understand the research field to which this work is restricted, the text goes through issues such as self-reference and the crucial nomenclature for the research interlocutors, it goes beyond the description and analysis of the different "sections" or "areas" of gauchism, as "traditionalism", "nativism" and "*tche music*". The gaucho diaspora and the expansion of traditionalism leads to another field observation: the approximation of nostalgia, religiosity and behavior control, which are also part of the research field in the cyberspace context.

**Keywords:** Gauchism. Anthropology. Cyberspace.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Grupo Amigos do Chimarrão, filiado ao MTG-SC, se apresenta na Semana Farroupilha de Joinville em 2014 com pilchas de cores e modelos diferentes uns dos outros.....	55
Imagem 2 - Prendas da Invernada Artística do CTG Aldeia dos Anjos, de Gravataí, RS .....	56
Imagem 3 - Apresentação do Grupo Rompendo Fronteiras na Semana Farroupilha de 2014 em Joinville.....	62
Imagem 4 - Apresentação do Grupo Rompendo Fronteiras na Semana Farroupilha de 2014 em Joinville.....	63
Imagem 5 - Organizadores da Semana Farroupilha de 2014 e dos anos anteriores fazem reverência à imagem da Santa ao tirarem os chapéus. Diácono Chico (já citado na introdução) direciona uma bênção aos participantes do evento.....	90
Imagem 6 – Comemoração da Semana Farroupilha no dia 16 de setembro de 2014. Detalhe com o Diácono pilchado de cabeça baixa ouvindo a música Nossa Senhora.....	91
Imagem 7 - Diácono Chico abençoa os presentes na sessão solene. ....	92
Imagem 8 - Crianças pilchadas acompanham seus pais e avós na sessão solene realizada na Câmara de Vereadores de Joinville por ocasião das celebrações da 14ª Semana Farroupilha de Joinville.....	98
Imagem 9 - Printscreen da imagem ilustrando a legenda original da reportagem.....	117
Imagem 10 - Reportagem destaca decoração do Fórum com as cores da bandeira do RS (verde, vermelho e amarelo) e a bandeira LGBT exposta sobre a mesa. ....	118
Imagem 11 - Juíza vestida de prenda em imagem destaque na reportagem do G1.....	118
Imagem 12 - Página inicial do Portal Guapos.....	122
Imagem 13 - Foto compartilhada no Instagram @portalguapos .....	126
Imagem 14 - Postagem do Portal Guapos no Facebook. ....	128
Imagem 15 - Publicação do Portal Guapos no Facebook. ....	129
Imagem 16 - Agenda de sexta-feira no website do Foot Bar. ....	130

Imagem 17 - Publicação do Portal Guapos no Facebook anuncia o fim da Sexta Gaúcha. ....	131
Imagem 18 - Página inicial do Chasque do Conhaque. ....	133
Imagem 19 - Registro da "Mateada virtual" compartilhada no Facebook. 146	146
Imagem 20 - Postagem de Gisele na página da Semana Farroupilha. .	155
Imagem 21 - Detalhe da imagem anexada na postagem de Gisele (foto anterior). ....	156
Imagem 22 - Postagem da Cabanha Dedo Grosso.....	157
Imagem 23 – Fotografia que registrei na comemoração da Semana Farroupilha de 2014 na Cabanha Dedo Grosso, enviada inicialmente para o grupo Alma de Galpão, registrado na foto, e postada posteriormente no Facebook.....	159
Imagem 23 - Gerada a partir da página URL Espião em pesquisa sobre o Portal Guapos.....	181
Imagem 24 - Gerada a partir da página URL Espião em pesquisa sobre o Chasque do Conhaque .....	183
Imagem 25 - Gerada a partir da página URL Espião em pesquisa sobre a Página do Gaúcho .....	185
Imagem 26 - Printscreen da pesquisa do Google com o nome do site e o link com outro nome.....	186
Imagem 27 - Layout do Portal Amigos da Tradição.....	186
Imagem 28 - Printscreen da página destinada à galeria de fotos. ....	188
Imagem 29 - Printscreen da caixa "Próximos eventos" do Portal Amigos da Tradição. ....	190

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CBTG: Confederação Brasileira de Tradição Gaúcha

CTG: Centro de Tradições Gaúchas

ENART: Encontro de Arte e Tradição Gaúcha

MTG: Movimento Tradicionalista Gaúcho

PR: Paraná

RS: Rio Grande do Sul

SC: Santa Catarina

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>1 PARA COMEÇAR A “COMPREENDER” OS “GAÚCHOS”..</b>	<b>30</b>
1.1. “Identidade” gaúcha, “cultura” gaúcha, “tradição” gaúcha: autorreferenciação - ser e pertencer .....	31
1.2. Gauchismo, tradicionalismo, nativismo e outras “denominações” ..	41
1.3. A normatização como campo de disputas.....	54
1.4. O tradicionalismo vai ganhando territórios.....	64
1.5. O nativismo e o mercado musical gauchesco .....	72
<b>2 “CONSERVADORISMO”, SENTIMENTALISMO, SAUDOSISMO. RELIGIÃO E FAMÍLIA NO “GAUCHISMO” .....</b>	<b>83</b>
2.1. Religiosidade marcada pelo catolicismo.....	85
2.2. O controle do comportamento como estratégia para a “preservação” da “tradição” e vice-versa .....	97
2.3. “Oigaletê! Meteram fogo no CTG!”: a relação entre manifestações de intolerância na <i>internet</i> e o discurso apresentado como sendo “tradicionalista” .....	108
<b>3 WEBSITERS: ETNOGRAFIA ON E OFFLINE.....</b>	<b>120</b>
3.1. Portal Guapos .....	122
3.2. Chasque do Conhaque.....	133
<b>4 O GAUCHISMO NO CIBERESPAÇO.....</b>	<b>142</b>
4.1. Pesquisando (n)o ciberespaço – real/virtual vs. <i>online/offline</i> .....	142
4.2. Analogias.....	145
4.3. Um <i>Continuum</i> .....	148
4.4. 14º Festejos da Semana Farroupilha de Joinville.....	155
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>162</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>166</b>
<b>GLOSSÁRIO .....</b>	<b>172</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>179</b>

APÊNDICE 1 - .....	179
Descrição dos sites – URL Espião (URL Métrica) .....	179
PORTAL GUAPOS.....	180
CHASQUE DO CONHAQUE.....	181
PÁGINA DO GAÚCHO .....	183
PORTAL AMIGOS DA TRADIÇÃO.....	185
<b>ANEXOS.....</b>	<b>191</b>
ANEXO 1 – Relação de entidades de Joinville registradas no MTG-SC	
191	



## INTRODUÇÃO

A inquietude que levou a esta dissertação talvez tenha iniciado em 2006, quando fiz meu primeiro trabalho acadêmico sobre a Semana Farroupilha, ou Guerra dos Farrapos. Estava no terceiro ano do ensino médio e obtivemos, eu e a amiga que compunha a dupla comigo, a nota máxima naquela monografia. Uma pesquisa simples, mas que motivou sentimentos e questionamentos que seriam cruciais para toda a minha trajetória até hoje, como pesquisadora, na academia e no “gauchismo”. Um sentimento que remontava à infância, quando ouvia os discos e CDs de minha mãe tocarem clássicos e *hits* da música gaúcha, do *nativismo* ao *tchê music*<sup>1</sup>, ou quando frequentava os bailes das festas do padroeiro e da padroeira da igreja do bairro onde morava, hora animados por grupos musicais locais, formados por moradores da vizinhança, hora com grupos de destaque nacional, todos sempre pertencentes ao cenário musical gauchesco.

Os questionamentos surgiam à medida em que a identidade gauchesca se tornava latente. A cada dia, eu buscava mais informações sobre aquele universo que já compunha a minha personalidade, já fazia parte da minha trajetória. Mesmo nascida em Criciúma, cidade localizada no extremo sul de Santa Catarina, e sendo filha de pais também catarinenses, o desejo por “ser gaúcha” motivava leituras, amizades, vivências. Já em 2008 e em Joinville, quando cursava o segundo ano da graduação, fui convidada por uma colega a participar de bailes gauchescos e, após dois ou três eventos em que a acompanhei, recebi dela o convite que mudaria o curso da minha história com o “gauchismo”: representar o primeiro Centro de Tradições Gaúchas (CTG) da cidade. Como “Primeira Prenda Adulta do CTG Chaparral” eu precisava dominar mais do que “dois-e-dois”, então passei a frequentar, também a convite, desta vez feito por outra colega, um curso de danças gaúchas de salão. Neste momento comecei a questionar os conceitos relativos ao “gauchismo”. Nos discursos de meus colegas eu já era, por assim dizer, “gaúcha”.

Foram dois anos de prendado, cuja maior herança foi o aprendizado, que segue acontecendo. A partir do momento em que fui

---

<sup>1</sup>*Tchê Music*: Descrito inicialmente como um gênero musical. Tratarei de suas especificidades no subcapítulo “1.5. O nativismo e o mercado musical gauchesco”.

aclamada Primeira Prenda, passei a dedicar meus estudos a conhecer melhor aquele movimento que eu passava a integrar. A disciplina de Antropologia Cultural ministrada pela professora Maria Elisa Máximo, ainda no curso de Comunicação Social – Jornalismo, motivou também outras reflexões, que contrapontavam o tradicionalismo gaúcho com a contemporaneidade. Unindo embasamentos teóricos comunicacionais e antropológicos, analisei as manifestações tradicionalistas gaúchas em Santa Catarina. Pesquisei a desterritorialização (ou o *desencaixe*<sup>2</sup>) das culturas e das identidades gauchescas e suas manifestações nas ditas sociedades complexas. Porém, uma pergunta continuava motivando meus estudos: “você é gaúcha?”. A pergunta era (e continua sendo) feita em bailes e eventos gauchescos, em conversas com amigos e familiares ou até mesmo na academia, em processos seletivos ou discussões de sala de aula. Eu respondia (e respondo) com outra pergunta: “afinal, o que é ser gaúcha?”.

Neste trabalho, é importante destacar, utilizo os dizeres “gauchismo” e “gauchesco”. Ambos os termos se referem a tudo o que tem relação com o “gaúcho”. A definição de “gauchismo”, e a justificativa de sua repetida inserção neste trabalho, será melhor definida no primeiro capítulo; já “gauchesco” é uma palavra que ouço desde criança e pode, da mesma forma, dizer respeito a todas as “coisas” relacionadas ao gauchismo. Utiliza-se mais comumente em termos como “música gauchesca”, “dança gauchesca”, “poesia gauchesca”, “vestimenta gauchesca”, etc. Dessa forma, ambas as expressões generalizam, de certa forma, o “universo gaúcho”.

Nesta dissertação, minhas estratégias de investigação e reflexão iniciaram com o acompanhamento *offline* do trabalho de alguns sites especializados no “gauchismo”, principalmente através da cobertura de alguns eventos. Optei, porém, por não trabalhar de forma extensiva com as fotos registradas por mim durante o trabalho de campo pois este exercício demandaria uma análise mais aprofundada sobre a “complexidade da imagem”. Além disso, muitas das fotografias de meus interlocutores e *printscreens* das páginas possibilitam uma melhor compreensão do universo *online* e sua ressonância no *offline*.

---

<sup>2</sup> Na monografia defendida em 2010 para a conclusão do curso de Comunicação Social analisei o fenômeno do tradicionalismo gaúcho a partir da perspectiva conceituada por Giddens como *desencaixe*. Segundo o autor, trata-se do “descolamento das relações sociais dos contextos locais e sua rearticulação através de partes indeterminadas no espaço-tempo” (GIDDENS, 2002, p; 25).

A iniciativa de realizar uma “convivência observante”, conforme conceitua meu orientador. Trata-se de uma forma de denominar um envolvimento extensivo com os interlocutores e nos espaços experienciados etnograficamente. No que diz respeito à pesquisa de campo, Malinowski cita as principais informações que devem ser reconhecidas:

O objetivo fundamental da pesquisa etnográfica de campo é, portanto, estabelecer o contorno firme e claro da constituição tribal e delinear as leis e os padrões de todos os fenômenos culturais, isolando-os de fatos relevantes. (...). Este objetivo exige que se apresente, antes de mais nada, um levantamento geral de todos os fenômenos, e não um mero inventário das coisas singulares e sensacionais – e muito menos ainda daquilo que parece original e engraçado. (...) O etnógrafo de campo deve analisar com seriedade e moderação todos os fenômenos que caracterizam cada aspecto da cultura tribal sem privilegiar aqueles que lhe causam admiração ou estranheza em detrimento dos fatos comuns e rotineiros. Deve, ao mesmo tempo, perscrutar a cultura nativa *na totalidade de seus aspectos*. (MALINOWSKI, 1976, p. 24)

Há, porém, uma crítica relativa à observação participante, justamente no que diz respeito à inserção do antropólogo nos rituais e atividades cotidianas da sociedade analisada. Mesmo tendo o método já detalhado, uma parte significativa dos pesquisadores ainda se limita a somente “observar”. O “participar”, assim, significa muito mais “estar lá” do que “participar”, de fato. É neste ponto que a “convivência observante” proposta por meu orientador ganha força. Observar as peculiaridades de uma cultura ou sociedade familiar pode ser ainda mais complexo do que observar as peculiaridades de uma cultura exótica. Trata-se de buscar certa distância, mas uma distância nada óbvia e menos ainda mensurável. À essa busca por distância se costuma chamar “estranhar o familiar”. Segundo DaMatta,

Vestir a capa de etnógrafo é aprender a realizar uma dupla tarefa que pode ser grosseiramente contida nas seguintes fórmulas: (a) transformar o

exótico em familiar e/ou (b) transformar o familiar em exótico. (DAMATTA, 1974, p. 4)

Foi este um dos exercícios mais difíceis desta dissertação, e precisei muitas vezes contar com a ajuda de meu orientador e de meus colegas do Grupo Oriente<sup>3</sup> para que isso acontecesse. Não poucas foram as vezes que fui questionada, em nossas reuniões, sobre conceitos que me eram “óbvias”, ou que eu havia naturalizado de tal forma que passavam despercebidos de crítica ou de uma descrição mais densa. Para Bauman (2011), “se quisermos tornar verdadeiramente *familiares* as coisas que parecem familiares, é preciso antes de mais nada fazê-las *estranhas*” (BAUMAN, 2011, p. 10). Ainda segundo ele,

Para tornar essas coisas objeto de interesse e de exame detalhado, é preciso, em primeiro lugar, recortá-las e separá-las do ciclo vicioso da rotina cotidiana que, apesar de confortadora, nos embota os sentidos. É preciso, em primeiro lugar, pô-las à parte e mantê-las distância, antes que possamos conceber examiná-las de modo correto: quer dizer, sua alegada “normalidade”, um blefe, deve ser desde logo denunciada. Só depois poderemos desnudar e explorar os mistérios abundantes e profundos que elas escondem, aqueles que nos parecem estranhos e intrigantes quando começamos a pensar neles. (BAUMAN, 2011, p. 10)

Velho lembra que tanto a distância social quanto a psicológica devem ser levadas em consideração, citando que “o fato de dois indivíduos pertencerem à mesma sociedade não significa que estejam mais próximos do que se fossem de sociedades diferentes, porém aproximados por preferência, gostos, idiossincrasias” (VELHO, 1978, p. 3). O autor desenvolve os conceitos de familiaridade e exotismo pois parece implícito que o familiar é conhecido e o exótico é desconhecido. Segundo ele, este equívoco pode interferir no campo, onde o pesquisador deve se distanciar do “objeto” a ser pesquisado de forma a identificar

---

<sup>3</sup> Grupo de orientandos do professor Alberto Groisman cujas reuniões buscavam discutir textos produzidos pelos alunos buscando reflexões e críticas plurais e interdisciplinares.

todas as expressões culturais e costumes em totalidade, sem privilegiar aquilo que já lhe era familiar. É no distanciamento que o pesquisador descobre ainda mais códigos que merecem atenção na pesquisa. Ainda assim, o estranhamento pode ser bastante problemático do ponto de vista da aproximação realizada durante a pesquisa de campo, e mesmo com a familiaridade já interiorizada pelo pesquisador. Para Velho,

A “realidade” (familiar ou exótica) sempre é filtrada por um determinado ponto de vista do observador, ela é percebida de maneira diferenciada. Mais uma vez eu não estou proclamando a falência do rigor científico no estudo da sociedade, mas a necessidade de percebê-lo enquanto objetividade relativa, mais ou menos ideológica e sempre interpretativa. Este movimento de relativizar as noções de distância e objetividade, se de um lado nos torna mais modestos quanto à construção do nosso conhecimento em geral, por outro lado permite-nos observar o familiar e estudá-lo sem paranoias sobre a impossibilidade de resultados imparciais, neutros. (VELHO, 1978, p. 9)

Essa discussão também é abordada por Roy Wagner, com relação ao que o autor chama “invenção da cultura”. Segundo ele, o próprio processo de “conhecer” determinadas culturas passa por um processo de estranhamento que, necessariamente, influencia a[s] cultura[s] do pesquisador, e a própria visão de cultura que ele tem.

Quer ele saiba ou não, quer tenha a intenção ou não, seu ato “seguro” de tornar o estranho familiar sempre torna o familiar um pouco estranho. E, quanto mais familiar se torna o estranho, ainda mais estranho parecerá o familiar. (WAGNER, 2012, p. 57)

Este processo, é, na opinião de Roberto Cardoso de Oliveira, o que o autor denomina “domesticação teórica” do olhar do pesquisador.

Isso porque, a partir do momento em que nos sentimos preparados para a investigação empírica,

o objeto, sobre o qual dirigimos nosso olhar, já foi previamente alterado pelo próprio modo de visualizá-lo. Seja qual for esse objeto, ele não escapa de ser apreendido pelo esquema conceitual da disciplina formadora de nossa maneira de ver a realidade. (OLIVEIRA, 2000, p. 25)

A ligação que tenho com meus interlocutores, porém, não permitiu este afastamento, esta “imparcialidade”, a todo momento. É claro que, na medida do possível, busquei compreender os acontecimentos que presenciei como pesquisadora, e não como prenda. Ainda assim, para os amigos que fiz durante o prendado, é impossível dissociar a imagem de prenda que guardam do período em que participei do Movimento Tradicionalista, o período em que fui um pouco “nativa” de meu atual campo de pesquisa. O sentimento que guardo desta época continua presente também em minhas experiências, fato que inúmeras vezes interferiu na pesquisa de campo, sempre resultando em situações extremamente valiosas para a investigação empírica. Transitei inúmeras vezes entre os papéis de “nativa” e de “etnógrafa”, observando situações que permitiram compreender de forma peculiar que a pesquisa que realizei estava em algumas ocasiões se mostrando intrinsecamente, não somente pelos meus interlocutores, mas também em minhas próprias experiências. Percebi, por exemplo, que o ato de “me pilchar” representava mais que um ritual, mas era parte inseparável de minha “identidade” quando buscava participar de alguns eventos. Estar em um baile no CTG Chaparral sem me vestir de prenda, por exemplo, era inconcebível, até mesmo por respeito àqueles que me receberam de braços abertos quando representei a entidade.

Quando experimentei fazer minha pesquisa de campo em um baile no Centro de Eventos Sítio Novo vestida “normalmente”, sem a pilcha, percebi que o “normalmente” ali era estar pilchada. Senti um incômodo muito grande porque em todas as vezes anteriores em que estive neste mesmo local, eu estava vestida de prenda. Assim, como pesquisadora, observei situações peculiares quanto ao estranhamento daquelas situações, mas também pude literalmente relativizar o que alguns de meus interlocutores vivenciam. Como a esposa de um deles me disse: “eu nunca fui ao Sítio Novo sem pilcha”. Para ela, aquilo era inconcebível. Percebi que para mim também. Nestes bailes, a “identidade gauchesca” está associada à noção de pertencimento. Não estar pilchada me fazia perceber que eu não me integrava àquele ambiente, apesar de

muitos dos frequentadores destes eventos não se pilcham e não se incomodam com isto. Meu histórico como prenda, neste caso, unia-me aos “nativos” que prezavam pela indumentária nestes ambientes. O “colocar-se no lugar do outro”, aqui, foi desafiador. Eu era “o outro”. Nestes momentos eu me sentia um pouco “gaúcha”, apesar de continuar buscando compreender o que isso realmente significava, para mim e para meus interlocutores.

Assim, fruto de um constante exercício de analisar minha familiaridade, de buscar um estranhamento e de observar constantemente assuntos recorrentes, como a questão “o que é ser gaúcha”, minha pesquisa de campo resultou nesta dissertação. Este questionamento perpassa conceitos como cultura, identidade e tradição, e está diretamente ligado à noção de pertencimento. O presidente do Movimento Tradicionalista do Rio Grande do Sul, Manoelito Carlos Savaris, declarou em entrevista que se trata de “uma das necessidades primordiais do ser humano”: a necessidade de pertencimento.

Ou seja, quando se diz que o ser humano é um ser social, ou ser social, é por conta disso. Ele tem necessidade de pertencer a alguma coisa, de fazer parte de alguma coisa. De ter um grupo, ter uma turma... A questão da *patota*, a questão da turma, a questão do grupo... Que é uma questão muito comum no jovem, no jovem se percebe muito claro isso. A necessidade de ele fazer parte de uma turma. E se tu não oferecer uma boa turma, ele vai *pra* qualquer turma. Que é o erro que muitos pais cometem. Não percebem isso. Não *oferece* uma boa turma *pro* filho, e o filho vai escolher a sua turma. E as vezes escolhe errado. Pois esse gaúcho de apartamento ele tem necessidade de pertencer. Ele tem necessidade de ter uma raiz. (SAVARIS, 2014, informação verbal)

Estes são debates com os quais inicio esta dissertação. No primeiro capítulo, onde proponho “começar a ‘falar’ dos ‘gaúchos’”, analiso esta que é uma das questões mais cruciais para a compreensão desta (ou destas) “cultura[s]”. A primeira seção deste capítulo aborda os conceitos de identidade, cultura e tradição “gaúchas”, unindo referenciais teóricos com as declarações de meus interlocutores, cujos depoimentos são necessários para compreendermos o que é, realmente, o “ser” e o

“pertencer”, em seus pontos de vista. O conceito nativo para o que consideram ser os “gaúchos” é, assim, a definição que eu procuro utilizar neste trabalho. Apesar da diversidade de opiniões sobre o tema, é preciso buscar uma análise sobre o que *eles* dizem, sobre quem *eles* dizem que são. Nas palavras de Geertz (2014), ver as coisas “do ponto de vista do nativo” (p. 60). O autor explica:

Isso não significa que a questão fica mais fácil de resolver, nem que a necessidade de perspicácia por parte do pesquisador de campo diminua. Para captar conceitos que, para outras pessoas, são de experiência-próxima, e fazê-lo de uma forma tão eficaz que nos permita estabelecer uma conexão esclarecedora com os conceitos de experiência-distante criados por teóricos para captar os elementos mais gerais da vida social é, sem dúvida, uma tarefa tão delicada, embora um pouco menos misteriosa, que colocar-se “embaixo da pele do outro”. O truque é não se deixar envolver por nenhum tipo de empatia espiritual interna com seus informantes. Como qualquer um de nós, eles também preferem considerar suas almas como suas, e, de qualquer maneira, não vão estar muito interessados nesse tipo de exercício. O que é importante é descobrir que diabos eles acham que estão fazendo. (GEERTZ, 2014, p. 62)

Compreender o ponto de vista do nativo e descrevê-lo, porém, é mais que uma simples técnica metodológica. Ela passa obrigatoriamente, por uma domesticação de nosso olhar, e uma interpretação que fazemos baseados em nossas próprias vivências, em nossas próprias culturas. Ainda segundo Geertz,

Mas seja qual for nossa compreensão – correta ou semicorreta – daquilo que nossos informantes, por assim dizer, *realmente* são, esta não depende de que tenhamos, nós mesmos, a experiência ou a sensação de estar sendo aceitos, pois esta sensação tem que ver com nossa própria biografia, não com a deles. Porém, a compreensão depende de uma habilidade para analisar seus modos de expressão, aquilo que chamo de sistemas simbólicos, e o



sermos aceitos contribui para o desenvolvimento desta habilidade. Entender a forma e a força da vida interior de nativos – para usar, mais uma vez, esta palavra perigosa – parece-se mais com compreender o sentido de um provérbio, captar uma alusão, entender uma piada, ou – como sugerí acima – interpretar um poema, do que com conseguir uma comunhão de espíritos. (GEERTZ, 2014, p. 74)

A realização de entrevistas, de qualquer maneira e em qualquer meio, deve também iniciar com a observação, pois como pontua Briggs (1986), o primeiro passo a ser tomado antes da realização de entrevistas é conhecer as normas básicas da sociedade ou comunidade relacionada. É necessário familiarizar-se com a população observada e compreender quais eventos públicos ocorrem nesta comunidade e quem comunica para quem, peças chave no processo. Antes de entrevistar, o etnógrafo precisa conhecer quais palavras são adequadas para cada situação. E acima de tudo, como aponta Briggs, é crucial saber o que não é permitido ou adequado perguntar.

Pude presenciar, em campo, dilemas como este. Visitei a sede do Movimento Tradicionalista Gaúcho do Rio Grande do Sul (MTG-RS) sem programação, em ocasião de uma viagem de campo a Porto Alegre cujo objetivo era, a princípio, mais voltado à procura por referências bibliográficas. Ao chegar lá, a secretária perguntou qual meu interesse, no que respondi que gostaria de conhecer o MTG, a sede, seu funcionamento. Ela então prontamente me encaminhou ao presidente, que autorizou a gravação de nossa conversa. Como não havia agendado a entrevista, tampouco pude preparar para uma. É claro que eu sabia o que perguntar, mas a maior questão era o que eu deveria perguntar. Como nosso encontro se deu após duas grandes polêmicas para o órgão (o julgamento que culminou na suspensão de narradores de rodeio e o casamento civil coletivo que seria realizado em um CTG em Sant’Anna do Livramento), algumas questões eram pertinentes para minha pesquisa, mas delicadas do ponto de vista da aproximação pesquisador-interlocutor. Ainda assim, mesmo sem a devida preparação, pude aplicar – e conhecer na prática dificuldades como a citada acima - aquela que Briggs considera como sendo um dos maiores instrumentos das pesquisas em ciências sociais: a entrevista. Segundo ele, “estimates suggest that 90 percent of

all social Science investigations use interview data” (BIGGS, 1986, p. 1 cf. BRENNER, 1981, p. 115).

Apresento, nesta dissertação, uma observação própria sobre o campo, resgatando as referências bibliográficas estudadas, mas destacando também o “ponto de vista” de meus interlocutores, meus “nativos”. Entre o período da pesquisa de campo, iniciada em 2013 (ainda para a qualificação do projeto de pesquisa) e concluída (se é que pode se determinar uma data) em 2015, sendo que o período de maior atividade foi em 2014. Observei postagens e *homepages* dedicadas ao “gauchismo”, como o Portal Guapos e o Chasque do Conhaque, tendo também entrevistado seus proprietários e fundadores. Além disso, presenciei eventos *offline* que contribuíram para a observação do panorama gauchesco em Joinville, em bailes como a Domingueira (onde iniciei oficialmente a pesquisa etnográfica, com a saída a campo propriamente dita). Foi em 30 de março de 2014, em um baile animado pelo Grupo Minuano. Depois deste, a continuidade da pesquisa etnográfica se deu ainda em outros ambientes, como a Sexta Gaúcha Guapos, organizada pelo Portal Guapos, além de bailes no Centro de Eventos Sítio Novo, de apresentações de grupos de danças gaúchas no Festival de Dança de Joinville e também durante as comemorações da Semana Farroupilha de 2014, onde entrevistei alguns dos participantes, como o proprietário de CTG e narrador de rodeios Miguel Mafra e integrantes do Grupo Folclórico Amigos do Chimarrão. Ainda no final de 2014, em viagem a Porto Alegre, entrevistei o presidente do MTG do Rio Grande do Sul, Manoelito Carlos Savaris, na sede da organização.

Estes interlocutores colaboraram para a compreensão de conceitos nativos e também do que é este “gauchismo”. Para analisar este panorama é preciso, também, analisar conceituações como “tradicionalismo”, “nativismo”, telurismo” e outras denominações, abordadas na segunda seção, ainda no primeiro capítulo. A particularidades das entrevistas que realizei evidenciaram bastantes disparidades quanto estas terminologias, tornando ainda mais complexa – e mostrando que seria impossível – buscar um único termo que englobasse todos os meus interlocutores, todas as suas culturas e todas as “vertentes” às quais eles pertencem. Estas vertentes são expandidas na terceira seção, incluindo os adeptos do que chamamos de *tchê music*, participantes de bailes que não necessariamente são vinculados às entidades tradicionalistas, e que incluem uma vasta diversidade de público, muitos dos quais não são considerados (e tampouco se consideram) *gaúchos*.

Toda essa primeira discussão sobre “gauchismo” leva a outra constatação da pesquisa de campo, alvo de discussão no segundo capítulo: uma rede composta por um saudosismo do campo e das atividades campeiras (descrito na primeira seção) motivado em grande parte pela chamada “diáspora gaúcha” (analisada na segunda seção), e por uma religiosidade predominantemente católica e a importância do que meus interlocutores descrevem como uma participação “familiar” que caracterizaria o gauchismo. Esse discurso pode ser melhor compreendido ao analisarmos a realização de missas e cultos católicos nas celebrações “tradicionalistas”, ministrados por celebrantes geralmente pilchados, que utilizam um linguajar peculiar, remetendo ao castelhano, uma aproximação com o que seria um sotaque “gauchesco”. Um dos celebrantes da Semana Farroupilha de 2014, que se identificou como Diácono Chico, conta porque decidiu dedicar-se ao tradicionalismo e às celebrações em eventos deste tipo:

Na tradição eu já tô há quatro anos. Fui apresentado *pra* ela, gostei da tradição porque, como te falei, ela envolve a família toda. É um movimento que envolve a família toda. Desde o bebezinho até a vovó, o vovô... Todos dentro do movimento são tradicionalistas que honram e vivem a tradição. É diferente de muitos outros movimentos que ou é só homem, ou só mulher... (DIÁCONO CHICO, 2014, informação verbal)

Para além da participação familiar e da evidente marca religiosa nos eventos “tradicionalistas”, há também que se considerar a manifestação de um controle do comportamento, muitas vezes utilizado como estratégia para a “preservação” da “tradição”, e/ou vice-versa. É partindo desse pressuposto que analiso na quarta seção do segundo capítulo um evento marcante em minha pesquisa de campo, quando um CTG de Sant’Anna do Livramento foi incendiado, devido à programação de um casamento civil coletivo sem restrições para uniões homoafetivas, previstas em lei.

Nesta dissertação estou trabalhando com processos de construção identitária e dinâmicas culturais que, por vezes, atravessam ou ocupam lugar nos meios digitais. É disso que trata o terceiro capítulo, onde inicio

a descrição da pesquisa etnográfica do ponto de vista dos *websiters*<sup>4</sup>, aqueles interlocutores que participam ativamente da criação e manutenção de *homepages* na internet dedicadas exclusivamente ao “gauchismo”. Trago, além da história de seus *sites* e de seus trabalhos, um pouco de sua história de vida. Na primeira seção dedico-me a descrever o Portal Guapos e seus integrantes, enquanto a segunda seção é reservada para dissertar sobre os depoimentos de Conhaque, proprietário do *website* Chasque do Conhaque, mas também fotógrafo especializado em trabalhos relativos ao campo.

Encerro este trabalho com o quarto capítulo, onde amplio a discussão sobre o “gauchismo” no ciberespaço. A primeira seção evidencia um pouco do que vivenciei durante o trabalho do campo, pesquisando *o* e *no* ciberespaço. Nas segunda e terceira seções busco analisar como os universos *on* e *offline* se interconectam e se interdependem. Muitas das realidades *online* são construídas com base – e/ou partindo de – experiências *offline*, e vice-versa. Há ainda as situações em que eventos *online* culminam em vivências *offline*, construindo um *continuum* entre o ciberespaço e a vida fora dele. Na quarta seção deste último capítulo descrevo a participação na 14ª Semana Farroupilha de Joinville que, além das redes sociais já analisadas nas seções anteriores, proporcionou uma das mais evidentes experiências desta continuidade, quando agendas *online* levaram à presença em eventos *offline*, e a presença nestes eventos levaram à necessidade de utilizar o universo *online* como forma de dar continuidade às comunicações estabelecidas nas celebrações, como com o envio e a publicação de fotos solicitadas por participantes e organizadores do evento.

Para concluir, ressalto que o convívio e a participação, a observação e a aplicação de entrevistas foram os principais métodos empregados durante a pesquisa de campo, que se restringiu a algumas *homepages* dos estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. Além dos *webdesigners* (ou “*websiters*”) e responsáveis pelos sites, estes métodos também foram aplicados com as pessoas que costumam apoiá-los ou trabalhar com eles, como pesquisadores, fotógrafos, músicos, compositores e seguidores dos conteúdos compartilhados, além de frequentadores e organizadores de eventos acompanhados durante o

---

<sup>4</sup> Neologismo sugerido por meu orientador para nos referirmos a estes interlocutores de pesquisa, por considera-los mais do que somente “*webdesigners*”, por seu envolvimento *on* e *offline* com seus websites.

trabalho de campo, e autoridades do tradicionalismo. A pesquisa *online* incluiu também a observação de postagens e comentários relacionados aos conteúdos alusivos ao “gauchismo” publicados nestes sites e em suas *fanpages* em sites de relacionamento, e permitiu a inserção em outras redes, ampliando a pesquisa para universos até então inexplorados por mim e, principalmente, imprevistos nos projetos de pesquisa.

## 1 PARA COMEÇAR A “COMPREENDER” OS “GAÚCHOS”

Gaúcho, gauchismo, nativismo, telurismo, regionalismo, tradicionalismo. São inúmeros os termos associados às identidades e às culturas abordadas nesta pesquisa. A multiplicidade de interpretações sobre o que é “ser gaúcho”, por exemplo, foi assunto recorrente na pesquisa de campo. Importante ressaltar que na grande maioria dos livros sobre o tema, escritos por tradicionalistas e/ou por pesquisadores acadêmicos, “ser gaúcho” é sinônimo de “ser rio-grandense-do-sul”. Apesar de existirem alguns poucos trabalhos que abordem o assunto sob a perspectiva dos CTGs ou dos redutos de tradicionalismo e regionalismo nos mais diversos estados da federação, ainda assim frequentadores destas entidades são geralmente tidos como os “imigrantes”, frutos das diásporas<sup>5</sup> que teriam, segundo Oliven (2006), acontecido no final do século XIX e início do século XX.

A importância do que seria a “história” do tradicionalismo enquanto organização institucional é recorrentemente abordada por algumas das pessoas com quem conversei e citadas em cerimoniais de eventos que presenciei. Na Semana Farroupilha, por exemplo, durante uma Sessão Solene realizada na Câmara de Vereadores de Joinville a história do “Grupo dos Oito”, que descrevo adiante, foi ressaltada como um dos mais importantes acontecimentos “históricos”, que remontam ao surgimento ou à criação do tradicionalismo.

Conceitos como “cultura” e “tradição” também são repetidamente classificados por meus interlocutores, que recorrem a estas categorias como forma de requerer o reconhecimento da sociedade e dos grupos aos quais afirmam pertencer. Este primeiro capítulo se debruça sobre estes conceitos, presentes e recorrentes nos discursos de meus interlocutores.

---

<sup>5</sup> Este tema será abordado na seção “1.4. O tradicionalismo vai ganhando territórios”.

## 1.1. “Identidade” gaúcha, “cultura” gaúcha, “tradição” gaúcha: autorreferência - ser e pertencer

A identidade, uma palavra que *pra* mim contém dois significados. Um são aqueles números que nos foram dados, e assim sendo, nós perdemos o nome e a nossa casta. A outra identidade é aquela pela qual estamos todos juntos aqui esta noite. E eu considero a mais importante, porque é a nossa origem, é o que nos formou, e é de onde eu venho. É o que temos de mais valioso no fundo de nosso coração. Essa é a verdadeira identidade. Nós somos gaúchos e amamos esta terra. O nome deste trabalho se chama identidade.

(LUIZ MARENCO, DVD Identidade<sup>6</sup>, 2008)

Em uma publicação<sup>7</sup>, intitulada “Se o tempo não me dá respostas a todos os meus porquês, me permite descobrir a razão de ter me tornado um gaúcho!”, um de meus interlocutores resume publicamente o que acredita significar o “ser gaúcho”. Seu discurso evidencia sentimentos de coletividade e pertencimento, utilizados para descrever sua “autorreferência”, seu vínculo. Este tornou-se um tema recorrente nos trabalhos acadêmicos realizados sobre o “gauchismo” pois, como já foi dito, é particularmente uma das questões mais apresentadas por meus interlocutores e até mesma a mim, quando ainda representava o CTG Chaparral. Início esta seção com sua postagem pois, além de externar sua inquietude, ele decide fazê-lo publicamente, demonstrando a importância de se obter o reconhecimento que implica no “ser gaúcho”. Segue abaixo o texto na íntegra<sup>8</sup>:

---

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NFSz2qUJJooc>>. Acessado em 25/01/2016.

<sup>7</sup> Fonte: <http://www.chasquedoconhaque.com.br/chasque/?p=16781>. Acessado em 08/09/2014.

<sup>8</sup> Em todas as transcrições, mantive os erros ortográficos e os termos regionais para preservar o comentário por completo. Optei por não corrigir ou não reformular suas falas por compreender que trata-se de uma das características próprias de cada entrevistado, especificidade que pode refletir sua identidade e seu falar.

Não ter nascido no nosso Rio grande não me faz menos gaúcho, respeito o estado do RS e todos os *hermanos*. Mas aqui no Paraná tem também muitos bons gaúchos...porque o SER gaúcho é sim lida no campo e *caballos*, mas também é ter orgulho da raça, ser gaúcho é buscar a *historia* a base... ser gaúcho é ter sua assinatura no fio do Bigode, é honrar o que fala, honrar pai e mãe e sua *historia*, é ser amigo ser hospitaleiro *tchê*. Ser gaúcho é valorizar os apegos e pelear por eles sob qualquer condição. Ser gaúcho é lutar pelo coletivo e não pelo individual. Os grandes gaúchos da *historia* lutaram e derramaram seu sangue em *grande* revoluções e batalhas, sempre lutando pelos seus ideais. Nos dias de hoje gracias não temos esses confrontos, mas devemos pelear para manter viva a *historia* da raça livre dos modismos de hoje, por que é assim que essa cultura tem mais valor. (CHASQUE DO CONHAQUE, 2014)

A discussão veio à tona mais uma vez em conversa com outro interlocutor, Miguel Mafra. Ele argumenta:

Quando você fala assim: "tradição gaúcha": é *uns* cara chato, retrógrado, né? Passado, e com umas *bombacha*, eu não hoje, né, infelizmente nesse momento não *tô* pilchado. Que põe umas *roupa gaúcha* e se mete a ser um tradicionalista. Não!! Quem nasce no Rio Grande do Sul é gaúcho? Não!! Quem nasce no Rio Grande do Sul é Rio-grandense. Quem é o gaúcho? O gaúcho é aquele que leva as suas tradições, as suas, é... raízes... como tradicionalista. Aquele que cultua a tradição gaúcha. Lá dos povos antigos, Chile, Argentina, *cê* sabe disso... (MIGUEL MAFRA, 2014, informação verbal)

O fato de grande parte de meus interlocutores terem nascido em Santa Catarina poderia ser uma evidência de que somente os Catarinenses ou aqueles que não nasceram no Rio Grande do Sul defenderiam esta tese, mas esta é uma inverdade. Em campo, conversei também com diversas



peças que nasceram, sim, no Rio Grande do Sul, que utilizam o gentílico “gaúcho” para se referirem ao estado natal, mas que também defendem o conceito de “gaúcho” como alguém envolvido nestas “tradições”. O que evidenciam, e que parece ser constitutivo de sua teoria nativa, é que “ser gaúcho” é, também, afirmar o tempo todo que a identidade transcende fronteiras físicas.

Tamanha a importância dada ao conceito de “gaúcho”, e partindo do pressuposto delineado por Silva (2000), é preciso ressaltar que a questão da identidade, aqui, torna-se explicitamente uma forma de fazer referência a uma socialidade característica. Mais do que sobre identidade, trata-se de uma discussão sobre autorreferenciação. Neste caso, assim penso, “ser gaúcho” adquire significados que vão além de simplesmente “ser gaúcho”. Significa pertencer a algo, ser “alguém”. Para Bauman,

Perguntar “quem você é” só faz sentido se você acredita que possa ser outra coisa além de você mesmo; só se você tem uma escolha, e só se o que você escolhe depende de você; ou seja, só se você tem de fazer alguma coisa para que a escolha seja “real” e se sustente” (BAUMAN, 2005, p. 25).

Nesse sentido, é interessante observar o que escreve Juremir Machado da Silva em artigo publicado no livro “Nós, os gaúchos 2”. A obra reúne textos escritos por rio-grandenses-do-sul, e têm como temática a discussão de pensamentos sobre a sociedade rio-grandense e suas manifestações ideológicas, políticas, culturais, etc. Estes intelectuais, assim, reforçam a produção de uma teoria nativa. Silva questiona:

Questão de identidade? O positivista Emile Durkheim afirmou que “uma sociedade não é constituída simplesmente pela massa de indivíduos que a compõe, pelo solo que eles ocupam, pelas coisas que eles utilizam, pelo movimento que eles cumprem, mas antes de tudo pela ideia que ela se faz dela mesma”. As diferenças reais entre os habitantes do Rio Grande do Sul e os demais brasileiros, bem pesadas, são mínimas. A representação – a construção sociocultural – contraria as evidências empíricas. Nós somos gaúchos, mais do que tudo, porque queremos nos

ver no espelho dos imaginários como portadores de uma especificidade. (SILVA,1994, p. 114).

É, afinal, a diferenciação que exaltam em sua autorreferenciação, que enfatiza o que é ser gaúcho ou o que é ser tradicionalista. Identidade, identificação ou autorreferência são, por fim, trânsitos pelos quais os indivíduos passeiam. Silva completa:

A identidade reclamada pelo furor hegemônico do Estado-Nação e das utopias modernas transforma-se em identificação. Por vezes, somos gaúchos. Súbito, o vento sopra do fundo dos campos, fere-nos o rosto e enche-nos de imagens, fantasias, lendas e laços com o Rio Grande Gaúcho. (SILVA,1994, p. 116).

Essa ideia está implícita também no discurso do presidente do Movimento Tradicionalista Gaúcho do Rio Grande do Sul, quando o mesmo afirma que existem o que o mesmo chama de “tradicionalistas de ocasião”, que seria aquele indivíduo que

Enquanto ele *tá* ali ele é tradicionalista. Então quando tem alguém diz assim "ah, uma vez tradicionalista sempre tradicionalista", mentira! Mentira! Mentira das grossas! Tu *é* tradicionalista enquanto tu estiver engajado. Quando tu te *afasta* deixou de ser. (MANOELITO SAVARIS, 2014, informação verbal)

A observação que meus interlocutores fazem sobre estas formas de se autorreferenciar, lembram a noção de identidade apresentadas por Bauman em um contexto que o autor conceitua como “mundo líquido”. Para ele, as identidades são “descobertas”, como acreditávamos anteriormente. Neste “mundo líquido” as identidades seriam “inventadas”.

Sim, de fato, a “identidade” só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, um “objetivo”. Como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre as alternativas e então lutar por ela e

protegê-la lutando ainda mais – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta. (BAUMAN, 2005, pp. 21-22)

Há, no específico caso do gauchismo observado em campo e delineado por meus interlocutores, uma disputa eminente sobre estas nomenclaturas, sobre a questão de suas “identidades” ou suas formas de se autorreferenciar, que talvez seja melhor compreendida como uma busca por reconhecimento ou uma hegemonia, difícil de conceber do ponto de vista de uma comunidade imaginada, como podemos compreender o gauchismo. O conceito, apresentado por Benedict Anderson,

Ela é *imaginada* porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles. (ANDERSON, 1989, p. 32)

A “identidade gaúcha”, - que podemos melhor denominar como autorreferência – por assim dizer, ligada às “tradições” e aos “costumes” citados por meus interlocutores, que observo aqui do ponto de vista das “comunidades imaginadas”, tem como ponto inicial uma unanimidade entre pesquisadores da área e “nativos”: a de que o conceito era primariamente um termo pejorativo, utilizado em referência aos homens do campo nas regiões fronteiriças do Brasil com o Uruguai e a Argentina. Evaldo Muñoz Braz cita o termo *gaucho* como “nombre dado a los vaqueiros de las pampas de Argentina, Uruguay y sur de Brasil (Río Grande do Sul), jinetes hábiles e intrépidos” (BRAZ, 2000, p. 9). Para ele, foram as condições políticas e econômicas impostas pelos colonizadores que colocaram “tanto os gaúchos de antanho como os posteriores do século XIX como homens miseráveis, solitários e tristes, com indumentária vestida ao acaso, bóias frias daqueles tempos” (idem, ibidem, p. 9). Albeche, lembrando Saint-Hilaire, cita que para o viajante o gaúcho era “um homem que se encontra à margem da sociedade”

(ALBECHE, 1996, p. 33). Manoelito de Ornellas, assim como Braz, afirma que esta “marginalidade” é ocasionada pela colonização:

O gaúcho apareceu em condições sociais que nele determinaram a ausência de um conceito inerente à vida civil: o conceito de propriedade. Para ele a terra era de todos, como o ar e como a luz. O gado que pastava sobre os campos indivisos, também a todos pertencia. Adjudicar-se a uma extensão de campo ou considerar-se dono de uma parte do gado xucro, era, para o gaúcho, um crime de apropriação indébita, só tolerável sob a força militar, mas, assim mesmo, contrário às suas prerrogativas naturais. (ORNELLAS, 1948, p. 50)

Esta caracterização do gaúcho como um povo que não conhece o conceito de propriedade, diretamente relacionada ao socialismo, pode ainda remeter – como pontuou meu orientador – ao vocábulo francês *gauche* (esquerda, em português) caracterizando assim uma ligação entre um cunho “esquerdista” dos gaúchos, que teriam sido vistos como rebeldes ao contrariar conceitos capitalistas adotados pelos colonizadores, que “invadiram” terras que antes eram habitadas por povos “nômades”, como os gaúchos, as dividiram e as tornaram privadas.

As mesmas condições econômicas e políticas que deram ao gaúcho a imagem de rebelde utilizaram, mais tarde, estes estereótipos para conquistar apoio popular. Foi somente a partir da invenção do “mito do gaúcho”, conforme conceitua Daysi Lange Albeche, que o gaúcho passou a ser reconhecido como uma “identidade” digna de reconhecimento, como sendo algo a ser valorizado. Para a autora, trata-se de uma mitificação criada durante a época conhecida como República Velha, que compreende os períodos entre 1891 e 1930. O governo Castilhistas teria se inspirado nos combatentes da Guerra dos Farrapos para idealizar bravura e coragem no imaginário popular e buscar o apoio que queriam para os princípios coletivizadores positivistas que estavam implantando. Como primeira definição do que se tornava então, o “movimento tradicionalista, rio-grandense”, Barbosa Lessa ressalta esse caráter positivista da associação:

Tradicionalismo é o movimento popular que visa auxiliar o Estado na consecução do bem coletivo, através de ações que o povo pratica – mesmo que

não se aperceba de tal finalidade – com o fim de reforçar o núcleo de sua cultura; graças ao que a sociedade adquire maior solidez e o indivíduo adquire maior tranquilidade na vida em comum. (LESSA, 2008, pp. 80-81)

Segundo Albeche, isso pode ser mais bem compreendido se analisarmos a estrutura política da época em que se resgatavam essas imagens do gaúcho:

No contexto histórico da República Velha o discurso positivista irá retomar o núcleo simbólico da sociedade positivista de Auguste Comte com o objetivo de propagandear os seus “científicos” princípios republicanos. O mito do gaúcho na propaganda republicana é associado aos ideais da Epopeia Farroupilha, onde o culto aos gloriosos farroupilhas é homogeneizado como modelo de união e coesão da raça, de unidade moral e mental. A Epopeia Farroupilha, a exemplo dos ideais da Revolução Francesa, passa a ser símbolo de uma idade de ouro e de uma tradição exemplificada nos atos de bravura, conduta, honra, lealdade, liberdade, ordem e justiça, de que os positivistas se diziam continuadores. (ALBECHE, 1996, p. 17)

Albeche destaca ainda que

O gaúcho real não foi aceito pelo discurso republicano porque pertencia à desordem social ou a um “passado morto”. A imagem criada pelos republicanos era a do gaúcho representante do núcleo simbólico da tradição reordenada, modelo de liberdade, igualdade e humanidade modelado pela cidade buscando um fim coletivo. (ALBECHE, 1996, p. 144)

Os fins políticos de se retomar os ideais farroupilhas e o exemplo dos “bravos heróis” foram interiorizados de tal forma pela sociedade rio-grandense que, anos mais tarde, na criação de instituições de “preservação da memória tradicionalista”, estes princípios eram novamente exaltados, tidos naturalmente como sendo parte de sua “cultura”. Este, aliás, é outro

tema que perpassa as discussões que tive com meus interlocutores e que precisa ser discutido partindo do ponto de vista de meus “nativos”: o conceito de cultura. Trata-se de um termo muito utilizados por eles para se referirem às suas práticas, mas alguns deles também costumam utilizar o conceito do ponto de vista institucional. Miguel Mafra, com quem conversei durante a Semana Farroupilha de 2014 em Joinville, ressalta esta visão. Ele é natural de Barra Velha, em Santa Catarina, e proprietário do CTG Retiro Crioulo, em Araquari, outro município catarinense. Segundo ele, seu CTG existe há mais de trinta anos. Atualmente, ele dedica-se também à reprodução de cavalos da raça crioula, em uma cabanha própria, e também exerce a função de narrador de rodeios credenciado na Confederação Brasileira de Tradição Gaúcha, a CBTG.

Nós que vivemos num país onde a cultura hoje é menosprezada, gente! Nós sentimos isso. Eu sinto isso todos os dias. Até porque tive programa de rádio, televisão, focado na tradição gaúcha. Mas o que que é a cultura desse país? Alguém define? Alguém sabe o que é cultura? Não. Nós temos a cultura da dança, o folclore, não sei o que, tal, ninguém define, e nós sabemos que tem um ministério chamado Ministério da Cultura... O que que ele faz nesse país? Nada!! Isso aqui é para ter um representante do município, e que não tem ninguém. Um representante do Estado... talvez até do Ministério da Cultura, um representante... não tem... O que falta realmente é alguém que assuma de punho de ferro, e o seguinte: eu sou o Ministro da Cultura! O que é cultura no país? Ler livro, fazer exposição do A, do B, do C, enfim... ser algo mais que nós não temos. Infelizmente a cultura no país que é o berço e a base do desenvolvimento do ser humano, né, nós não temos... não vou aqui entrar no mérito da política, *tá?* Mas eu acho quer um país ele se desenvolve através da cultura. A cultura transcreve qualquer ser humano. Precisamos investir na cultura desde a base. *Vamo pra base?* É na base que começa! Mas a cultura no Brasil entristece.

**Ariete?:** Me diga porque?

**Miguel Mafra:** Porque não há incentivo. Porque não há disponibilidade como há em outros setores.

A cultura precisa, a cultura brasileira precisa de alguém que possa colocar, dar o respaldo. Se vê um monte de gaúcho, um monte de gente de bombacha, mas é uma cultura... *Cê tá pilhada, não tá?* Cadê o representante da cultura gaúcha aqui? Não tem! Essa *pequeninita* aqui, ó... Precisa de cultura. Ah, mas ela não vai ser uma gaúcha, ela vai ser uma alemã, vai ser uma italiana, né... como é que chama isso aí, as etnias... não interessa, é tudo cultura, *véio*. E ela começa da base. Nós não temos base. Esse país não tem base de cultura *pra* encerrar com você. O país precisa investir em cultura! O país precisa investir em gente jovem! E eu brigo por isso. Eu quando uso a palavra no microfone que dão a oportunidade, eu falo isso. Como disse aqui. A base da cultura. (MIGUEL MAFRA<sup>9</sup>, 2014, informação verbal)

O diálogo acima mostra que cultura, muitas vezes, pode ser vista como um “órgão”, uma instituição, que ampara e incentiva práticas artísticas, e/ou “culturais”. Apesar de ser somente uma visão primária sobre o conceito de cultura, a explanação de Tylor pode elucidar sinteticamente o que a antropologia começou a considerar como sendo aquele que é seu principal objeto de estudo:

Cultura ou Civilização, tomada em seu mais amplo sentido etnográfico, é aquele todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem na condição de membro da sociedade. (TYLOR, 2005, p. 69)

Tylor apresenta uma visão um tanto quanto evolucionista de cultura, o que hoje - ao menos academicamente falando – é um tipo de pensamento bastante questionável. Apesar disso, sua interpretação reflete uma recorrência do senso comum para o que seria a “cultura”. Para Kuper, “em seu sentido mais amplo, cultura é simplesmente uma forma de falar sobre identidades coletivas.

---

<sup>9</sup> Entrevista realizada em 20 de setembro de 2014, durante as comemorações da Semana Farroupilha de Joinville, no Piquete Chaleira Preta.

(KUPER, 2002, p. 24). Com o relativismo, fomos apresentados a uma nova forma de pensarmos o tema, com a proposição de ligarmos as diversas culturas em uma mesma perspectiva. Segundo DaMatta,

É justamente porque compartilham de parcelas importantes desse código (a cultura) que um conjunto de indivíduos com interesses e capacidades distintas e até mesmo opostas, transformam-se num grupo e podem viver juntos sentindo-se parte de uma mesma totalidade. (DAMATTA, 1981, p. 2)

Carneiro da Cunha compartilha da ideia de DaMatta e defende que

A “cultura” é por definição compartilhada. Quando traduzida em termos vernaculares, supõe um regime coletivo que é sobreposto àquilo que anteriormente era uma rede de direitos diferenciais. Assim, o uso de “cultura” tem um efeito coletivizador: todos a possuem e por definição todos a compartilham. (CUNHA 2009, p. 363)

Assim, ainda compreendendo que a interpretação de meus interlocutores para “cultura” refere-se geralmente a uma institucionalização, faz-se necessário discutir a origem destes pensamentos, ou seja, o surgimento do Tradicionalismo Gaúcho. É justamente a criação de lugares de representações gauchescas, dedicado à “preservação” de suas “tradições”, que contribui para reforçar essa ideia. Trata-se do que Manuela apresenta como sendo “cultura”, com aspas, em oposição ao conceito de cultura sem aspas. Segundo a autora,

Falar sobre a “invenção da cultura” não é falar sobre cultura, e sim sobre “cultura”, o metadiscurso reflexivo sobre a cultura. O que acrescentei aqui é a coexistência de “cultura” (como recurso e como arma para afirmar identidade, dignidade e poder diante de Estados nacionais ou da comunidade internacional) e cultura (aquela “rede invisível na qual estamos suspensos”) gera efeitos específicos. (CUNHA 2009, p. 373)



O tradicionalismo, na visão institucionalizada de meus interlocutores, faria assim parte de um todo que poderíamos chamar “cultura”. Para Geertz “cultura” é algo que não se dá na mente humana, mas no compartilhamento dinâmico da sociedade. O autor define cultura como uma construção de significados, produzida pelos próprios indivíduos que a compartilham. Para o autor, a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles (os símbolos) podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade” (GEERTZ, 1973, p. 24). Kaiser, inspirado em Geertz, afirma que “cultura nomeia e distingue um fenômeno único: a organização da experiência e da ação humana por meios simbólicos” (KAISER, 1999, p. 72). Nesse sentido, é possível concluir que a “invenção” do tradicionalismo, por assim dizer, originou todo um sistema de significados que hoje são compartilhados por diversos segmentos, como os chamados “tradicionalismo” e “nativismo” (que analisarei na próxima seção).

## **1.2. Gauchismo, tradicionalismo, nativismo e outras “denominações”**

Nesta seção, busco discutir as ideologias dos movimentos os discursos de meus interlocutores, procurando em entrevistas e conversas informais o que eles descrevem como sendo gauchismo, regionalismo, nativismo, tradicionalismo, etc. Por mais que o termo “gauchismo” seja recorrente neste trabalho e em outras referências utilizadas, o conceito tem sido bastante questionado<sup>10</sup>, especialmente por pessoas que convivi

---

<sup>10</sup> Inicialmente, eu tinha em mente que o conceito de gauchismo abrangeria perfeitamente um grupo que se autorreferencia como “gaúcho”, sendo “nativista”, “tradicionalista”, “regionalista”, etc. Ao ser questionada, e advertida, de que “gauchismo” não seria um termo adequado, observei que isso implicaria significativamente na forma como eu utilizaria as referências empíricas e analíticas no texto da dissertação. Assim, optei por continuar me referenciando ao gauchismo e, ao mesmo tempo, utilizando muitas vezes as nomenclaturas sugeridas por meus interlocutores, como “tradicionalismo” ou “tradição gaúcha”. Considero que falar em “tradicionalismo” sem citar o movimento social enquanto instituição pode ser tão complexo quanto utilizar um conceito (o de gauchismo) que ainda não foi profundamente analisado.

por ocasião da pesquisa de campo. Na entrevista que realizei durante a Semana Farroupilha em Joinville, Miguel Mafra me advertiu quando expliquei o tema de minha dissertação. Resumidamente disse a ele que estava fazendo um trabalho sobre o gauchismo em Joinville, no que ele interveio:

Miguel Mafra: A tradição gaúcha em Joinville!  
Ariete: É errado falar gauchismo?  
Miguel Mafra: Não é errado, mas o termo mais correto é tradição gaúcha no norte do estado de Santa Catarina, e... especialmente na cidade de Joinville, né? (MIGUEL MAFRA, 2014, informação verbal)

Em outra entrevista, dessa vez com o presidente do MTG do Rio Grande do Sul, tive mais uma vez um exemplo da contrariedade do conceito. Segundo Manoelito Carlos Savaris,

Gauchismo não existe. Gauchismo, né? Mesmo que a gente use, e eu uso esse termo também, mas ele não existe. Ele não é possível de ser definido. Ainda não. Talvez um dia seja. O que nós podemos definir é o regionalismo, que de alguma forma pode ser gauchismo, mas regionalismo é um conceito literário, *tá?* Então é assim, manifestações regionais, de cunho regional... que se limitam à região. E região não é só Rio Grande do Sul, *tá?* Esse regionalismo ele transcende o Rio Grande do Sul e pega Santa Catarina, também, parte do Paraná, parte do Mato Grosso... seria uma região de influência de uma cultura criada em cima do campeirismo. E em cima disso se cria um regionalismo, que tem um linguajar próprio, tem quase que um vocabulário próprio... é um conceito literário, *tá?* Regionalismo. Aliás, se tu pegar a literatura tu *vai* encontrar esse conceito lá na literatura, *tá?*

Regionalismo, por sua vez, “provém da palavra região, significa algo referente a uma divisão territorial, quer nos usos, nos costumes, na cultura” (CLEMENTE, 1996, p. 13).

Assim percebi que as nomenclaturas, para os gaúchos com quem conversei, é tema de fundamental importância<sup>11</sup>. As abordagens que meus interlocutores fizeram sobre minha utilização do termo “gauchismo” evidencia também que as discussões avançam questões sobre “o que é ser gaúcho” ou sobre divergências entre movimentos (tradicionalismo, nativismo, etc.). Apesar de muitos deles me dizerem que o correto é falar em tradição gaúcha, e no lugar de gauchismo eu tê-los visto empregar inúmeras vezes o termo “tradicionalismo”, é preciso fazer aqui uma discussão sobre estes conceitos, do ponto de vista destes “nativos” e dos pesquisadores que já se debruçaram sobre o tema. A generalidade, a qual me refiro recorrentemente como “gauchismo”, e que alguns de meus interlocutores preferem chamar de “tradicionalismo”, apesar de complexa, é muitas vezes necessária. Ao menos na escrita dessa dissertação, preferi utilizar esta forma de referenciar o “todo” que englobou minha pesquisa de campo. Para generalizar, neste caso, compartilho da ideia de Patrícia Silva Osorio, que pontua que

reconhecer a generalidade de tais características não equivale a negar o seu teor aproximativo. A aproximação é dada na medida em que os indivíduos são protagonistas de eventos particulares e de processos de autoconstrução de imagens que expressam noções e comportamentos capazes de uni-los. Os envolvidos nos processos culturais aqui analisados ressaltam a existência de um “nós”. A maneira como a ideia do “nós” é acionada apresenta diferentes matizes. (OSORIO, 2012, p. 72)

É difícil precisar quando foi a primeira vez que ouvi falar em “gauchismo”, como esse “todo” em que pretendo inserir meu campo de pesquisa. Esta ideia, porém, advém do claro incômodo que tive ao perceber que, na monografia apresentada para a conclusão da graduação, generalizei todos os meus interlocutores, todos os eventos frequentados e todo o campo observado como sendo “tradicionalismo”. Compreendi,

---

<sup>11</sup> Como bem pontuou meu orientador, é preciso lembrar também que “a ‘nomenclatura’, como em todo ‘movimento social’ [é] objeto de disputa e de uma disputa que serve para posicionar e acomodar as pessoas em segmentos que lhes são mais convenientes ou interessantes”.

tardiamente, que nem todo gaúcho é tradicionalista, ou seja, “qualquer um” pode se aproximar do gauchismo, frequentar bailes, rodeios, etc., se pilchar, ouvir músicas gauchescas e ter outras tantas práticas que poderiam ser caracterizadas como gauchescas. Isso não os coloca, porém, na condição de “tradicionalistas”. Utilizo, então, a definição proposta por Ceres Karan Brum:

Sob o signo de gauchismo, desejo incluir a diversidade de pessoas e grupos que se identificam de variadas formas com a exaltação do que se referem como usos e costumes regionais e que os acionam como critério de definição (...). Com a utilização deste termo, pretendo englobar uma gama de manifestações e sujeitos que efetuam a apropriação da figura do gaúcho na produção de suas representações. (BRUM, 2006, p. 37)

Ou ainda, como resumido por Maria Eunice Maciel, “*grosso modo*, gauchismo é tudo aquilo que tem a ver com o gaúcho, ou seja, as manifestações e práticas culturais que possuem seu eixo na figura do gaúcho” (MACIEL, 2005, p. 448).

Ao observamos o *tradicionalismo*, veremos que as condições para essas práticas são bem mais rigorosas. Como regra, um tradicionalista deve ser filiado a uma entidade tradicionalista (um Centro de Tradições Gaúchas, um Piquete, um Grupo Folclórico, etc.), e esta entidade deve ser filiada ao Movimento Tradicionalista Gaúcho e ter suas contribuições monetárias (como anuidade) em dia. Além disso, para qualquer prática desenvolvida dentro da entidade da qual é filiado, ele deve seguir as regras impostas pelo MTG. Ou seja, todos os aspectos<sup>12</sup> do tradicionalismo praticado nos CTGs e demais instituições devem seguir normas que regulamentam desde a altura do salto da sapatilha das *prendas*, os tecidos utilizados para a confecção das *pilchas*, até o porte de facas durante as provas campeiras, etc. Conforme observa Patrícia Silva Osorio,

Para tornar suas reinvenções autênticas, eles estão em um permanente estado de vigilância. A autenticidade é garantida pela invenção de regras

---

<sup>12</sup> Aqui trato os aspectos da “cultura” enquanto categoria nativa, determinada pelos regulamentos e Carta de Princípios dos MTGs.

que ditam o “certo” e o “errado”. O estado de alerta é constante, como se a tradição fosse algo muito efêmera, um líquido que pudesse escorrer a qualquer momento pelos dedos do tradicionalista. O frequentador do CTG pretende ser a concretização de um passado associado ao universo rural. Ele é a encarnação da tradição. Daí a importância do uso de roupas, da utilização de um linguajar típico e da promoção de rituais que objetivem reviver o passado através da apropriação de símbolos identificados com este tempo. (OSORIO, 2012, pp. 77-78)

Mas antes de adentrar nestas discussões gostaria de apresentar as formas com que as pessoas e os textos analisados definem o que seria “tradicionalismo”. O “Movimento Tradicionalista” tal qual conhecemos hoje parece ter se constituído efetivamente em função do que se poderia chamar de “institucionalização do gauchismo”, determinando assim suas regras e normas. Segundo Savaris, trata-se de “uma ideologia cujos fundamentos são encontrados nas crenças, nos valores, nos princípios e na tradição da sociedade gaúcha” (SAVARIS, 2008, p. 196). A criação do “35 CTG”<sup>13</sup> em 1948 e, posteriormente, do MTG do Rio Grande do Sul, fundado em 27 de novembro de 1967, são relevantes neste sentido.

Há, porém, eventos antecessores que já conduziam a um resgate da cultura da campanha e a valorização de elementos estéticos e culturais que caracterizariam o gaúcho. Como exposto por Santi (2004), a primeira expressão de força no tradicionalismo teria sido a criação da Sociedade Partenon Literário, em 1868 na cidade de Porto Alegre, segundo Santi, composta por escritores e intelectuais. A Sociedade publicava a Revista do Partenon Literário, que exaltava o gaúcho em poesias e prosas. Mais tarde, em 1898, o Major João Cezimbra Jaques fundou o Grêmio Gaúcho de Porto Alegre que, segundo Oliven (2006), recriava o ambiente do campo em eventos sociais como os bailes, os desfiles, entre outros. Santi (2004) cita também outras instituições: a União Gaúcha de Pelotas, criada em 1899, o Centro Gaúcho de Bagé, de 1899, o Grêmio Gaúcho de Santa Maria, fundado em 1901, a Sociedade Gaúcha de Lomba Grande, de 1938, e o Clube Farroupilha de Ijuí, datado de 1943.

---

<sup>13</sup> É o primeiro CTG de que se tem notícias. O nome homenageia o ano de início da Revolução Farroupilha (1835).

Desde o que estou chamando de “institucionalização”, o “tradicionalismo gaúcho” passou por fases distintas que foram, de maneira crescente, possibilitando uma maior divulgação dos seus costumes. Paixão Côrtes e Barbosa Lessa podem ajudar a entender melhor o contexto dos movimentos pelos quais a cultura tradicionalista gaúcha passou. Segundo Côrtes,

Em fins da década de 40, o povo gaúcho, a massa popular citadina, parecia ignorar seu próprio patrimônio cultural-tradicionalista e estava algo alheio às coisas do passado nativo.

Diziam que o Rio Grande estava tratando de seu desenvolvimento e não podia “desperdiçar” tempo com assuntos do passado. Os tempos exigiam “novos rumos”.

Sobre nossas coisas: NADA ou quase nada!  
(CÔRTEES, 1994, p. 37)

Ele conta ainda que

Os veículos de comunicação escolar mostravam-se saturados dos estrangeirismos.

Foi frente a esse impasse que se iniciou em Porto Alegre, em agosto de 1947, um movimento ginasiano de proselitismo de todas as camadas sociais, de todos os segmentos étnicos em favor das tradições gaúchas, integradas à cultura brasileira. Esse movimento começou no Colégio Júlio de Castilhos, onde, com vinte anos, fundei, com um grupo de jovens companheiros, o Departamento de Tradições Gaúchas, junto ao Grêmio Estudantil. (Idem, *ibidem*, p. 42)

O objetivo do departamento, segundo Côrtes, era “preservar, desenvolver, proporcionar uma revitalização à cultura rio-grandense, interligando-a, mais valorizada, no contexto da cultura brasileira” (idem, *ibidem*, p. 43). Assim surgiu a ideia de realizar um evento que envolvesse outras pessoas, e que desse visibilidade aos ideais que estavam buscando, de resgate a costumes do passado. Paixão Côrtes propôs ao Governo Estadual uma festividade que se estendesse desde o sete até vinte de setembro, “as datas mais significativas para os gaúchos” – dia sete,

quando se comemora a Independência do Brasil, e dia vinte, início da Revolução Farroupilha. Chamou-a de Ronda Crioula. Em 4 de setembro de 1947, ele enviou uma carta à Liga de Defesa Nacional que pedia autorização para a realização do evento. Transcrevo abaixo a íntegra do documento:

Prezado Senhor

O Grêmio Estudantil do Colégio Júlio de Castilhos, órgão que congrega os estudantes deste educandário, tem a satisfação de levar ao seu conhecimento a fundação do “DEPARTAMENTO DE TRADIÇÃO GAÚCHA”, destinado a estimular o desenvolvimento, por meio de reuniões culturais, sociais, recreativas, da belíssima tradição de nossos heróis do passado, incentivando a nossa juventude a que eleve sempre, e cada vez mais alto, a chama do amor pátrio.

Desejando colaborar com essa patriótica Liga nas homenagens que amanhã serão prestadas ao bravo soldado farroupilha, Gal. David Canabarro, vimos organizar uma comissão de estudantes deste estabelecimento que, caracterizada com os trajes de nossos intrépidos gaúchos, na respectiva montaria, irá receber e acompanhar os restos mortais do grande herói que reverenciamos.

Dentre as iniciativas deste Grêmio por ocasião dos festejos comemorativos da “Semana da Pátria”, destaca-se a colocação de uma “Pira” no interior de nosso colégio.

Dia 7, data em que comemoramos a festa magna da Pátria, faremos transportar para o nosso estabelecimento o mesmo fogo simbólico que, em Pistóia iluminava nossos destemidos “pracinhas”. Permanecerá acesa a chama de 7 a 20 deste mês – período este denominado “Ronda Gaúcha” – e será extinto na grande festa que promoveremos para encerrar brilhantemente os festejos.

Sendo o que nos oferece, com os nossos devidos protestos de alta estima e distinta consideração, subscrevemo-nos.

Atenciosamente,

João Carlos de Paixão Côrtes  
Pelo “Departamento de Tradições Gaúchas”  
(CÔRTEZ, 1994, p. 48)

Segundo Côrtes, foi então que naquele 07 de setembro de 1947, ele retirou uma centelha da Chama da Pátria e transformou-a no que hoje é conhecido como Chama Crioula. A escolha do dia 20 deve-se à data tida como “oficial” do início da Revolução Farroupilha. Nesta data, em 1835, os soldados republicanos (ou farrapos) teriam invadido a ponte da Azenha, em Porto Alegre, e iniciado um confronto com a Guarda Imperial, tomando o Palácio Piratini (sede do governo) e decretando o começo da Guerra dos Farrapos. Nota-se fortemente a ligação com o militarismo e a devoção aos “heróis” da Revolução, tal como pregavam os positivistas. “A ideia da criação de festas e datas cívicas se encontrava no pensamento de Auguste Comte” (ALBECHE, 1996, p. 55). A autora cita ainda que durante o governo de Júlio de Castilhos, no Rio Grande do Sul, os eventos e instituições alusivas ao gauchismo ou ao “mito do gaúcho” estavam relacionados diretamente à ideologia da política no poder:

Um exemplo foi a criação do *Grêmio Gaúcho de Tradição*, em 1898, por João Cezimbra Jacques. A agremiação, juntamente com a Força Policial, atuou na propaganda e justificação da ordem republicana no Rio Grande do Sul. (Idem, *ibidem*, p. 55)

O desejo de pertencimento e de exaltação a uma “cultura local” levou, assim, à criação de um evento que permanece sendo realizado anualmente até hoje, atualmente chamado de Semana Farroupilha. “Logo, identifica-se a tendência de inserir o gaúcho rio-grandense numa sociedade homogeneizada, tida como nova, onde todos cultivam os mesmos ideais, hábitos e costumes” (idem, *ibidem*, p. 26). Antes disso, segundo Côrtes,



Não se tomava mate publicamente e nem havia churrascarias comerciais, não se tocavam as músicas nativistas e nem se vestiam roupas tradicionalistas. Tudo isso estava escondido nos galpões. (...) Até 1947, nas cidades, esse gaúcho era tachado de grosso, caipira. A própria sociedade rural do interior não valorizava seus elementos nativos (CÔRTEZ, 2007, p. 09)

Essa situação se estendeu por vários anos. Oliven reforça o relato de Paixão Côrtes, citando que “no final da década de setenta era voz corrente que a tradição gaúcha estava em vias de extinção ou que se encontrava reduzida a bolsões de tradição e folclore” (OLIVEN, 2006, p.11). O enfraquecimento da cultura, segundo ele, foi intensificado pela tomada do poder nacional pelos militares, durante a ditadura. O objetivo deles era, aos poucos, provocar a integração do país:

Os militares que tomaram o poder em 1964 promoveram uma modernização conservadora que ocasionou uma gradativa centralização política e econômica. Isso significou, entre outras coisas, que a televisão brasileira com suas novelas passou a alcançar um número crescente de domicílios promovendo o que se imaginava, uma cultura cada vez mais nacional. Considerando que o Rio Grande do Sul tornou-se um estado industrializado, em que a grande maioria da população é urbana, pensava-se que não haveria muito espaço para a figura rural e equestre do gaúcho (OLIVEN, 2006, p.11).

O que o governo militar queria, porém, foi ignorado pelo “grupo dos oito<sup>14</sup>”. O desejo nacional de integração cultural era influenciado pela cultura norte-americana, que ganhara força ao fim da Segunda Guerra Mundial, com suas transformações sociais e modismos lançados. Côrtes descreve que

---

<sup>14</sup> Grupo dos Oito: Como ficaram conhecidos os garotos que participaram da cavalgada de abertura da primeira Ronda Crioula, no traslado do corpo de Canabarro.

queria a juventude o direito de fixar as coisas das raízes rio-grandenses, de valorizá-las, de protegê-las, sem insurgir-se contra o desenvolvimento, o progresso, a liberdade, o bem-estar social e a evolução. Queriam estes rapazes dizer: presente, estamos aqui! Este lugar é nosso! Sabiam o que queriam e tomavam postura, resolutos. Não só cobravam! Vivia-se 1947! (CORTES, 2001, p. 8).

A Ronda Crioula que homenageou Canabarro deu ânimos aos jovens que, passadas as festividades, começaram a realizar reuniões na casa de Paixão Côrtes, devido principalmente ao pouco espaço disponibilizado pelo colégio. As mateadas logo reuniram mais pessoas e, em 1948, 24 integrantes do departamento decidiram criar um Centro de Tradições Gaúchas, o primeiro que se têm notícias, chamado 35 CTG<sup>15</sup>. Edison Acri lista alguns dos garotos que participaram da fundação do 35:

Em 24 de abril de 1948 no portão da residência da família Sinch, na rua Duque de Caxias, hoje um grande edifício, eles fundaram o “35” Centro de Tradições Gaúchas, hoje na Avenida Ipiranga, 5200. E assim surge oficialmente o primeiro CTG do Rio Grande do Sul. Entre os fundadores estavam: Glaucus Saraiva, Barbosa Lessa, Paixão Côrtes, Ciro Dutra Ferreira, Flávio Ramos, Flávio Damem, Mário Vieira, Cândido da Silva Neto, Laerte Vieira Simch e Waldomiro Sousa, o único com mais de vinte anos (ACRI, 1985.p.166-167).

A partir deste momento, criou-se um lugar de propagação e de preservação da memória e costumes gaúchos. Segundo Oliven, a maioria dos fundadores do chamado tradicionalismo

eram descendentes de pequenos proprietários rurais de áreas pastoris de latifúndio, ou de estancieiros em processo de descenso social e que vieram à capital para estudar. Esse dado é significativo porque mostra que os fundadores do MTG, embora cultuem valores ligados ao latifúndio, não têm origem na oligarquia rural. Ele

---

<sup>15</sup> O nome homenageia o ano de início da Revolução Farroupilha (1835).

evidencia também que o tradicionalismo, desde seu começo, é um movimento urbano que procura recuperar os valores rurais do passado. (OLIVEN, 2006, p. 108)

Logo os CTGs se expandiram pelo Rio Grande do Sul e pelo país, e foi necessária a criação de um órgão superior, que regulamentasse e fiscalizasse as atividades. Com esse objetivo foi fundado o Movimento Tradicionalista Gaúcho, em 27 de novembro de 1967. Conforme conceitua Savaris,

Tradicionalismo é uma estrutura criada, regrada, *tá*, que não tem nada a ver com sentimento, não tem nada a ver com história, não tem nada a ver com sociedade... Tem a ver com uma estrutura de relações sociais. É uma estrutura. O tradicionalismo é uma estrutura criada, que tu *pode* terminar com ela hoje. E o sentimento nativista permanece exatamente o mesmo. Então é uma estrutura que tem regras, criada *pra* isso, ou seja, é uma espécie assim, de casa, o tradicionalismo é uma casa dentro da qual há uma facilidade de expressar o seu nativismo, os seus sentimentos de... vinculados à terra... O regionalismo é valorizado ali... A cultura local teme espaço privilegiado, então é uma casa. O tradicionalismo é a estrutura, *tá*? Então o tradicionalismo é feito de soldados que voluntariamente se alistam nele. Então o tradicionalista é um cara, é uma pessoa que vai lá e chega lá no CTG e diz assim, ó: Quero me alistar nesse exército!

O tradicionalismo gaúcho, assim, configura-se como um movimento urbano, inventado para a “preservação” dos costumes do campo. Aqui, utilizo do argumento de Hobsbawn e Ranger sobre a invenção das tradições, para contextualizar o que acredito pertencer à mesma linha de raciocínio. A opção por citar seguidamente autores de escolas diferentes, é preciso ressaltar, objetivo unir suas teorias em prol de um discurso que pretendo construir seguindo suas observações pontuais. Assim, no que acredito poder se aplicar ao caso gaúcho, os autores dissertam sobre a invenção das tradições:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente: uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (HOBSBAWM e RANGER, 1984, p. 9)

Roy Wagner também colabora com a ideia de “invenção”, desta vez em se tratando de cultura, e não de tradições. Isso nos ajuda a compreender que a invenção é muitas vezes inconsciente, uma “realização espontânea e criativa da cultura humana” (WAGNER, 2012, p. 110). Para ele, “toda experiência dotada de significado, e portanto toda experiência e todo entendimento, é uma espécie de invenção” (Idem, ibidem, p. 109). Assim, todos inventamos, e as criações que fazemos interferem no nosso ambiente e modificam nossas culturas, que “existem em razão de terem sido inventadas e em razão da efetividade dessa invenção” (Idem, ibidem, p. 56). Sobre as invenções tradicionalistas, Osório lembra que “muitos dos seus rituais são criações do MTG e datam de um tempo recente. As criações têm autoria e estão cercadas de todo um aparato burocrático de atas, registros e manuais que ditam o como fazer” (OSORIO, 2012, p. 82). Maria Eunice Maciel considera também tratar-se de um processo comum no que tange à construção do que a autora chama de “identidades sociais”. Segundo ela, neste processo,

determinados elementos culturais são escolhidos para representar o grupo – aqueles que são percebidos como os mais “característicos” (próprio de), tornando-se assim, emblemáticos. Em geral, esses elementos são buscados no passado do grupo, em um modo de vida em vias de desaparecimento, senão já desaparecido, ou seja, daquilo que é conhecido geralmente como tradição. (MACIEL, 2005, p. 445)

O próprio Barbosa Lessa, colega de Paixão Côrtes desde a época em que estudavam juntos no Colégio Júlio de Castilhos em Porto Alegre

e um dos fundadores do Movimento Tradicionalista, quando planejaram o Departamento de Tradições Gaúchas que mais tarde daria origem ao primeiro CTG que se tem registro, escreveu sobre a “invenção destas tradições”:

E como é o vestido das moças? Como modelo aproximado, só havia os vestidos caipiras, das festas juninas de São Paulo, ou as “folhinhas” anuais distribuídas pela Cia. Alpargatas na Argentina. Paixão Encasquetou que deviam ser vestidos compridos até os tornozelos; eu argumentei que nós, rapazes, estávamos trajando nossas costumeiras bombachas, não carecia que as moças se voltassem para tão longe nos *antigamentes*; isto não chegou a ser posto em votação, mas o bigodudo Paixão nos venceu pelo cansaço... (LESSA, 2008, p. 66)

Mas apesar de Barbosa Lessa, integrante deste mesmo “grupo dos oito” e um dos fundadores do tradicionalismo, ter inclusive admitido a invenção indiscriminada de alguns “costumes”, entre os meus interlocutores a prevalência continua sendo uma visão romantizada e estereotipada do que seriam seus “costumes”, suas “tradições”. Talvez pelo predomínio da chamada “linha de pesquisa Paixão Côrtes” no MTG-SC, e da ignorância ou da negação de outras pesquisas e tendências.

Isso leva a uma constatação que tive ainda durante a pesquisa de campo que realizei para a conclusão da graduação: em geral, os frequentadores de CTGs ou de Invernadas Artísticas filiados ao Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) e seguidores de suas regras e normas – ao menos em parte – eram mais críticos no que diz respeito às normas. Integrantes das Invernadas, por exemplo, defendiam a utilização exclusiva de uma indumentária desenhada por Marina Paixão Côrtes, pois assim era desejado pelo MTG de Santa Catarina. Ao mesmo tempo, o Movimento Tradicionalista Gaúcho do Rio Grande do Sul adotava regras muito diferentes para a execução das mesmas danças e confecção das pilchas (como é chamada a indumentária gaúcha). Enquanto os catarinenses aprendiam a coreografia de uma música “inédita” (CÔRTEZ, 2008) que integraria o concurso estadual naquele mesmo ano, os rio-grandenses-do-sul aceleravam o ritmo das músicas já consagradas nos concursos que realizavam. Os vestidos das prendas rio-grandenses-do-sul

eram uniformizados, enquanto o MTG-SC defendia a utilização de modelos e cores bastante variadas em uma apresentação artística.

### **1.3. A normatização como campo de disputas**

Já na pesquisa de campo que realizei em 2010 percebi que o tradicionalismo praticado em Santa Catarina era “diferente”, em vários aspectos, do praticado no seu estado de “origem<sup>16</sup>”, o Rio Grande do Sul, e que em cada estado o tradicionalismo se apresentava de maneira distinta. Isso se deve, em muito, pelo que meus interlocutores chamam de “linhas de pesquisa”: o MTG-SC adota regras e padrões baseados principalmente nas publicações de Paixão Côrtes e quase ignorando a existência do Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore, no Rio Grande do Sul. Este Instituto, por sua vez, é administrado pelo governo, e teve bastante influência da família Fagundes no Rio Grande do Sul, além de possuir uma tendência mais “atualizada” com relação às tradições. O MTG-RS, em seus concursos e festivais, permite indumentárias uniformizadas, com prendas e peões utilizando as mesmas cores, e até mesmo o uso de tecidos sintéticos e adornos mais tecnológicos, incluindo apliques nos tecidos, muitos dos mesmos itens que são proibidos no MTG-SC, que segue à risca os manuais de vestimenta escritos por Marina Paixão Côrtes.

Para ilustrar esse pensamento, exibo duas fotografias, que eu também já havia analisado na monografia apresentada para a conclusão da graduação. Uma das fotografias demonstra as pilchas consideradas “corretas” pelo MTG de Santa Catarina, que adota o “estilo” Paixão Côrtes. Note que as cores dos vestidos são diversificadas e eles possuem pouquíssima armação. As peças são confeccionadas com tecidos lisos com detalhes estampados, ou vice-versa. A armação é confeccionada com algumas camadas de tecido em algodão, não sendo permitida a utilização de filô. Os tecidos sintéticos (seda, cetim, etc.) não são permitidos na confecção dos vestidos, exceto em pequenos detalhes. Esta imagem retrata as prendas do grupo Amigos da Tradição, de Itajaí – SC, em apresentação no Festival Catarinense de Arte e Tradição Gaúcha (Fecart) de 2008, em Piratuba – SC.

---

<sup>16</sup> Refiro-me à origem do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) enquanto organização institucional e reguladora.



*Imagem 1 - Grupo Folclórico Amigos do Chimarrão, filiado ao MTG-SC, se apresenta na Semana Farroupilha de Joinville em 2014 com pilchas de cores e modelos diferentes uns dos outros.*

A segunda imagem exibe um grupo de prendas da internada artística do CTG Aldeia dos Anjos, de Gravataí – RS. A primeira grande diferença, se compararmos à imagem anterior, trata da “uniformização” das pilchas. Todos os vestidos possuem o mesmo modelo, as mesmas cores, as mesmas “estampas”. Há, ainda, a padronização no detalhe de flores aplicadas em todos eles. Esta é uma prática abolida pelo MTG de Santa Catarina, que adota os modelos desenhados por Marina Paixão Côrtes, mas comum no Rio Grande do Sul, onde as regras são ditadas pelo Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (IGTF). O tecido que compõe a maior parte do vestido é o cetim. Possui cor prateada e efeito sintético. A exuberância nos vestidos apresentados abaixo está em conformidade com o MTG-RS. Esta imagem foi feita durante a realização do Encontro de Arte e Tradição Gaúcha (Enart) de 2009, evento maior da arte tradicionalista no Rio Grande do Sul, organizado pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho do estado. No blog de onde a imagem foi retirada, inclusive, na postagem<sup>17</sup> de título “Prendas do CTG Aldeia dos Anjos

---

<sup>17</sup> Fonte: <<http://carolinarossa.blogspot.com.br/2012/02/prendas-do-ctg-aldeia-dos-anjos-usaram.html>>. Acessado em 04/02/2016.

usaram vestido de tecido prateado no Enart”, a autora do *post*, Carolina Rossa, faz um elogio à escolha do tecido: “amei o vestido por isso resolvi postar para vocês verem. O vestido foi usado no Enart de 2009. O CTG Aldeia dos Anjos é conhecido por ‘lançar tendências’ no meio tradicionalista”.



*Imagem 2 - Prendas da Invernada Artística do CTG Aldeia dos Anjos, de Gravataí, RS*

Este é apenas um exemplo da diferenciação entre regras de vestimentas, danças tradicionais e costumes existentes entre um estado e outro. Estas diferenças existem justamente porque estas tradições foram inventadas e atualmente as regulamentações de usos “adequados” de pilchas e a lista de danças tradicionais a serem executadas nos concursos estaduais são definidas de acordo com a bibliografia e a referência teórica adotada pelos MTGs, que, por sua vez, possuem âmbito estadual e, assim, permitem tais variações. Quando estive em Porto Alegre em 2014 pude também conversar com Marina Paixão Côrtes, que me recebeu no hall do prédio onde mora. Além de adquirir dois livros seus, ela também entregou algumas outras obras escritas por seu esposo que, segundo ela, havia me dado como um “presente”, já selecionando os temas que eu havia antecipado que gostaria de abordar.

Nossa conversa pautou-se especialmente nas indumentárias, tema pelo qual Marina é conhecida no meio tradicionalista. Sobre a disparidade



nas interpretações e regulamentações dos MTGs estaduais<sup>18</sup>, ela declarou que o Rio Grande do Sul está começando a se “conscientizar” e usar pilchas que sejam confeccionadas de acordo com suas pesquisas e recomendações. Segundo ela, isso aconteceu porque ela “brigou muito” com as prendas, para que lessem seus livros e se vestissem de acordo com os manuais formulados por ela. Segundo Marina, os CTGs e as internadas do Rio Grande do Sul estão buscando se vestir de forma “correta”, não “uniformizada”, e não utilizando “saias de tule<sup>19</sup>”, por exemplo. Marina afirmou que esta é uma prática recente no estado, que antes eles tinham que ir “para fora” para palestrar e ministrar cursos, mas que hoje têm bastantes demandas do Rio Grande do Sul, inclusive de prendas de outras regiões que encomendam seus desenhos e vêm a Porto Alegre para que ela as acompanhe e oriente também na escolha dos tecidos.

Seu trabalho se dá da seguinte forma: caso a prenda seja “de fora”, de outras regiões, cidades, estados ou países, Marina solicita que sejam enviadas três fotos: uma de frente, uma de lado e uma de costas, para que ela possa conhecer o biótipo da prenda e desenhar algo específico para ela. Depois de pronto o croqui é enviado pelos correios. Para isso ela cobra R\$ 80. Ela conta que já enviou desenhos de vestidos para os estados do Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul e até Estados Unidos e Japão.

Marina também citou que o nível de “consciência” das prendas do RS está tão “elevada” que “elas e até criticam” quando veem uma outra prenda que alugou traje no que ela chamou de “casa de fantasias de prendas”, lojas especializadas em aluguéis de indumentária gaúcha, mas que trabalham com modelos confeccionados sem os critérios exigidos pelas normas tradicionalistas. Estas pilchas são alvo de severas críticas:

---

<sup>18</sup> Corroborando com a análise que faço, Paixão Côrtes, juntamente com sua esposa, afirmam que “o traje padronizado repetitivo, no cenário da sociedade sul rio-grandense – de “galpão” ou de “elite”; “popular” ou “aristocrático rurícola” – é uma inverdade histórica, uma mesmice inexistente, complementada frequentemente no Movimento Tradicionalista, por fantasias” (CÔRTEZ & CÔRTEZ, 2005, p. 20).

<sup>19</sup> A crítica à saia de armação confeccionada em tecidos sintéticos se dá porque, segundo Paixão Côrtes e Marina, estes aspectos “desfiguram a peça, no seu sentido tradicional, quando sabe-se que o nylon é uma fibra artificial recente, lançada pela indústria em 1938...” (CÔRTEZ e CÔRTEZ, 1998, p. 18). Os preceitos utilizados para as normatizações das indumentárias seriam, portanto, o pertencimento a uma determinada época.

Hoje, impróprios vestidos – “**abajour ambulante**”, “**repolho da querência**” – estão aí derrubando garrafas e copos de bebidas nas mesas dos fandangos, levando por diante cadeiras dos salões e “varrendo terreiro” em Rodeios, tornando essas prendas ridículas no meio social. (CÔRTEZ e CÔRTEZ, 1998, p. 5) [grifos dos autores]

A crítica tecida por Marina quando nos encontramos direcionava-se principalmente às entidades tradicionalistas que não “respeitavam” os ensinamentos das pesquisas realizadas por Paixão Côrtes e Barbosa Lessa, cuja análise documental a tornou “famosa” no meio e referência na orientação e no desenho de pilchas tradicionalistas. Acontece, porém, que muitos tradicionalistas – incluindo alguns de meus interlocutores – ampliam as críticas também para aqueles frequentadores de eventos como os bailes em estilo *tchê music*, em locais sem vínculos com o MTG e onde não haveria regulamentação ou cobranças deste tipo.

As discrepâncias entre as regulamentações das pilchas reflete-se também em outras áreas do tradicionalismo, como por exemplo na execução das danças (onde pequenas sutilezas como o ritmo podem destoar de um estado para outro). Em entrevista, o presidente do Movimento Tradicionalista Gaúcho do Rio Grande do Sul explica sobre o funcionamento da instituição e cita, ainda, outras diferenças na administração dos órgãos:

O MTG é uma sociedade civil, organizada, tem inclusive certificação de OSCIP (Organização Civil de Interesse Público). É um reconhecimento. Tem todo um processo *pra* isso, né, do ministério da justiça, a nível federal, e da secretaria da Justiça e Ação Social a nível Estadual. É uma entidade sem fins lucrativos, ou seja, não distribui lucros, não remunera seus dirigentes, e o MTG é uma federação de CTGs. E o MTG é dirigido por um conselho diretor. É diferente dos outros Estados. O Rio Grande do Sul tem uma fórmula de administração diferente de outros estados. Em outros estados tem um conselho e tem um executivo. Então o conselho funciona como fiscalizador, assim, de uma executiva, né? O presidente do MTG de Santa Catarina é o

presidente de uma executiva. Aqui não. Aqui eu sou o presidente do conselho. Quem dirige o MTG do Rio Grande do Sul é um conselho composto de 49 pessoas. 33 titulares e 16 suplentes. E dentre os 33 titulares, o próprio conselho escolhe um presidente e quatro vice-presidentes. Um vice-presidente de administração, um de finanças, um de cultura e um de eventos. Pro ano que vem até vai ter alguma alteração, nós fizemos uma alteração estatutária mudando um pouco isso. Mas de qualquer forma é dentro do conselho, *tá?* Todas as decisões importantes são decisões colegiadas, do conselho, *tá?* Na verdade, a grande tarefa do presidente, seus vice-presidentes e diretores, que são cargos de confiança, e nós temos 16 diretores. (SAVARIS, 2014, informação verbal)

Estas regras são aparentemente construídas e negociadas em um campo de “conflitos”, o que aponta para a possibilidade de pensarmos que gauchismo e tradicionalismo também se autodeclaram no plural. Ao mesmo tempo em que no tradicionalismo as normatizações são austeras, pude perceber a existência de fortes vertentes que recusavam ou ignoravam as regras impostas pelos MTGs, ressignificando à sua maneira o “gauchismo” que vivenciavam. Algumas pessoas presenciavam bailes e eventos ditos “gaúchos”, mas não se importavam quanto ao gênero musical, a corrente em que ele estava inserido ou a predominância de regimentos. Outros, porém, conscientemente organizavam grupos que requeriam certa “liberdade” em suas expressões musicais e de vestimentas. Na visão de Becker, esses indivíduos podem ser classificados como *outsiders*, “aquele[s] que se desvia[m] da regra de grupo” (BECKER, 2008, p. 17). Neste caso, desviavam-se das regras do grupo “tradicionalista”, mas se adequavam a novos grupos como o “Movimento Nativista” e os simpatizantes da “*tchê music*”, criando novas regras para estes novos grupos.

Um destes conflitos acontece entre tradicionalistas e integrantes ou adeptos dos outros dois grupos, o nativismo e o *tchê music*. Presenciei, em alguma das conversas que tive com integrantes e representantes do Movimento Tradicionalista em Santa Catarina, que alguns deles questionavam severamente os “outros”, aqueles que não seguiam as regulamentações impostas pelo MTG. Para Becker, este é um fenômeno comum:

Os produtores e os usuários para quem as maneiras padronizadas são boas o bastante não veem com bons olhos as inovações. As maneiras antigas são bastante satisfatórias para eles, e muitos dos mundos representacionais em que estamos interessados aqui experimentam disputas periódicas, por vezes crônicas, sobre como seus produtos característicos devem ser elaborados. (BECKER, 2009, p.83)

Em setembro de 2014, na ocasião do início da Semana Farroupilha de Joinville, no baile realizado no Rancho Timbé, local dedicado à realização de eventos gauchescos, encontrei alguns integrantes do Grupo Folclórico Amigos do Chimarrão, da cidade. Quando passei por eles, eles me chamaram para perguntar qual era a minha costureira. Eu estava pilchada com um vestido semelhante aos utilizados por eles, pois tinha sido desenhado pela Marina Paixão Côrtes. Expliquei que comprei meu vestido de uma amiga que havia feito parte do grupo. Conversamos por algum tempo, falamos sobre a pesquisa e eles disseram que o grupo tem mais de 25 anos de história em Joinville. Falaram que têm uma vasta biblioteca sobre a área artística do MTG, muitos livros do Paixão Côrtes<sup>20</sup> e também um livro<sup>21</sup> escrito por um joinvilense sobre a migração suíça na cidade, que falaria também sobre a mazurca, uma dança hoje executada por grupos tradicionalistas gaúchos. Percebi que para eles as referências de escritores tradicionalistas é base fundamental para pesquisas na área, não somente para guiar as práticas de integrantes do Movimento Tradicionalista, mas também para servir como “base” para qualquer indivíduo que deseje conhecer um pouco de sua história.

---

<sup>20</sup> Estes livros, porém, são bastante raros. As publicações do MTG do Rio Grande do Sul são disponibilizadas para venda em uma loja localizada ao lado da sede do órgão estadual, enquanto as publicações catarinenses são divulgadas e comercializadas somente por tradicionalistas, geralmente durante os eventos de lançamento, ou em contato com os próprios autores. Procurei diversas vezes o MTG-SC à procura destas obras, mas não obtive resposta.

<sup>21</sup> CUNHA, Dilnei. **Suíços em Joinville: o duplo desterro**. Joinville, Letradágua, 2003. O livro inspirou um “docudrama”, documentário com ficção, chamado Suíços Brasileiros: uma história esquecida. Mais informações: <http://www.suicosbrasileiros.com.br/novo/index.php>. Acessado em: 03/02/2016.

Eles fizeram uma crítica ao que chamaram de “gigolôs da tradição”, que só querem ganhar dinheiro com o gauchismo, mas não conhecem a história ou não estão interessados na cultura, só somente no dinheiro que os eventos movimentam. Criticaram o fato de a área destinada ao baile e também com algumas mesas naquele centro de eventos estarem sem iluminação, e disseram que isso teria a finalidade de “igualar os feios e os bonitos”. Suas reclamações foram justificadas porque, segundo eles, eles se pilcharam, se arrumaram, para dançar no escuro, não serem vistos e não conseguirem ver os outros... neste momento, fica claro que além do sentimento de pertencimento, o reconhecimento também é importante para eles. No mesmo evento, encontrei também um antigo “parceiro de baile”, com o qual fui muitas vezes a eventos de todos os tipos, desde rodeios organizados por CTGs até aqueles sem compromisso com o MTG, os que chamo de bailes de *tchê music*. Ele se queixou pelo fato de que muitas pessoas não estavam pilchadas, e declarou que ele considera que “a cultura está se acabando”. Ele disse ainda que para ele, “prenda é prenda, peão é peão”, no sentido de que prenda deve usar vestido, não bombacha, e que esta deveria ser vestida só por peões.

As disputas encontradas entre integrantes do Movimento Tradicionalistas e outros participantes de eventos gauchescos continuou no dia 19 de setembro de 2014, após a realização de um culto ecumênico seguido de apresentações artísticas, parte da programação da Semana Farroupilha. Lá estavam novamente os integrantes do Grupo Folclórico Amigos do Chimarrão, que teceram críticas ao Grupo de Danças Rompendo Fronteiras, que não possui vínculos com o Movimento Tradicionalista. O grupo havia se apresentado com indumentária com temáticas proibidas pelo MTG, como vestidos estampados com as bandeiras de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul e do Brasil, usando volumosas saias de armação feitas com tule, além da apresentação com esporas e boleadeiras (usadas na lida do campo, não sendo permitidas em bailes e apresentações artísticas).



*Imagem 3 - Apresentação do Grupo Rompendo Fronteiras na Semana Farroupilha de 2014 em Joinville*

Além disso, em uma das coreografias as prendas usavam um figurino que remontava a trajes indígenas, não aos trajes estancieros regulamentados pelas entidades tradicionalistas.



*Imagem 4 - Apresentação do Grupo Rompendo Fronteiras na Semana Farroupilha de 2014 em Joinville*

Segundo integrantes do Grupo Amigos do Chimarrão, o Rompendo Fronteiras é um grupo que faz shows, mas que não fundamenta suas coreografias e figurinos em pesquisas. O apelo ao espetáculo seria, assim, uma forma de criar e inovar, utilizando outros elementos artísticos que não somente os previstos em regras tradicionalistas. Eles criticaram ainda o fato de as pessoas “não saberem o que estão fazendo”, ou o que estão vestindo, não pesquisarem e não seguirem as regras impostas pelo MTG. Esta é uma disputa fundamental no processo de produção identitária: a afirmação do que “se é” parece depender da afirmação do que “não se é”.

É possível observar que estes campos de disputa entre grupos integrantes do Movimento Tradicionalista (aqueles filiados que possuem carteirinha de tradicionalistas) e os adeptos do gauchismo que, de forma geral, não se restringem às práticas normatizadas pelas instituições (nativistas, frequentadores de bailes, etc.), foi possibilitada em parte pela expansão do tradicionalismo para outros estados da federação e, inclusive, outros países. A partir desta expansão mais pessoas tiveram contato com estes “costumes” e, longe dos olhos do MTG, ousaram adaptar algumas dessas “tradições” a um universo artístico. Trato, na

próxima seção, de descrever e analisar um pouco dessa desterritorialização do tradicionalismo, a partir da criação do MTG de Santa Catarina e sua expansão para outros “rincões”.

#### **1.4. O tradicionalismo vai ganhando territórios**

Segundo a literatura, expansão do gauchismo deve-se, em parte, ao êxodo rural, provocado pelo grande número de descendentes dos colonos europeus que já não possuíam terras e condições de sustentar-se. Assim, muitos desses filhos de imigrantes partem rumo a novas fronteiras agrícolas, onde pudessem criar gado e, mais tarde, cultivar soja. Segundo Oliven (2006), esse processo iniciou no final do século XIX, quando a emigração de rio-grandenses do sul aconteceu dentro do próprio estado. No início do século XX os colonos e seus descendentes passaram a migrar para outros estados da federação. Pedro Simon esclarece que essa diáspora gaúcha contribuiu também para a expansão dos Centros de Tradições Gaúchas pelo país: “para todos os lugares para onde migraram, nossos colonos carregaram consigo suas danças, sua cultura, sua música, sua poesia” (SIMON, 2009, p. 19). Oliven comenta que, para esses emigrantes, “o culto às tradições gaúchas é uma forma de manter sua identidade enquanto grupo com características distintas. O CTG passa a ser o lugar onde esse culto é desenvolvido e as tradições são ritualizadas” (OLIVEN, 2006, p. 142). Em sua pesquisa voltada para a análise da diáspora gaúcha, Kaiser cita que

Os gaúchos fora do Rio Grande do Sul partilham um conjunto de práticas e representações expressas no “ser gaúcho”. Este sistema é baseado em valores de pertencimento comuns fincados no tipo regional de homem da fronteira e em costumes e valores ligados à região da campanha. Ou seja: quando constroem uma identidade social em comparação com a população local de seus novos locais de moradia, é recorrente o uso do passado rural do Rio Grande do Sul e da figura mítica do gaúcho como diacríticos para estabelecer distinções. (KAISER, 1999, p. 60)



Essa expansão do tradicionalismo, relacionado à diáspora gaúcha, foi tema de muitas músicas gauchescas. Em DVD cuja gravação foi realizada no Sítio Novo, em Joinville, o grupo Os Monarcas narra esta trajetória, ressaltando a importância da migração para a criação de tantos CTGs pelo Brasil e mesmo no exterior.

Após muito tempo guardando  
os limites do Sul do Brasil,  
o gaúcho migrou para o Norte  
e do Norte mudou o perfil.

Deixou para trás a campanha  
e a beleza dos campos dourados  
e se foi a buscar nova vida  
numa terra de mato fechado.

Este é o Brasil de bombacha,  
é a saga da raça guerreira.  
Nos fundões sesta pátria se acha  
um gaúcho abrindo fronteira.

Só quem parte é quem sabe da dor  
de deixar o seu pago e sua gente:  
as lembranças rebrotam ao redor,  
só o forte consegue ir em frente.

Nos pessusêlos vão laços de afeto  
e a honra de ser o que são:  
os centauros da banda do Sul,  
povo guapo criado em galpão.

Ao chegar no torrão de seu gosto  
vão semeando alegria e respeito.  
O trabalho em seguida dá fruto  
e o fruto é um consolo pro peito.

Mate quente ou mate gelado,  
chimarrão ou então tererê;  
os costumes vão sendo mesclados  
num País com sotaque de tchê.

Quando bate a saudade Daninha  
nos gaudérios tão longe de casa,  
a cordeona resmunga num rancho  
e o churrasco respinga na brasa.

No alicerce de algum CTG  
o Rio Grande campeão floresce.  
Aos gaúchos de alma pioneira,  
Comovido, o Brasil agradece.  
(OS MONARCAS<sup>22</sup> - Brasil de bombacha)

Em Santa Catarina, o tradicionalismo teria ganhado força a partir da criação do Movimento Tradicionalista Catarinense (MTC), fundado em 18 de maio de 1973<sup>23</sup>, que se tornaria Movimento Tradicionalista Gaúcho em 1985. Segundo dados da Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha (CBTG<sup>24</sup>), em 2013<sup>25</sup> Santa Catarina era o segundo estado com maior número de Centros Tradicionalistas Gaúchos. Com aproximadamente 523 CTGs filiados, o MTG-SC era um dos principais órgãos tradicionalistas do Brasil. O Rio Grande do Sul possuía a maior quantidade: eram 1768, contra 269 do Paraná, terceiro estado da federação com mais entidades registradas.

Em Joinville, a família Harger é tida como precursora do “tradicionalismo gaúcho”, pela criação e administração do CTG Chaparral. Para narrar essa história, já abordada na monografia que apresentei para a conclusão da graduação (e da qual retiro este texto), conto com a ajuda de Ciro Harger, um dos filhos do patriarca (e patrão do CTG) João Francisco Harger (mais conhecido como Tito), e que acompanhou a chegada da família a Joinville em 1970. Ele me contou que a família partiu de Bom Retiro, também em Santa Catarina, para ajudar os tios na administração da empresa de transporte coletivo da família.

A origem tradicionalista da família teria vindo de seus ancestrais. O pai de Tito possuía uma hospedaria para tropeiro em Bom Retiro, e o

---

<sup>22</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=NGGmGjJJDI>>. Acessado em: 29/01/2015.

<sup>23</sup> Fonte: <<http://www.mtgsc.com.br/historico.html>>. Acessado em: 18/01/2016.

<sup>24</sup> Hierarquicamente, a CBTG é a entidade máxima do movimento tradicionalista gaúcho brasileiro.

<sup>25</sup> A página com o número de entidades filiadas não está mais disponível no *website* da CBTG. Procurei a entidade para obter dados mais atualizados, mas não obtive resposta.

pai de Gislaíne, morador de Lagoa Vermelha, no Rio Grande do Sul, um apaixonado por corrida de cavalos. Como os dois nasceram e foram criados no interior, logo se acostumaram com a vida com gado e cavalos. Na vida na cidade, eles preferiram não abandonar essas origens.

A criação do CTG que administram até hoje em Joinville teve início no ano de 1974, quando um cidadão conhecido por Lenço Preto procurou a família, propondo a realização de um rodeio na vasta propriedade (uma área de cinco milhões de metros quadrados) que possuíam. Tito, por sua vez, gostou da ideia e fez um acordo com Lenço Preto. Eles cederiam o terreno e a organização da festa ficava por conta do tal cidadão. Com a divulgação da festa, porém, a família Harger percebeu a necessidade de ajudar na organização. O citado Lenço Preto, preocupado com o sucesso da notícia entre os joinvilenses, procurou Tito pedindo ajuda financeira, pois até então nada tinha sido garantido. Tito não queria ver o nome Chaparral cair em descrédito entre os moradores de Joinville, e participou ativamente da organização do rodeio. Naquele ano, apenas um CTG prestigiou o evento.

Alguns meses depois da realização daquele rodeio, a família Harger decidiu consolidar o vínculo com o tradicionalismo. A iniciativa do Sr. Lenço Preto poderia durar muitos anos. Porém, ao convidar amigos e pessoas conhecidas na cidade de Lages para participar das festividades, Tito tomou conhecimento de uma barreira: As autoridades do MTG não permitiriam que fosse realizado um rodeio crioulo, envolvendo diretamente o tradicionalismo gaúcho, sem que a entidade fosse registrada e devidamente regulamentada no Movimento Tradicionalista Gaúcho. Assim aconteceu. Segundo relatos de Tito, ele questionou o que era necessário para tal regulamentação. Foi então que ele “desceu” do prédio onde ficava localizado o MTG, dirigiu-se ao carro onde estava outro colega e, em posse de uma máquina de escrever, eles redigiram o ofício que pedia a filiação do CTG Chaparral ao MTG de Santa Catarina. As taxas foram pagas e no mesmo dia a cidade de Joinville já podia contar com um Centro de Tradições Gaúchas. No ano em que se oficializava a criação do CTG Chaparral, a entidade teve como primeiro patrão o patriarca da família, Tito Harger. Na propriedade, hoje, a família continua realizando os rodeios, de periodicidade anual. Além disso, possuem gado, cavalos, cultivam arroz e soja e exercem outras atividades relativas ao campo. A criação de animais conta com cerca de 600 cabeças de gado de corte, 50 cavalos crioulos e 300 ovelhas. A Fazenda Chaparral, que deu origem ao CTG, ainda existe, e funciona hoje como uma recreativa da

empresa Transtusa. A sede fica localizada em frente à residência da família Harger.

O segundo rodeio aconteceu em 21 de abril de 1976, com o CTG já registrado no MTG-SC. A iniciativa da família com a criação do CTG deu ânimo aos joinvilenses e o CTG acolheu os rio-grandenses-do-sul que moravam na cidade. Joinville recebia um lugar para a preservação da memória gaúcha e, principalmente, para a propagação do tradicionalismo. A cultura gaúcha mesclava-se com a história de Joinville, e a cultura joinvilense influenciava no tradicionalismo praticado no Chaparral. Este foi apenas o primeiro dos outros CTGs fundados na cidade, além dos Piquetes e Grupos Artísticos. Todos unidos pela mesma causa: O tradicionalismo gaúcho. O alto número de Centros de Tradições Gaúcha existentes atualmente é expressivo, e demonstra quão importante se tornou a criação destes locais, em especial para a região sul do país. Em Joinville, segundo dados<sup>26</sup> do MTG-SC, atualmente existem 10 CTGs filiados (ANEXO 1), além do Grupo Folclórico Amigos do Chimarrão, cujos integrantes não se autorreferenciam como “CTG”, mas são filiados diretamente ao Movimento Tradicionalista Gaúcho de Santa Catarina, mesmo estando no *website* da organização como sendo CTG.

Em sua tese de doutorado, Hartmann (2004) argumenta que Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul formam uma “linha de interface cultural”, com costumes em comum compartilhados neste espaço. Para ela, “ainda que haja uma ‘linha’ (que, mesmo no caso da fronteira seca, apesar de invisível, é lembrada), uma ponte ou um marco de limites, de um lado e de outro as sociedades constituem-se, igualmente, como ‘sociedades de fronteira’” (HARTMANN, 2004, p. 134).

Desde o que estou chamando de “institucionalização”, o tradicionalismo gaúcho passou por fases distintas que foram, de maneira crescente, possibilitando uma maior divulgação dos seus costumes. Oliven (2006) pode ajudar a entender melhor o contexto dos movimentos pelos quais a cultura tradicionalista gaúcha passou. De acordo com o autor, “no final da década de setenta era voz corrente que a tradição gaúcha estava em vias de extinção ou que se encontrava reduzida a bolsões de tradição e folclore” (OLIVEN, 2006, p.11). Após isso, surge o que o autor chama de “renascimento do gauchismo”. Segundo ele,

---

<sup>26</sup> Fonte: <<http://www.mtgsc.com.br/ctg.php>>. Acessado em: 13/01/2016.

As décadas de oitenta e noventa foram marcadas por um intenso crescimento das coisas ligadas ao Rio Grande do Sul com a disseminação de Centros de Tradições Gaúchas em todo o estado, em outros estados e países para onde migraram gaúchos, surgimento de vários festivais de música nativista, rodeios, programas de televisão e rádios. Colunas de jornais, livros e editoras especializadas, restaurantes, etc. Trata-se de um mercado de bens simbólicos e materiais que movimenta um grande número de pessoas e que está em expansão. Esse mercado é formado em boa parte por jovens das cidades e de classe média que provavelmente cairiam de um cavalo se tentassem cavalgá-lo (OLIVEN, 2006, pp. 11-12).

Este fenômeno também pode ser compreendido ao observarmos o movimento de nacionalização proposto pelo governo militar. Segundo Dacanal,

o Brasil tendeu a homogeneizar-se rapidamente em todos os setores, do econômico ao cultural. Com isso, os sistemas produtivos, as formas de vida, os valores comportamentais, culturais e artísticos do passado foram simplesmente eliminados e substituídos por outros (...). Nas médias e, principalmente, nas pequenas cidades do interior, porém, isto não ocorreu. Não por uma resistência consciente, é claro, mas pelo simples fato de tais normas serem ali não apenas estranhas como também totalmente incompreensíveis, inclusive para os grupos dirigentes destas comunidades, quase sempre marcados pelas tradições religiosas dos imigrantes de várias etnias e confissões (...). É então que ocorre um fenômeno muito interessante. Perturbados com a rápida desintegração das tradições e dos valores religiosos de todas as igrejas tradicionais, mas principalmente da católica – que, além de entrar em profunda crise, começava a renegar suas posições ideológicas conservadoras -, e incapazes de se reconhecerem nas novas formas culturais veiculadas pela televisão, parcelas consideráveis dos grupos dirigentes destas

pequenas e médias cidades do interior correram a abrigar-se sob o capim santa-fé dos centros de tradições gaúchas. (DACANAL, 2004, pp. 22-23)

Ao mesmo tempo em que cresciam os adeptos ao gauchismo, também crescia o número de pessoas insatisfeitas com a rigorosa regulamentação imposta pelo MTG. Os bailões vinham ganhando cada vez mais espaço, com simpatizantes que não estavam filiados a nenhum órgão regulamentador, mas buscavam diversão, e assim se inseriam nestes meios. O Movimento Tradicionalista, porém, sempre lutou para que essa “expansão” da chamada “cultura gaúcha” não descaracterizasse os objetivos do Movimento. Paixão Côrtes, um dos idealizadores do MTG, acredita que a divulgação do tradicionalismo gaúcho é necessária: “temos que partir do regional para o universal e trazer o universal para o galpão. O importante é não perdermos nossas raízes mais puras” (CÔRTEES, 2007, p. 08). Mas, segundo ele, é preciso estar atento às normas e documentações já estabelecidas, demonstrando preocupação com o turismo, o reconhecimento público, mesmo não se tratando de pessoas integrantes do Movimento:

O movimento também está colaborando com a economia, com o turismo, porque vêm muitos turistas querendo conhecer a música, a dança, comprar discos, beber o nosso vinho, tomar chimarrão, degustar nossa gastronomia. Daí o cuidado e a responsabilidade que temos para que essas mensagens culturais, artísticas, campeiras, tenham sustentáculo baseado na pesquisa, na documentação e fujamos do fantasioso gracioso e dos uniformes militarizados. (CÔRTEES, 2007, p. 08)

Essa preocupação com a “expansão” do gauchismo pode ser vista já em 1961, quando o Movimento Tradicionalista do Rio Grande do Sul aprovou uma “Carta de Princípios”, no VII Congresso Tradicionalista. Segundo Oliven,

A partir do I Congresso Tradicionalista realizado em 1954 em Santa Maria, os centros de tradição passaram a reunir-se anualmente. Nesses congressos são apresentadas teses, aprovadas

moções e tomadas deliberações. No VII Congresso Tradicionalista realizado em Taquara em 1961 foi aprovada a Carta de Princípios do Movimento Tradicionalista, redigida por Glaucus Saraiva, um dos fundadores do 35. Ele é também o autor do Manual do Tradicionalista, um livro publicado em 1968 e que fornece orientações para os tradicionalistas e centros de tradições gaúchas. (OLIVEN, 2006, p. 120)

O autor esclarece ainda que o Movimento Tradicionalista seria fundado no XII Congresso Tradicionalista, realizado em Tramandaí. Somente cinco anos mais tarde da aprovação da Carta de Princípios, tendo o documento como norteador de suas práticas. Manoelito Carlos Savaris, presidente do MTG\_RS em 2014, quando o entrevistei, ressalta:

Tem o estatuto, que estabelece as bases que é a base ideológica, inclusive filosófica, do movimento, estabelece as regras gerais do movimento. A Carta de Princípios está incluída no Estatuto. Está no artigo segundo do Estatuto, *tá* ali a Carta de Princípios. Esta é, usando um termo do Magri, que tu não conhecesse, um ministro da época do Itamar Franco, *tá*, que dizia o seguinte: que havia coisas que eram imexíveis. Risos. Este é o termo. Então a Carta de Princípios do MTG é imexível. Cláusula pétrea. Não pode ser modificada. São 29 itens, *tá* ali ela (e mostra a carta emoldurada na parede) e é ela que nos orienta. Eu costumo dizer o seguinte: Quando tem dúvida num CTG se pode, se não pode, que isso é muito permanente isso, né. Tal coisa pode, tal coisa não pode... tu deve ter visto isso, quando tu foste prenda, né? Ah, mas tal coisa pode, tal coisa... tem dúvidas? Leia a Carta de Princípios. Responde 95% das dúvidas. (SAVARIS, 2014, informação verbal)

Ficava clara, desde a década de 60, a intenção do órgão estadual em uniformizar as práticas tradicionalistas. Aos poucos o MTG foi estabelecendo regulamentos para todos os eventos que eram realizados e também para todas as áreas encontradas nos órgãos filiados: campeira,

artística e esportiva. Todos os aspectos<sup>27</sup> do tradicionalismo praticado nos CTGs e demais instituições deveriam seguir normas que regulamentavam desde a altura do salto da sapatilha das prendas, os tecidos utilizados para a confecção das pilchas, até o porte de facas durante as provas campeiras, etc. Savaris esclarece:

A principal tarefa do presidente é cumprir os regulamentos. E as orientações do conselho. E realizar os eventos. Que são todos com data pré-estabelecida, regras pré-estabelecidas, cada evento tem um regulamento. A nossa legislação tradicionalista é bem pequena (ironizando). (Ele procura o livro, mas não o encontra). Bom... essa aqui é a legislação da Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha (e me mostrou um livro bastante volumoso). A do Rio Grande do Sul é três vezes o tamanho disso. O livro é intitulado a Coletânea da Legislação Tradicionalista do Rio Grande do Sul. (SAVARIS, 2014, informação verbal)

Alguns estudiosos apontam que justamente o excesso de normas e a preocupação com a regulamentação levou alguns dos tradicionalistas, ou simpatizantes do movimento, a se descontentarem com o Movimento e criarem sua própria forma de expressão, o chamado “nativismo”. A tese, porém, é contestada por alguns de meus interlocutores. O presidente do MTG afirma não podermos chamar o nativismo de “movimento”, enquanto Edson Copetti, cantor do grupo nativista Alma de Galpão, de Joinville, alega o contrário, e diz ainda que não há discrepância ou oposição ao Movimento Tradicionalista, ou ao tradicionalismo em si.

## 1.5. O nativismo e o mercado musical gauchesco

É recorrente a informação, em livros, dissertações e teses sobre o assunto, de que o formato engessado e normatizado dos concursos e festivais organizados por entidades filiadas ao MTG tenha gerado um crescente descontentamento entre os músicos que, devido à estrita normatização, pouco podiam inovar. Não se permitia executar nenhum

---

<sup>27</sup> Aqui trato os aspectos da “cultura” enquanto categoria nativa, determinada pelos regulamentos e Carta de Princípios dos MTGs.



gênero que não fosse reconhecidamente “tradicionalista”, pertencente ao “folclore gaúcho”<sup>28</sup>, além de não se abrir espaço para a inclusão de nenhum instrumento que não estivesse de acordo com os moldes propostos pelas entidades tradicionalistas.

A união dos músicos foi, aos poucos, reconfigurando este cenário, e compondo o que hoje se conhece popularmente por “Movimento Nativista”, ou simplesmente “Nativismo”. Segundo Santi (2004, p. 12), a Califórnia da Canção Nativa, organizada em 1971 pelo CTG Sinuelo do Pago, sob o comando de Colmar Duarte, foi “cronologicamente o primeiro dos festivais” de cunho exclusivamente nativista. Antes dele, já havia sido realizado um festival de canções populares no município de Taquara, sob o nome de “Ciranda Teuto-Rio-Grandense”, mas o autor lembra que “o caráter híbrido deste evento [está] expresso no próprio nome e lhe confere maior complexidade pela introdução da cultura originária da imigração alemã” (SANTI, 2004, p. 12). Assim, a “Califórnia”, como o festival é chamado popularmente, se tornou um evento de grande expressão, que abriu caminho para a ampla divulgação e até hoje é reconhecido como o principal expoente da música gaúcha. A realização de festivais musicais alavancou a busca por um espaço onde a expressão fosse mais livre, com possibilidades de criação e inovação.

Ferraro (2013) aponta que o surgimento deste novo movimento social impactou o gauchismo: “a partir deste momento a música regional gaúcha passa a ter um novo espaço artístico que se tornaria propício para a criação e se transformaria em arena de disputas estéticas e ideológicas entre as duas linhas, tradicionalista e nativista” (FERRARO, 2013, p. 85). O autor afirma que, entre as principais características do Movimento

---

<sup>28</sup> “O *bugio* é o único ritmo genuinamente gaúcho”, afirmou em entrevista via *chat* do Facebook, Edson Copetti (2014, informação escrita). Isso porque os demais ritmos teriam sido originados “das antigas danças brasileiras e das trazidas pelos imigrantes” (OURIQUES, 2014, p. 23), não sendo uma criação “autêntica”. Como afirma Côrtes, “convém lembrar que a nossa ‘vanera’ ou ‘vaneira’ gauchesca tem sua origem remota na América Central, onde é conhecida até hoje por ‘havaneira’ ou ‘habaneira’. Sabe-se que a habaneira cubana se estendeu pelo mundo inteiro criando ‘variantes’ que se folclorizaram adquirindo também uma simbiose com outros temas” (CÔRTEZ, 2008, p. 5). Ainda que tivessem origem em outros países e influências de outras culturas, havia determinados ritmos reconhecidos pelas entidades tradicionalistas como característicos do gauchismo, como a própria vaneira ou vanerão, a “Polca, [o] Chotes, [a] Mazurca, todos advindos das bandas europeias” (CÔRTEZ, 2001, p. 5), entre outras.

Nativista, estão as “variações nas temáticas e na poesia das letras” (FERRARO, 2013, p. 85).

Ferraro manifesta ainda que a inclusão de gêneros e de instrumentos musicais variados permite hoje uma grande interação com músicos e musicalidades para além do gauchismo. Algumas letras são cantadas em espanhol e alguns ritmos são reconhecidamente típicos de outros países, como Uruguai e Argentina, ou ainda facilmente encontrados em localidades fronteiriças. A fronteira, explica Hartmann, propicia situações particulares de mescla de várias culturas, o que a autora chama de “cultura de fronteira”. A proximidade do Uruguai e Argentina com o Brasil, por exemplo, faz com que as comunidades de fronteira utilizem um dialeto próprio, oriundo das várias influências que sofrem. “No caso, refiro-me a uma fala coloquial mais próxima de um entrevero de idiomas que reitera o entrelaçamento cultural, com prevalência ou de outro, conforma o ‘lado’ do falante” (MARTINS, 2002, p. 248 apud. HARTMANN, 2004, pp. 158-159). O nativismo, abrindo espaço para canções em diferentes idiomas, permitiu também uma forte manifestação dessas comunidades, que passavam a retratar nas letras das músicas suas situações cotidianas, sem perder o característico dialeto que utilizam.

Segundo Santi (2004), alguns dos folcloristas idealizadores do Movimento Tradicionalista Gaúcho consideram o nativismo como uma linha de expressão musical originária do tradicionalismo, preservando algumas de suas características fundamentais, como a exaltação dos “costumes campeiros” e do “indivíduo gaúcho”. Sobre as principais características de cada expressão, Jacks argumenta que “o tradicionalismo é um movimento radical onde só é gaúcho quem usa bota e bombachas. O nativista é essa pessoa que se integrou ao movimento cultural despreocupado com os aspectos radicais” (JACKS, 2003, p.56).

Edson Copetti (2014, informação escrita), porém, discorda desta visão polarizada. Para ele, “quem fala que nativismo se opõe ao tradicionalismo não sabe o que está dizendo”. Ele afirma que existe um festival nativista “que se chama Ronco do Bugio, onde só podem ser apresentadas músicas nesse ritmo”, e questiona: “onde está a oposição nisso? Mais tradicional que o bugio... só mesmo o gaúcho que o antecedeu”. Copetti é nativista há “35 anos, desde a criação dos primeiros festivais”. Segundo ele, a explicação para alguns autores retratarem tradicionalismo e nativismo como movimentos opostos está no fato de que haviam interesses “contraditórios... ou seja egos... aquelas coisas que a política infelizmente ao invés de ajudar... atrapalha”. Na opinião de

Copetti, foram os interesses pessoais que motivaram divisões, mas isto não ocorreu somente entre tradicionalistas e nativistas, mas também dentro do próprio nativismo: “da Califórnia já saiu uma dissidência do Movimento e criou o Festival de Barranca, no mesmo ano, por justamente conflitarem-se os interesses e as tendências”.

Entre os pontos de divergência entre ambos os “movimentos”, estaria o fato de que o tradicionalismo é fracionado pelas regiões tradicionalistas (selecionadas de forma específica pelo MTG, não utilizando as divisões microrregionais adotadas geograficamente pelos governos). Estas regiões possuem coordenadores para setores específicos, como os artísticos, campeiros, etc. Eles são os responsáveis pelas atividades realizadas nas entidades tradicionalistas (CTGs e Piquetes). O nativismo, por outro lado, não possui organização hierárquica ou dirigentes, e a maior liderança pode ser vista nos organizadores dos festivais, apesar de muitos destes eventos não contarem sequer com regulamentos. Em artigo publicado em seu site<sup>29</sup>, o Movimento Tradicionalista Gaúcho do Rio Grande do Sul aponta para principais diferenças entre as duas “manifestações”:

O nativismo gaúcho não é uma entidade e sim um movimento cultural cuja união está na identificação pessoal e na semelhança de produção artística de seus membros. Os líderes são os artistas e os organizadores de festivais, mas não há uma hierarquia estabelecida entre eles. Ambos possuem associações independentes na expectativa de uma organização maior, porém não se pode comparar com as diretorias e patronagens do tradicionalismo. Os guerreiros desta tribo são os admiradores da música nativa, da poesia gaúcha e da pajada rio-grandense. Seguem seus ídolos, mas não lhes dão exclusividade. Aplaudem e consomem o produto cultural dos que mais se identificam. Vão aos festivais com o mesmo entusiasmo com que frequentam os CTGs. (MTG-RS, 2013)

Em entrevista, o presidente do Movimento Tradicionalista do Rio Grande do Sul, Manoelito Carlos Savaris, afirmou que

---

<sup>29</sup> Fonte: <http://www.mtg.org.br/site/>. Acesso em: 18/08/2013 e 24/11/2013.

Nativismo é sentimento. É individual. Não se conjuga no plural. Nativismo. Não é possível existir Movimento Nativista. Porque é sentimento. E o teu sentimento é diferente do meu. É aquele, é um sentimento de apego ao local de nascimento. Tem a ver com natividade, com nascimento, o nativismo. Então assim, ó: *pra* mim, a capital do mundo, o lugar mais importante da face da terra é a Linha 16 do município de Casca. Foi onde eu nasci. E *pra* ti, vai ser o local onde tu nasceste. Então é sentimento. Que dele, do nativismo, decorre um outro sentimento, da saudade, do telurismo... São sentimentos que decorrem do sentimento nativista. Então tu podes ter música nativista? Pode. Música nativista. Ou seja: música que canta o sentimento nativista. Compreendeste? E cada músico, cada músico tem o seu e faz a sua música baseada, orientada, com a letra é uma letra que canta as suas coisas de nascimento. Canta a tua terra, canta a tua cerca, o teu riacho... né? Canta o teu sabiá... entendeu? Canta o teu avô... essas coisas que te reportam *pro* teu lugar de nascimento. Que pode ser um local muito restrito e ele pode ser ampliado. Pode ser o teu município, pode ser a tua região missioneira, por exemplo... um missioneiro... é uma região do Rio Grande do Sul. O serrano... eu sou serrano... *tá?* Ou o Rio Grande do Sul. Bom, eu sou... O temário da Semana Farroupilha desse Ano, qual é? Eu sou do Sul. É, na verdade, é uma frase que de alguma forma retrata o sentimento nativista de quem é do sul do Brasil. Orgulho de ser do sul. Não quer dizer que é melhor, que é pior, não. Mas eu sou do Sul. Eu não sou do Norte, eu sou do sul. Bom, por conta de ser do Sul, tu *traz* uma carga toda cultural, regional, toda essa questão aí né? Então nativismo é sentimento. E não se conjuga no plural, ou seja, não se faz um Movimento com nativismo. Nativismo cada um tem o seu. Uns mais acirrados, outros menos acirrados... E u diria que o nativismo é uma característica de todo o ser humano. Todo o ser humano. Uns mais, uns menos. Mas todo ser humano tem isso. O nordestino também tem. Então

não é uma coisa daqui. Por isso que não dá *pra* se dizer que tem um movimento nativista. Entendeu? Não dá *pra* dizer isso.

Paulo de Freitas Mendonça<sup>30</sup> contribui para a discussão, alegando que o tradicionalismo provoca mais ênfase nas representações folclóricas dançadas, enquanto o nativismo produz certa exclusividade na produção musical, criando canções geralmente para serem somente ouvidas, não permitindo a execução performática da dança. Quanto a isso, há agora que se considerar um “novo” espaço para a união das danças e das livres manifestações, alheias às regras do MTG. Esta outra vertente do gauchismo, chamado por Hoffman (2007) de *tchê music*, e identificado no tradicionalismo como pertencente a uma linha “regionalista”, tem forte presença no mercado musical e de eventos em Joinville. Barbosa Lessa, um dos criadores do Movimento Tradicionalista, afirma que

a linha regionalista, com temas e harmonias singelas, competindo com a música sertaneja produzida no centro do país, teve como pioneiros o gaitero Tio Bilia, de Santo Ângelo, o gaitero e cantor Honeyde Bertussi, de Caxias do Sul, e o trovador repentista Gildo de Freitas, da Grande Porto Alegre. Mais tarde essa música “estouraria” nacionalmente com Teixeira. Alegria das massas mais humildes, no ambiente rural e suburbano. O gauchismo de bombachas gastas e pé no chão. (LESSA, 2008, pp.75-76)

Longe dos olhos dos dirigentes dos MTGs e distante demais das expressões nativistas, encontram-se os “adeptos” do *tchê music*: além dos grupos musicais, há também os frequentadores de bailes e eventos gaúchos em salões dos mais variados tipos. O baile, tradicionalmente, é um lugar de encontro. A musicalidade, um aspecto constitutivo do gauchismo. Por não possuir regulamentos ou cobranças, a música tocada nestes ambientes costuma sofrer mais influência de outros gêneros, como o sertanejo e o axé. Em consequência, as danças também são “livres”, em um misto de estilos que inclui passos de gafeira e forró. Estes “adeptos”

---

<sup>30</sup> Fonte: <<http://regionalismogaicho.weebly.com/tradicionalismo-ou-nativismo.html>>. Acessado em 24/11/2013, às 12h30.

e frequentadores dos bailes ou “bailões”, porém, nem sempre se consideram “gaúchos”, apesar de frequentarem eventos de música gauchesca. Isso acontece porque muitas vezes *tchê music* se aproxima do sertanejo universitário e de outros ritmos musicais, e seus eventos reúnem um público variado que não se restringe a participar dos bailes por identificação com o gauchismo, mas sim com o ritmo tocado ou somente por participar daquela “festa”, reunir os amigos. Um exemplo do afastamento do *tchê music* com essa linha “regionalista” está muitas vezes relacionada à temática das letras das músicas. O grupo musical mais conhecido em Joinville reconhecidamente pertencente ao *tchê music* é o “Portal Gaúcho”, com músicas que alguns sites<sup>31</sup> classificam como “sertanejo” e letras com os mais variados conteúdos, não somente nativistas ou regionalistas, incluindo a música “iô iô”<sup>32</sup>:

Meu coração não é iô iô *pra* você jogar  
*pra* cima e *pra* baixo, *pra* cima e *pra* baixo.  
Brincando,  
*pra* cima e *pra* baixo *pra* cima e *pra* baixo.  
E o meu coração sofrendo,  
*pra* cima e *pra* baixo, doendo, doendo,  
a brincadeira acabou...  
(PORTAL LETRAS.MUS.BR)

Um dos exemplos presenciados em campo da variação de ritmos e da miscelânea de influências musicais do *tchê music* ocorreu durante a Domingueira, evento organizado pelo Portal Guapos, de 05 de maio de 2014. O grupo “De Montão”, de Curitiba, animava o baile. A primeira música executada tinha nítida semelhança com o “rock”, e muito diferente dos ritmos e das músicas gaúchas mais conhecidas. Esta música de abertura do show era unicamente instrumental com predominância do som da bateria e de um solo de guitarra. Os instrumentistas faziam performances no palco que lembravam “roqueiros”. Neste caso, o som da gaita era quase imperceptível. Logo após o “rock”, o grupo continuou sua apresentação com a execução de uma outra música, desta vez com maior destaque para a gaita mas, ainda, com a predominância da percussão. Em determinado momento, a banda tocou uma *vaneira* chamada “Lek lek

---

<sup>31</sup> O portal Letras.mus.br categoriza o grupo Portal Gaúcho como pertencente ao gênero sertanejo. Conteúdo disponível em: <http://letras.mus.br/portal-gaúcho/>. Acesso em 24/11/2013 às 13h29.

<sup>32</sup> Fonte: <http://letras.mus.br/portal-gaúcho/1026379/>. Acessado em 24/11/2013.

gaúcho”<sup>33</sup>, uma paródia do funk Lek lek<sup>34</sup>. A vertente chamada *tchê music* possui eventos semanais de grande adesão na cidade. Nestes eventos, chamados de “baile” pelos frequentadores, é possível encontrar pessoas pertencentes a todas linhas já citadas, incluindo aquelas ligadas ao MTG.

Considero relevante, também, mencionar a importância da musicalidade nos mais variados contextos do gauchismo. No site *Youtube* pode-se encontrar mais de 14.000 vídeos do Canto Alegretense<sup>35</sup>, música composta por Antônio Augusto Fagundes (letra) e Bagre Fagundes (melodia), originalmente gravada pelo grupo que integra com outros familiares, chamado Os Fagundes. Sabemos que este fenômeno não é exclusivamente encontrado na musicalidade do gauchismo. Segundo Juan Pablo González, esta é uma característica do que o autor define como “música popular urbana”:

Entenderemos como música popular urbana una música mediatizada, masiva y modernizante. Mediatizada en las relaciones música/público, a través de la industria y la tecnología; y música/músico, quien recibe su arte principalmente a través de grabaciones. Es masiva, pues llega a millones de personas en forma simultánea, globalizando sensibilidades locales y creando alianzas suprasociales y supranacionales. Es moderna, por su relación simbiótica con la industria cultural, la tecnología y las comunicaciones. (GONZÁLEZ, 2001, p. 1)

As tecnologias, aqui, apresentam papel importante para a divulgação das músicas populares. No caso do Canto Alegretense, além das suas diversas regravações, a publicação de paródias e novas versões na internet contribuiu ainda mais para o alto número de visualizações, mesmo passados 30 anos da primeira gravação. Neste ponto, fica claro que a música pode ser um meio utilizado para atrair mais visitantes para as *homepages* voltadas ao gauchismo. Ferraro afirma que “não há espaços de relacionamento no contexto cultural gaúcho em que a música não

---

<sup>33</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MsJyyC-DXJg>.

<sup>34</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=E1AC\\_k9izjY](https://www.youtube.com/watch?v=E1AC_k9izjY).

<sup>35</sup> O Canto Alegretense possui mais de 100 regravações e diversas paródias, algumas com mais de um milhão de visualizações no *Youtube*.

esteja presente. Ela se investe como uma forma discursiva atual e de suma importância” (FERRARO, 2013, p. 20). Para Díaz, a musicalidade permeia estes relacionamentos por diversas razões:

La interacción de un agente social con la música popular está doblemente condicionada. Por un lado por la competencia del propio agente, y por otro lado por el sistema de relaciones que constituyen los enunciados musicales en cuanto tales, ya sea una canción aislada, un disco, una performance en vivo, etc. (DÍAZ, 2013, p. 14)

Pode-se perceber, assim, que há contribuições dos próprios agentes para estas interações sociais. Aqui, os agentes que contribuem para a formação desta rede são múltiplos: como os *websiters*– e responsáveis pela publicação destes conteúdos, que definem quais músicas, de que forma e em que momento serão veiculadas; os chamados *internautas*, que têm acesso a essas músicas a partir destas *homepages*; e ainda o ciberespaço, que possibilita o contato dos internautas com estas músicas. Um dos casos vistos em campo no que diz respeito a esta interação musical via *internet* está em uma das páginas encontradas no *Facebook* voltada ao compartilhamento de informações relacionadas ao gauchismo, denominada “Coisas que gaúcho fala”. Foi postado na página, em 21 de junho uma imagem com o trecho “segue o rumo do teu próprio coração”, da música Canto Alegretense, uma das mais conhecidas no gauchismo, considerada um “hino gaudério”<sup>36</sup>. No dia primeiro de julho a imagem já havia sido “curtida” por 1.573 pessoas e compartilhada 831 vezes. Os comentários incluíam declarações de amor ao Rio Grande do Sul e algumas pessoas continuavam a letra da música, como se estivessem cantando em coro.

Além destas interações, a *internet* também fornece, a partir de estatísticas, dados que possibilitam aos proprietários destes conteúdos conhecerem as músicas mais ouvidas, as que possuem mais compartilhamentos e os comentários, entre outros, que podem ser ferramentas para a seleção e geração (e/ou publicação) de novos conteúdos. No que diz respeito à geração de novos conteúdos, a *internet*

---

<sup>36</sup>

Fonte:

<<http://redeglobo.globo.com/rs/rbstvrs/galpaocrioulo/noticia/2012/02/conheca-origem-do-tradicional-canto-alegretense.html>>. Acesso em: 12/12/2013.



também pode ser interessante sob o ponto de vista do lançamento e/ou da visibilidade proporcionada a “novos” artistas. Espaços abertos e gratuitos como o *Facebook* aproximam os profissionais do público, sem mais a necessidade do intermédio de empresas especializadas no mercado fonográfico. Ao mesmo tempo, pode ser um espaço também para o crescimento e o reconhecimento dos “ouvintes” ou “espectadores” destes conteúdos, que comentam, curtem e compartilham os vídeos, dando ainda mais visibilidade para estes artistas.

Portanto, estamos assistindo a uma mudança de comportamento: se antes um músico era apresentado pela rádio ou TV e, de algum modo, “imposto” ao público através de espetáculos, transmissões e festivais, agora um bom músico, ou alguém de algum modo bem acolhido pelo público, é “encontrado” e assinalado com um “toque de tambor”, um verdadeiro boca a boca digital que pode levar a um total desconhecido a se tornar famosíssimo. (SPADARO, 2014, p. 15)

As redes de relacionamentos possibilitadas pelas redes sociais são múltiplas. Além de *sites* que possibilitam a inserção gratuita de conteúdo, como o *Youtube*, por exemplo, há também o caso dos interlocutores com quem dialogo nesta pesquisa. Muitas vezes eles compartilham as mídias destas redes sociais em seus próprios *websites*. Pude ver, aliás, que os *websiters* ou responsáveis por estas páginas dedicadas ao gauchismo, juntamente com sua equipe de trabalho, circulam constantemente em ambientes de diferentes vertentes, oscilando desde o mais rigoroso tradicionalismo até a mais livre expressão em bailes. Eles compartilham conteúdos que tanto dizem respeito às músicas nativistas quanto àquelas que se aproximam mais de um sertanejo, por exemplo. Segundo o que observei em minha aproximação ao campo, estes profissionais têm contato com todos os integrantes deste universo, passando pelo público em geral, pelas bandas e grupos que compõem as representações artística e campeira, pelos proprietários de casas de eventos ou de lojas especializadas em artigos gaúchos, etc.

Neste sentido, encerro este capítulo ressaltando que as atividades de meus interlocutores *websiters* estão intrinsecamente relacionadas a uma “cultura” inspirada no campo e em “costumes” que seriam revividos de experiências “rurais”. As relações que suas atividades estabelecem, por

outro lado, demandam atualizações constantes e cultivam efemeridades que são características dos meios digitais onde estão inseridas. Estudando o “gauchismo” pude observar que a relação com o campo só é possível em um saudosismo explícito a partir de uma espécie de contraste da vida no campo com a vida na cidade, onde o tradicionalismo teve início e onde ganhou maior destaque. Neste “espaço” de compartilhamento de experiências, o “gauchismo” tende a relacionar-se com um saudosismo e um controle do comportamento que remetem às instituições religiosas, e que esta “comunidade imaginada” pode resultar em pontos de vista replicados como pertencendo a este “gauchismo”, mesmo que não tenha relação direta com este “universo”, a esta “cultura”. Estas relações e apropriações são analisadas no próximo capítulo.

## 2 “CONSERVADORISMO”, SENTIMENTALISMO, SAUDOSISMO. RELIGIÃO E FAMÍLIA NO “GAUCHISMO”

De vez em quando bate uma saudade  
Só então nos lembramos das feridas  
Porém já não depende de vontade  
Já não temos as chaves da saída  
A frieza sem rosto da cidade  
Vai desumanizando nossas vidas  
E assim a gente perde a identidade  
Vira boi no curral das avenidas

Mas um dia ainda volto *pro* meu chão  
*Pra* ver campo e clarão de lua cheia  
Onde o povo tem alma de cigarra  
E o tinir da guitarra *tá* na veia

(ALMA DE GALPÃO<sup>37</sup>, No bojo da peleia)

Como abordado anteriormente, um dos pontos mais latentes durante a pesquisa de campo foi a presença de uma religiosidade muito evidenciada e referenciada. Além das muitas referências à religiosidade e às crenças que encontrei frequentemente em minha pesquisa de campo são usuais jargões como “Graças a Deus”, em músicas gauchescas e em programas midiáticos, e também é forte a presença de símbolos católicos em eventos como rodeios e atividades ligadas ao campo.

Em determinadas situações eu percebia o funcionamento das redes, e em outras eu mesmo estava inserida nesse contexto. Assim, os eventos que descrevo a seguir me levaram a observar a importância da religiosidade no gauchismo, as relações dessa religiosidade com a diáspora gaúcha, e também com o conservadorismo. Esta é uma noção que faz parte das configurações da autorreferência e, é, é importante destacar, por vezes é citado por meus interlocutores como estando relacionados à moralidade e à necessidade de “preservar” valores que estariam “se perdendo”, mas também pode ser analisado do ponto de vista de um controle do comportamento, um “recurso retórico segmentador”, como ponderou meu orientador, e “aglutinador do processo de

---

<sup>37</sup> Composição de Miro Saldanha, gravada pelo grupo nativista Alma de Galpão, de Joinville, em CD cujo lançamento estive presente durante a pesquisa de campo, e cujo vocalista (Edson Copetti) entrevistei em 2014 e em 2016.

segmentação que fica muito evidente quando se observa o plano *online* das interações”. Segundo ele, pode tratar-se mais de uma “forma de posicionar pessoas nos segmentos de interesse e conveniência do que uma forma de manter ou evocar as coisas como elas sempre foram”. A “manutenção” ritualizada dos “costumes” ditos “tradicionais” é amplificada pelos constantes cursos realizados frequentemente pelas instituições tradicionalistas. Conforme explica o presidente do MTG-RS,

Nós temos uma área de cursos, uma área de formação muito grande. Nós temos muitos cursos, muitos. É só tu olhar no site que tu *vai* ver que é permanente, permanente. Coincidências, inclusive, se desdobram. Coincidências de datas. E aí a gente tem que se desdobrar. A demanda é muito alta nesta área. (MANOELITO SAVARIS, 2014, informação verbal)

Assim, com forte apelo às padronizações e ao controle, é possível relacionar o tradicionalismo como se houvesse uma transposição de elementos que remete ao que meu orientador chamou de “religiosidade institucional”. A religiosidade é presente de maneira evidente e recorrente nos eventos gauchescos presenciados durante o trabalho de campo, tanto na realização de celebrações conhecidas como “missa crioula”, em bênçãos dirigidas por celebrantes pilchados ou na adoração de Nossa Senhora Aparecida. A devoção à santa, aliás, é um claro demonstrativo de que a maioria predominante no gauchismo no que diz respeito à religiosidade pertence ao catolicismo. Segundo Arnaldo Walter Doberstein, isso se deve ao período em que o gauchismo começou a ser exaltado como virtude no Rio Grande do Sul, o período da República Velha. O nacionalismo exaltado naquela época, segundo o autor, remete a outra manifestação transnacional, que ele chama de “recatolização”, e teria acontecido entre os anos de 1920 e 1930. Ambos os movimentos, tanto a “Ação Católica” quanto o nacionalismo – e o positivismo –, relacionar-se-iam, além do período em que aconteceram, também pela característica agregadora e coletivizante, em detrimento ao individualismo.

Na década de 20 grande parte dos governantes ainda se estribava na ideologia do positivismo rio-grandense que atribuía à classe dirigente, seus

heróis letrados e suas instituições políticas, religiosas e culturais, o domínio do conhecimento e a prática de virtudes que faziam deles os legítimos detentores do poder político na sociedade. (DOBERSTEIN, 2002, p. 351)

Nesta relação, se observa as práticas tradicionalistas (da mesma forma como agem algumas religiões) como se devessem normatizar e promover comportamentos padronizados. Neste capítulo, busco analisar estas relações, que se mostraram presentes no campo e na literatura.

## 2.1. Religiosidade marcada pelo catolicismo

Em minhas inserções durante o trabalho de campo pude observar que, no meio “tradicionalista” – ao menos em Joinville –, há uma forte devoção à Nossa Senhora Aparecida. Este, porém, não foi o único caminho que me levou a observar a importância da religiosidade nos mundos do gauchismo. A questão tornou-se mais evidente quando tive contato com um barbeiro que havia gravado um CD de músicas gauchescas, e buscava destaque para sua obra. Encontrar este senhor e interagir com ele me sugeriu, e especialmente por esta razão analiso aqui, como funciona a dinâmica de constituição e articulação de uma redeque, fui perceber posteriormente, me levou novamente ao caminho religioso que os praticantes deste “gauchismo” seguem.

Era 29 de julho pela manhã, quando abri o *Facebook* e vi que um dos portais que estou pesquisando compartilhou uma notícia publicada originalmente<sup>38</sup> no *website* do A Notícia, jornal de Joinville, mas que também estava disponível no *website* do Diário Catarinense, de Florianópolis, ambos pertencentes ao mesmo grupo de veículos de comunicação. O título da matéria anunciava: “Barbeiro de Joinville grava álbum com músicas próprias e as apresenta em seu salão”. O subtítulo, também chamado no jornalismo de “linha fina”, completava, dizendo que ele “é ligado ao tradicionalismo gaúcho e garante que a vida ficou melhor após as gravações”.

---

<sup>38</sup>

Fonte: <<http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/cultura-e-variedades/noticia/2014/07/barbeiro-de-joinville-grava-album-com-musicas-proprias-e-as-apresenta-em-seu-salao-4562175.html>>. Acessado em 05/08/2014.

Chamou minha atenção, na reportagem, uma frase afirmando que Sadi Bueno se dizia “quase realizado”, e que “falta apenas ele ouvir as suas canções tocarem em alguma rádio da cidade”. Segundo a matéria, o barbeiro teria afirmado que esta “seria a realização de um sonho”. Como eu conhecia um advogado de Joinville que também é apresentador de um programa de rádio semanal dedicado à execução de músicas gaúchas, compartilhei a notícia com ele, sugerindo que incluísse o Sadi na *playlist* do programa. Uma hora depois, ele respondeu dizendo “É só mandar *pra* mim que toco com o maior prazer!”. Passei então a buscar mais informações, na tentativa de encontrar seu salão e adquirir o CD, para então entregá-lo ao apresentador e possibilitar que suas músicas tocassem em um programa de rádio.

Inicialmente li o texto a partir do link compartilhado pelo Portal Guapos, cujos administradores foram meus interlocutores nesta pesquisa. A matéria dizia que ele nasceu na cidade de Santo Ângelo, no estado do Rio Grande do Sul, e que havia passado pela cidade de Pato Branco, no Paraná, antes de se mudar para Joinville, onde trabalhou em uma grande empresa até se aposentar, em 2006. Neste ano, o barbeiro (ou “cabelereiro”, como ele também é identificado na matéria) abriu um salão na principal rua de um bairro de Joinville conhecido como rural, por ser zona de plantação de arroz, entre outras agriculturas.

Quando o encontrei e me apresentei, dizendo que havia visto pela internet uma reportagem falando sobre ele, ele imediatamente me mostrou orgulhoso uma página inteira do jornal impresso, onde havia uma grande foto registrando ele, na barbearia, ostentando em sua mão esquerda o CD que havia gravado, e com a mão direita segurando a gaita assentada sobre a cadeira onde também se acomodam os clientes que o procuram para aparar barba, cabelo, bigode... O texto da matéria preenchia a página, que inteira era dedicada à divulgação do resumo de sua trajetória de vida e ao lançamento do seu CD.

Segundo ele, foram produzidos 1.500 exemplares, que já estavam quase esgotados, e por isso ele iria “mandar gravar” mais 1.000. Comprei seu CD por R\$ 12, preço justificado pelo músico por se tratar de um disco “original”. Questionei também sobre a execução de suas músicas no rádio, e ele afirmou que enviou alguns CDs para o estado do Rio Grande do Sul, na esperança de ter seu trabalho reconhecido no estado onde nasceu. Perguntei então se ele havia mandado para alguma rádio de Joinville, e com olhar de surpresa ele respondeu que não. Pedi então sua autorização para entregar seu CD a um conhecido que apresentava um

programa gaúcho em uma rádio da cidade e fui correspondida com uma resposta afirmativa, que desencadeou ainda mais interesse por parte do barbeiro. Conteí a ele um pouco da minha história, motivada por perguntas que ele fazia a cada nova descoberta sobre mim.

Após saber o motivo do meu interesse em procurá-lo, ele agradeceu por eu ter me disposto a entregar seu CD a um apresentador de rádio. Ele disse que havia mandado vários exemplares para o Rio Grande do Sul. “Mas e Joinville?”, eu perguntei. Ele disse que não, que não tinha nem pensado nisso. Ele tem sua morada na cidade há alguns anos e mesmo homenageia-a em algumas de suas músicas (como a intitulada “vira -vira”, cuja letra pede: “vira, vira, vira. Vira, vira aí/ onde tem mulher bonita na região do Pirai” – Um rio que perpassa o bairro Vila Nova e que dá nome a uma microrregião dentro do bairro), e apesar de se dizer gaúcho, não conhecia nenhum dos programas radiofônicos de Joinville dedicados à música gauchesca.

Perguntei também sobre seu interesse em música, e como ele havia colocado o CD para tocar enquanto conversávamos, questionei também se era ele mesmo quem estava tocando. Na foto da capa do CD ele aparece próximo a uma gaita, assim como na foto estampada nos jornais. Ele disse que toca gaita e violão, e que inclusive já comprou uma gaitinha de brinquedo para seu neto, que vive brincando com ela, tocando algumas notas. Neste mesmo dia, ao sair da barbearia, perguntei ao apresentador como poderia entregar o CD, e combinei data e horário para nos encontrarmos. Na data programada, entreguei o CD, agradei pela disponibilidade em ouvi-lo e disse que estava à disposição para o que ele precisasse, que ele poderia entrar em contato comigo em caso de dúvida. Ele me contou então que seu programa é transmitido aos sábados das 17h às 18h e aos domingos das 8 às 9h, mas que ele gravava os programas nas terças-feiras. Como nos encontramos em uma segunda-feira, já no dia seguinte ele faria a gravação. Como eles estavam lá com a missão de fazer compras, conversamos muito rapidamente e combinamos de nos encontrar com mais tempo em outro lugar.

Eram quase 19h de terça-feira quando recebi quatro mensagens suas, dizendo que havia programado duas músicas de Sadi para o programa. Mandou também o nome do programa e da rádio onde é executado, incluindo a frequência e os horários, por mais que ele já tivesse me passado alguns dados no dia anterior. Repassei todas as informações ao “seu” Sadi e, mesmo ainda sem ter visto a concretização do que ele

havia descrito como “seu sonho”, já recebi seus humildes agradecimentos.

No dia seguinte à reprodução de suas músicas na rádio voltei à barbearia para saber como havia sido sua reação, no que ele lembrou especialmente quando o apresentador o identificou por “meu amigo gaúcho lá do Vila Nova”. Segundo Sadi, sua família estava reunida na barbearia para ouvir o programa, e comemoraram e aplaudiram quando ouviram as músicas tocarem, mesmo que fossem por uma só vez, mesmo que isso não representasse necessariamente uma continuidade daquele “sucesso”. Eram os 15 minutos de fama de seu Sadi, alguns minutos que tornavam “reais” a experiência mais evidente do *continuum* dos universos *online* e *offline*, e as redes formadas pelas – e através das – redes. Aqui, há ainda a importância de destacar que há também a possibilidade de haver, como descreve meu orientador, um “*continuum* entre vida, performance e mídia”. Não somente os universos *on* e *offline* se manifestam relevantes, mas também a noção de que muitos destes músicos dependem de um *continuum* entre sua performance e a mídia que poderá lhe trazer reconhecimento. Artistas, em especial os novos, dependem de uma visibilidade que não raro é esperada por meios midiáticos que, nos últimos anos, incluíram também os espaços sociais em redes na *internet*.

Outra relação expressa entre as redes ou o *continuum* vivenciado naquela ocasião, está na relação entre a música regionalista – e o gauchismo, de forma geral – com a religiosidade. No dia em que passei para ele as informações sobre o programa que tocaria sua música, Sadi ainda disse que eu poderia vê-lo tocar naquela mesma noite em que conversamos. Imediatamente pensei veria um show em algum bar ou salão de baile, mas fui surpreendida pelo anúncio de que seria na igreja católica do bairro, dedicada à Nossa Senhora Medianeira. Quando fui à igreja indicada por ele, onde estava acontecendo uma missa do “Apostolado da Oração” do bairro, havia um grupo de adultos que se destacavam por uma espécie de medalha, grupo este que se reúne para fazer rezas e preces, além de auxiliar na organização de missas, cultos e outras atividades da igreja. Sadi estava tocando violão ao lado direito do altar, juntamente com outro homem que tocava gaita e uma mulher que, assim como eles, também cantava. O trio executava canções religiosas em arranjos sertanejos, que lembravam modas-de-viola. Ao final da missa, na saída da igreja, Sadi veio ao meu encontro, e me apresentou à sua esposa, dizendo que eu era a “menina” que levaria seu CD para tocar na



rádio. Ao conhece-la, reconheci que ela estava sentada nas primeiras fileiras de banco da igreja, com a “medalha” pendurada no pescoço, que identificava os integrantes do Apostolado.

Antes disso, eu já havia presenciado episódios religiosos que se mostraram em campo, mas que haviam passado “despercebidos”, talvez pela familiaridade que eu já tinha com o meio. Quando o barbeiro Sadi me convidou para assisti-lo tocar, então, percebi a importância que este sentimento de pertencimento às religiões e a associação com o tradicionalismo é recorrente no universo gauchesco.

Na programação do Rodeio Crioulo Nacional do CTG Chaparral, que acontece anualmente em Joinville, é reservado pelo menos um dia para a realização de uma “missa campal” (quando celebrada por padres), ou um “culto ecumênico” (que pode ser realizado por Diáconos e outros celebrantes). Lessa especifica como surgiu a celebração:

Uma outra área que se mostrou sensível à cultura regional foi a da Igreja Católica. Alguns anos antes das modificações conciliares de Roma adotando idiomas nacionais para ritos eclesiais, já o jovem Padre Paulo Aripe – carinhosamente apelidado de “Padre Potrilho” por seus companheiros tradicionalistas – instituiu a Missa Crioula, com toda uma liturgia inspirada na temática gauchesca: poncho-pala, copo de chifre, lampião, o entrecruzamento de lenços maragatos e lenços chimangos simbolizando a paz em Cristo, o entoar de canções campeiras, etc. (LESSA, 2008, p. 90)

Oliven colabora com a descrição, citando que a celebração conhecida como “missa crioula” possui

uma liturgia inspirada na temática gauchesca na qual Deus é chamado de Patrão Celestial”, a Virgem Maria de “Primeira Prenda do Céu” e São Pedro de “Capataz da Estância Gaúcha”. (OLIVEN, 1993, p. 33)

Nesta missa campal realizada durante o rodeio do CTG Chaparral um padre ou celebrante é convidado a ministrar orações antes do início das atividades daquele dia, e abençoando os ginetes que estão prestes a

montar nos cavalos xucros. Em 2014, além da missa campal, antes da abertura da “gineteada”, no domingo, foi realizada performance em alusão a Nossa Senhora Aparecida, uma santa da igreja católica. Como tradicionalmente acontece em provas deste tipo, os peões foram anunciados um por um e, ao entrarem na cancha, encostaram a mão na terra onde iriam cair, e se benzeram. Depois de todos posicionados dentro da cancha, em fila horizontal, foi realizada uma oração e uma homenagem à Nossa Senhora Aparecida, que eles dizem ser padroeira dos peões. Neste dia, ao invés da imagem em barro da santa, havia uma menina negra de aproximadamente cinco anos ou seis anos, vestida com um véu confeccionado em veludo azul escuro, e passando pela frente de todos eles, representando em figura humana aquela à qual eles dirigiriam suas orações.

Pude presenciar também outras inserções que considero importantes do ponto de vista de uma religiosidade no gauchismo: especialmente durante as comemorações da Semana Farroupilha, em 2014, chamou atenção o fato de, em praticamente todos os dias, as celebrações iniciavam com orações dirigidas Nossa Senhora Aparecida.



*Imagem 5 - Organizadores da Semana Farroupilha de 2014 e dos anos anteriores fazem reverência à imagem da Santa ao tirarem os chapéus. Diácono Chico (já citado na introdução) direciona uma bênção aos participantes do evento.*

Na imagem abaixo é possível observar, em detalhe, o celebrante pilchado, ao lado da imagem da santa, enquanto tocava a música “Nossa

Senhora”. A música<sup>39</sup>, já gravada por vários cantores, entre eles o Padre Marcelo Rossi, Roberto Carlos, Fafá de Belém, etc., também foi tocada repetidamente na Semana Farroupilha, seguindo o ritual de exibição da imagem e das bênçãos dirigidas aos participantes do evento. A letra remete a uma oração, onde os fiéis podem proteção:

Cubra-me com seu manto de amor  
Guarda-me na paz desse olhar  
Cura-me a ferida e a dor me faz suportar  
Que as pedras do meu caminho  
Meus pés suportem pisar  
Mesmo feridos de espinhos, me ajude a passar  
(...)  
Nossa Senhora me dê a mão  
Cuida do meu Coração  
Da minha vida  
Do meu destino  
Do meu caminho  
Cuida de mim



*Imagem 6 – Comemoração da Semana Farroupilha no dia 16 de setembro de 2014. Detalhe com o Diácono pilchado de cabeça baixa ouvindo a música Nossa Senhora.*

---

<sup>39</sup> Versão gravada por Roberto Carlos disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=j\\_8sr8Suv2c](https://www.youtube.com/watch?v=j_8sr8Suv2c). Acessado em: 27/01/2016.

Mesmo durante uma sessão solene realizada na Câmara de Vereadores para entregar homenagens aos grupos que se apresentaram e apoiaram a Semana Farroupilha daquele ano, também foi realizada uma bênção pelo Diácono Chico, que esteve presente durante todos os dias do evento e repetiu as orações:



*Imagem 7 - Diácono Chico abençoa os presentes na sessão solene.*

A relação com a religião não estava, porém, somente dentro das igrejas. A religiosidade dos gaúchos que foram meus interlocutores se mostrou um ponto de interesse durante a pesquisa de campo, e foi evidenciado, além dos eventos presenciados com celebrações católicas, por declarações e postagens na *internet*. Segundo Spadaro, trata-se de um fenômeno comum às redes sociais:

Como toda realidade da Rede que envolve diretamente a vida humana, os seus desejos, as suas tensões e as suas relações, também o *Facebook* é um “local” em que a fé e a religiosidade se expressam e têm sua relevância e manifestação. (SPADARO, 2014, p. 105)

Exemplo disso pode ser visto nas manifestações de um dos *websiters* que integraram a pesquisa, conhecido como Conhaque. Ao descrever quem é em seu site, faz forte referência à religiosidade: “A religião é aquilo que impede os pobres de matarem os ricos, Uma sociedade sem religião é como um navio sem bússola, Todas as religiões foram criadas pelo homem!”. Nas páginas de seu site nas redes sociais, não raramente são publicadas fotos com textos bíblicos ou mensagens religiosas, como pôde ser visto dia 04 de agosto em seu Instagram “Mesmo que as circunstancias sejam *contrarias*, nunca devemos parar de acreditar, porque Deus *esta* decidido a *abençoar-nos!* Deus nunca disse que a jornada seria fácil, mas Ele disse que a chegada valeria a pena!”. Outra mensagem religiosa pode ser vista em publicação do dia 24 de março de 2014, no *Facebook*: “Salmo 91-1 AQUELE que habita no esconderijo do Altíssimo, à sombra do Onipotente descansará. Bom descanso a todos e *um* ótima semana.”.

Conhaque mostrou-se, tanto nas conversas que tivemos, quando em seu site e páginas nas redes sociais, um homem bastante religioso e conservador, uma característica típica de manifestações tradicionalistas. Na entrevista, além de falar em “Deus” em vários momentos, ele também discursa, com certo saudosismo, sobre padrões de comportamentos que não são “aceitáveis”, alegando que “as gurias de hoje em dia não se dão mais o respeito”, por exemplo. Ele condena as vestimentas utilizadas pelas mulheres para ir a bailes e eventos relacionados ao gauchismo, e lembra que há alguns anos não era permitido usar saias curtas ou blusas decotadas em salões de eventos mais tradicionais.

Ainda segundo ele, a atitude de “maxixar” em CTGs e eventos relacionados ao gauchismo, era proibida e recriminada. Segundo ele, “o que se vê em casas gaúchas é ‘pouco’ diferente do que se vê em CTG, lugares onde se preserva o tradicionalismo”, mas lembra que, no centro de eventos de Joinville mais utilizado para a realização de bailes gauchescos, por exemplo, as regras *eram* mais rígidas, e ficavam alguns seguranças estrategicamente posicionados ao redor da pista de dança, prontos a intervirem e retirarem do salão aquele que se atrevesse a maxixar e desrespeitar as normas. Hoje os seguranças ainda existem, ainda estão estrategicamente posicionados, mas não atuam na represália a este tipo de dança ou na identificação de posturas incorretas. Seu trabalho atualmente visa garantir a segurança do público presente, em especial no controle de possíveis brigas.

Além dos depoimentos prestados por Conhaque, em seu website, na seção “quem somos<sup>40</sup>”, destinada à identificação da “equipe do site”, ele inicia não se apresentando, mas defendendo a religiosidade: “Um líder é um vendedor de esperança, A capacidade pouco vale sem oportunidade, A religião é aquilo que impede os pobres de matarem os ricos, uma sociedade sem religião é como um navio sem bússola. Todas as religiões foram criadas pelo homem!”<sup>41</sup>.

E não são somente escritas as manifestações religiosas de Conhaque. No dia 12 de agosto pela manhã, ele encerrou o programa matinal que comanda em sua *webrádio* com uma mensagem religiosa, pedindo oração a um conhecido seu que passava por problemas de saúde, e então anunciou a música “Faz um milagre em mim”, interpretada pelo grupo Tchê Campeiro. Tratava-se de uma música bastante executada em templos católicos e também evangélicos, mas com arranjo instrumental modificado e sendo interpretada por uma banda de músicas gaúchas. Ouvir uma vaneira religiosa me soou inusitado, pois era a primeira vez que eu tinha contato com a música.

Um dos fatores surpreendentes da minha pesquisa de campo é que, muitas vezes, “a pesquisa me procura”. No caso de Conhaque, por ter meu contato, não raro recebo mensagens suas, via *Whatsapp*. Assim como em suas páginas em redes sociais, geralmente o conteúdo dessas mensagens está associado a trechos bíblicos, correntes<sup>42</sup> ou mensagens de fé. No dia 15 de agosto, por exemplo, ele enviou “Dias de tempestade fazem valorizar os dias de sol. DEUS ESTA NO CONTROLE DA TUA VIDA. Tenha um bom dia”.

No dia 24 do mesmo mês, as 3h25 da madrugada, ele enviou outra mensagem religiosa, que dizia “Deus não está morto!”. Confesso não ter entendido. As 11h29 da manhã ele enviou o complemento: “Ele vive eternamente e se move entre nós, deixou o seu Espírito Santo *q* é o grande consolador, *q* realizamos toda boa obra... veja o filme. Deus não *esta* morto! Tenha um [bom] dia.”. Só então percebi que se tratava da

---

<sup>40</sup> Fonte: <<http://www.chasquedoconhaque.com.br/>>. Acessado em: 07/09/2014.

<sup>41</sup> Fonte: <<http://www.chasquedoconhaque.com.br/>>. Acessado em: 07/09/2014.

<sup>42</sup> Correntes são mensagens que requerem encaminhamento para outros contatos, como a que recebi de Conhaque no dia 14 de agosto via *Whatsapp*: “Antes de ler *faca* 3 pedidos! e confie em Jesus Cristo... *Parabens* os pedidos que *voce* fez, *sera* uma promessa para Jesus Cristo, para pagar a promessa *vc* tem que enviar a 15 pessoas, se *nao* os pedidos *irao* acontecer ao contrário. Se *vc* tiver pouco contato, não se preocupe Deus *ta* vendo.”.

divulgação de um filme americano, lançado no dia 21 de agosto deste ano. Entre as críticas que li na internet<sup>43</sup>, as opiniões positivas sobre a obra defendem ser ela “Uma excelente produção, que mostra que devemos defender a palavra de Deus sempre!”, “Uma injeção de ânimo para a juventude cristã!!!”, e que o filme “faz você refletir até onde vai sua fé!!!”. Porém, “a crítica negativa mais útil”, segundo o mesmo site, em um comentário que afirma que “O filme é maniqueísta, ele não se prende a passar *um* mensagem de fé e esperança, pois a intenção real é alfinetar os ateus. A obra de Cronk é simplória demais, os argumentos são muito vazios e desleixados e os personagens são muito rasos. O filme cria um fórmula de apresentação, onde: - Os Ateus são MAUS e cristãos são BONS. - os Cristãos são morais e Ateus são imorais.”. Para Conhaque, o filme converteu-se em missão de evangelização. Em seu *Facebook*, no mesmo dia, ele postou uma mensagem que repetia em partes o texto enviado via *Whatsapp*:

Bom dia posso dizer que fiquei assustado hoje...  
Mandeí para alguns amigos que tenho contato uma mensagem, Como uma seguinte frase " Deus não *esta* morto".

\*Primeiramente porque tenho certeza que "Ele vive eternamente e se move entre nós, deixou o seu Espírito Santo que é o grande consolador, que realizamos todas as boas obras...

\*Segundo porque assisti o "Filme - Deus não *esta* morto"

Para minha surpresa 1% Falaram *disse* amém... 2% falaram ele nunca morreu ou algo muito vago 3% nem tentaram parar para pensar o que a frase estava tentando dizer, Traduzindo 70% não sabia o que a suposta frase dizia.... não entenderam e acharam que eu estou louco kkkkk,

\* Mas É como sempre digo A gente dizer que *Credita* em Deus todos *diz ate* um Ateu que é um Ateu acredita, Mas poucos *conhece* DEUS de verdade!

---

<sup>43</sup> FONTE: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-226390/>>. Acessado em: 09/09/2014.

Fica aqui uma dica ao invés de assistir Domingo Legal e o *Fostão*, vejam o filme. Deus não *esta* morto!

"Acreditar em Deus não é o mesmo *conhece-lo*"

E encerrou a postagem com um link para assistir o filme *online* de forma gratuita. O envio do texto “Deus não está morto” por *Whatsapp* e a posterior publicação no Facebook criticando as reações de seus “amigos” pode ser visto como mais uma forma de manter sua página atualizada, somente, mas também pode representar mais do que isso. A gratidão que Conhaque demonstra a Deus e as constantes mensagens passadas por ele fazem pensar que a fé e a religiosidade têm importância fundamental na sua vida. O que ele parece expressar é a satisfação que tem com a religião, diferentemente do gauchismo, pois comumente registra queixas sobre isso, como na postagem sobre o lançamento da rádio em Frequência Modulada, quando cita:

Não posso deixar de esquecer dos invejosos e críticos pois sei, que sem eles seria difícil ter mudanças e muitas vezes me faltaria coragem para seguir com essas mudanças e com esse projeto. Pois hoje entendo e tenho certeza que esse projeto não é para qualquer um, porque se fosse qualquer um faria e teria um a cada esquina ou cada *bairros* das cidades. “MAS FICA AQUI UMA DICA PRA TUDO TEM O SEU TEMPO, E ESSE TEMPO NÃO É O NOSSO”.

Em outra postagem, no dia 04 de setembro, ele manifesta uma continuidade nessa crença de que “tudo tem o seu tempo”. Como legenda a uma foto de seu filho, escreve uma frase: "Devemos acreditar que o plano que Deus tem para nós será revelado na ocasião oportuna e na hora certa. Até lá, devemos manter a fé."

Situações como esta, de fortes manifestações religiosas, acabaram marcando a pesquisa de campo e evidenciaram uma outra relação, entre religião e conservadorismo, além do saudosismo e do sentimentalismo com relação ao campo, muitas vezes ligada à diáspora gaúcha e a emigração de rio-grandenses para outros estados da Federação. Analiso na próxima seção como esta religiosidade e a “devoção” ao tradicionalismo influenciam no comportamento, e as consequências que podem ter quando estes campos se misturam.



## 2.2. O controle do comportamento como estratégia para a “preservação” da “tradição” e vice-versa

Como já escrevi anteriormente, a religiosidade, em especial o catolicismo, é destaque em eventos tradicionalistas, com adoração à santa católica Nossa Senhora Aparecida e até mesmo com religiosos que se dedicam a ministrar celebrações religiosas adaptadas ao gauchismo. Talvez este movimento de aproximação da religiosidade e do tradicionalismo possa ter relação com o “conservadorismo” que presenciei nas minhas inserções em campo.

Recorrentemente, durante a pesquisa etnográfica, alguns de meus interlocutores associavam o “tradicionalismo”, enquanto “lugar de preservação das tradições”, como um espaço para a “defesa” da “família”, da “moral”, dos “bons costumes”. Conceituado por Osorio, o tradicionalismo, enquanto “folclore”,

É capaz de assumir uma carga moral que coloca os indivíduos em contato com experiências que, segundo os tradicionalistas, não tem mais espaço na atualidade: o valor da família, da honra, da palavra. Nas experiências do passado e do meio rural imaginados, eles dizem encontrar uma espécie de solução para os principais problemas da vida nas grandes metrópoles. (OSORIO, 2012, p. 83)

Conforme pontuado por Miguel Mafra durante a realização da Semana Farroupilha de 2014 em Joinville, no que diz respeito ao

campo social [do “gauchismo”]: Ambiente maravilhoso, onde você reúne três, quatro gerações, que é difícil hoje, né? Pai, filho, neto e bisneto eu já vi numa cancha de rodeio fazendo isso... hoje eu... É... No lado social, isso é um negócio maravilhoso... (MIGUEL MAFRA, 2014, informação verbal).

Esta presença “multigeracional” no gauchismo pôde ser observada na imagem que registrei durante a Semana Farroupilha deste mesmo ano. A sessão solene realizada na Câmara de Vereadores aconteceu alguns dias antes desta conversa registrada com Miguel Mafra, mas já apontava a fundamentação de seu depoimento:



*Imagem 8 - Crianças pilchadas acompanham seus pais e avós na sessão solene realizada na Câmara de Vereadores de Joinville por ocasião das celebrações da 14ª Semana Farroupilha de Joinville.*

Quanto à presença familiar em ambientes gauchescos e/ou tradicionalistas, em conversa com o presidente do MTG do Rio Grande do Sul, o mesmo corroborou com a ideia de que os “valores” e “princípios” do tradicionalismo inspiram pais e mães a levarem seus filhos nos eventos, e para ele esta seria a fórmula que faria com que o tradicionalismo tivesse o “sucesso” que Manoelito diz ser possível notar:

[Tradicionalismo] é uma unção. Não é nem estado de espírito. É opção de vida. É uma opção de convivência social. Eu opto por aqui. Eu posso fazer outra coisa, é opção. Só que hoje, hoje é uma opção que te oferece uma possibilidade que outro lugar não te oferece. O segredo do tradicionalismo, tu pode anotar isso aí, e me cobra. Hoje, amanhã, qualquer dia. O segredo do sucesso, porque o tradicionalismo é um *case* de sucesso universal, *tá?* Eu me arrisco dizer que no mundo moderno, e estamos falando século XIX, século XX, século XXI, *tá?* No mundo moderno, e agora nós já *tamo* no pós-moderno, né, e segue... não há outra experiência social tão bem-sucedida. Não há.

**Ariete:** E o que faz ser tão “bem-sucedida”?

**Manoelito:** Aí vem o segredo: A estrutura criada. A estrutura. A estrutura que tem uma base ideológica, *tá?* Que é a Carta de Princípios. E um documento principalmente: O sentido e o valor do tradicionalismo, do Barbosa Lessa. Esse documento é primordial, fundamental. O tradicionalismo oferece a possibilidade de convívio social entre gerações sem conflito. Convívio e sem conflitos são as palavras-chaves. Em sociedade. Lá no CTG o filho usa a mesma roupa que o pai e se sente orgulhoso por isso. A filha usa a mesma roupa que a mãe e sente orgulho disso. O filho e a filha ouvem a mesma música que o pai e a mãe e não sentem constrangimento. Os filhos fazem questão que os pais estejam juntos. Chega assim: "pai, me leva *pro* CTG e fica comigo". Não é me larga na esquina que eu *tô* indo pro CTG. Não. Me leva lá e fica comigo, pai. Não é verdade? Só o CTG oferece isso atualmente.

Fala-se, no tradicionalismo e nas instituições tradicionalistas, constantemente, como um espaço em que se preserva a história, preservar o passado, mesmo estando no presente – e olhando para o futuro. Este “preservar” geralmente está relacionado também com a crítica a “costumes” que estariam se “perdendo”, no que se refere a preceitos morais tidos como “ideais”. Na obra “Tradicionalismo... Responsabilidade Social – Reflexões”, editada pelo MTG-RS, Jarbas Lima descreve que

o tradicionalismo cultua valores e os afirma em meio a um momento histórico desprovido de convicções axiológicas. Cultuamos o associativismo, o nativismo (o solo nos pertence não por sermos donatários, mas conquistadores), o respeito à palavra, a defesa da honra, a coragem moral, o espírito empreendedor, a conduta ética, o amor à liberdade e ao trabalho, o sentimento de igualdade, a politização, o senso de modernidade. (LIMA, 2004, pp. 58-59)

Este “senso de modernidade”, em especial, é visto pelo presidente do MTG como ligado às questões tecnológicas. Ele afirma que o movimento é conservador, e que ao mesmo tempo está inserido na modernidade por meio das tecnologias.

Eu vou te dizer assim, ó: nós somos muito modernos. E ao mesmo tempo, muito conservadores. Eu uso celular, uso notebook, eu tenho Facebook, eu círculo na internet, nós temos uma TV tradição, que transmite nossos eventos, *tá?* Não tem nada de moderno, tecnologicamente moderno, aí fora que nós não usemos. Então nós somos: modernos! Usamos toda a tecnologia. Agora, quando nós partimos *pra, pro* campo das ideias, três coisas: Princípios, crenças e valores. Que são coisas diferentes. Não são exatamente a mesma coisa. Mas elas formam um conjunto de sustentação psicológica. Da sociedade com as pessoas. Bom, aqui, aqui nós somos conservadores. *Pra* nós família ainda é importante. Mesmo que a televisão diga que não é mais. Ainda *pra* nós é importante. *Pra* nós respeito ainda é importante. *Pra* nós respeito aos mais velhos ainda é importante. *Pra* nós honrara a palavra empenhada ainda é importante. É conservador. Isso é conservador, não tenho dúvida. *Pra* nós manifestações cívicas ainda são importantes. Nós não iniciamos nossas atividades sem cantar o hino nacional. Nenhuma atividade oficial se inicia no Movimento Tradicionalista sem cantar o hino nacional. Perfilados. E isto é expressão de civismo. *Pra* nós é importante. Mesmo que tem gente que acha que não é. (SAVARIS, 2014, informação verbal)

É importante destacar que o conceito de “tradição” é utilizado muitas vezes como estratégia em defesa ao controle do comportamento, admitido pelo próprio presidente do MTG do Rio Grande do Sul como sendo uma espécie de “conservadorismo”. Outra vez é possível encontrar relação entre este “tradicionalismo” e uma determinada “comunidade imaginada”, onde o que chamam de “conservadorismo” contribui para a segmentação entre os que participam e os que não participam do grupo, entre os que concordam e o que não concordam com as regras, com um

determinado “controle”. Com relação a este “controle do comportamento”, pude identificar em um dos episódios mais marcantes do período em que realizei a pesquisa de campo, uma relação intrínseca entre a “prenda” e o “vestido de prenda”, no que observo como materialização do que seria este discurso “conservador”.

Era sábado, noite do dia 26 de abril de 2014, o segundo dia do 38º Rodeio Nacional do Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Chaparral. Após passar a tarde no evento já observando etnograficamente os acontecimentos, meu marido e eu<sup>44</sup> voltamos para casa e nos preparamos para o baile. O dia anterior havia registrado um grande público e gerado expectativa nos organizadores do rodeio, que postaram em suas páginas no Facebook agradecimentos às pessoas presentes “Primeiro baile do Rodeio foi um grande sucesso e o Rodeio *tanto* grande... Muito obrigado primeiro a Deus pela proteção e por um tempo maravilhoso e por todos os amigos que vieram nos visitar...”.

As condições climáticas também contribuíram. Em outros anos a chuva castigou os donos do CTG, afastando os “visitantes comuns” do rodeio, permanecendo no evento somente aqueles que participavam das provas. Como se trata de um evento em maior parte realizado em áreas não cobertas, o lamaçal tomava conta da fazenda e muitos poucos “curiosos” frequentavam o CTG naqueles dias festivos. Mesmo o baile acontecendo em um galpão coberto, para chegar até lá era preciso andar um bom trecho da grama e da lama que acumulavam na entrada e no caminho até lá. Neste ano, porém, com céu claro e temperaturas mais altas, o público não enfrentou problema nem mesmo de acesso ao CTG, localizado em área rural do Distrito de Pirabeiraba, em Joinville. Em dias de sol, as estradas de chão ofereciam melhores condições de direção do que em dias de chuva, onde acumulavam-se buracos e lama, além da pouca visibilidade devido à má iluminação.

A família dona da fazenda e organizadora dos rodeios é também ligada à política e bastante influente na cidade. Toda a movimentação que este evento faz em Joinville, é reconhecida há 39 anos (neste período o

---

<sup>44</sup> Optei por frequentar alguns eventos com a companhia de meu marido como uma estratégia de “defesa” a possíveis assédios. Pedi para que ele estivesse comigo em bailes e eventos noturnos, principalmente, porque eu sabia que, como mulher, estaria sujeita a abordagens, e também porque muitos de meus interlocutores eram comprometidos. Vi, nesta perspectiva, a oportunidade de me aproximar deles sem que suas companheiras tivessem ciúmes ou até mesmo “impedissem” que eu acompanhasse o trabalho deles.

rodeio deixou de ser realizado em apenas um ano). O que conhecemos hoje por “rodeio crioulo”, porém, enquanto atividade “artística e esportiva”, conforme termos utilizados pelo MTG, começou a ser realizada com a criação das organizações responsáveis pelo chamado Tradicionalismo Gaúcho, levando as atividades até então exercidas de forma expressiva por habitantes das regiões rurais do Rio Grande do Sul para os grandes centros urbanos (mais especificamente Porto Alegre, onde o movimento começou). As atividades do Tradicionalismo em geral podem ser analisadas como sendo uma tentativa de reconstituição das atividades campeiras, independentemente de onde ela aconteça. O início destas manifestações realizadas por jovens da classe média moradores da capital do Estado, por si só, já denota a distância existente entre o gaúcho em quem se inspiravam e o gaúcho no qual se tornaram. Para Tau Golin,

A partir da oficialização dos rodeios, os CTGs passaram a ter a atribuição de colocar o presente a ideia de que o trabalho do peão assalariado se constituía e se constitui numa “festa” [...]. No entanto, cabe perguntar se essa é uma escolha arbitral ou uma determinação da estrutura social em que vivem? Todavia, para o caso rio-grandense é necessário adicionar um outro componente importante: há muito as “provas” deixaram de representar manifestações espontâneas populares, localizadas no mundo da campanha. Foram ocupadas pelo Tradicionalismo (que é um movimento urbano para reviver o campo) e se desenvolvem, basicamente, fora da zona rural do latifúndio. (GOLIN, 1983, p.104)

No CTG Chaparral, a propriedade das fazendas une-se a outras atividades lucrativas, como a administração das empresas de ônibus do transporte coletivo de Joinville, do qual a família também é dona. A realização do rodeio é ainda uma atividade rentável, além de manter a visibilidade social da família em meio à sociedade política joinvilense. Anualmente eles solicitam à prefeitura que melhore as condições das ruas no trajeto até o CTG (o asfalto termina onde começam os campos, as plantações...), realizando o nivelamento das estradas, planando a terra, assentando as pedras e cobrindo os buracos. Mesmo com esta medida, em dias chuvosos os buracos rapidamente voltam a aparecer. Como em 2014 foram registradas pequenas precipitações e em volume irrisório, ao final

do terceiro dia de rodeio a estrada permanecia favorável ao tráfego de qualquer tipo de veículo, mesmo os menores não adaptados para transitar “fora de estrada”. Outro exemplo da participação política da família na cidade é a presença constante de deputados estaduais e federais em eventos realizados no CTG. Anualmente estes políticos são vistos nos rodeios, sendo hora enaltecidos, hora vaiados (como aconteceu neste ano).

Voltando àquele sábado à noite... já na entrada do galpão, passei pela revista obrigatória, onde a segurança me olhou de cima a baixo e passou o detector de metais. Sua expressão foi de estranhamento. Ao entrar no galpão, percebi que as pessoas me olhavam e também expressavam curiosidade. Algumas chamavam a atenção de quem estivesse ao seu lado, para que também olhassem para mim. Percorri todo o galpão, e observei a mesma reação emitida por todos por quem eu passava. O fato de eu estar pilchada não permitia que eu passasse despercebida.

Em 2008, quando fui aclamada Primeira Prenda deste mesmo CTG, participei de todos os dias do rodeio, assim como fiz agora para a pesquisa de campo. Naquele evento, porém, eu era somente uma “nativa” daquele espaço, sem estar na condição atual de “etnógrafa”. Em 2009, como eu ainda continuava com a “faixa” e era o último ano do prendado, também presenciei todo o evento, que acontece anualmente na cidade de Joinville. Em todas as ocasiões, eu estava pilchada. É claro que eu chamava atenção, principalmente por ostentar aquela faixa de couro envelhecido, pirogravada com os dizeres “Primeira Prenda Adulta”, o nome e a logomarca do CTG, mais os anos de duração do prendado. Aquela faixa, vestida “a meia espalda<sup>45</sup>”, sempre se destacou, independentemente da cor ou do modelo de vestido que eu utilizasse. Ainda assim, eu via diversas outras meninas e mulheres pilchadas, “vestidas de prenda”, como costumam dizer daquelas que usam vestido com saia de armação, meia-calça, sapatilha e bombachinha, uma espécie de ceroula utilizada por baixo do vestido de prenda. Segundo a regulamentação<sup>46</sup> imposta pelos Movimentos Tradicionalistas Gaúchos

---

<sup>45</sup> Usada no ombro, atada da esquerda para a direita, caindo até o quadril.

<sup>46</sup>

Fonte: <http://www.mtg.org.br/public/libs/kcfinder/upload/files/DIRETRIZES%20PARA%20A%20PILCHA%20GA%20C3%9ACHA%20-%202015.pdf>. Acessado em: 04/02/2016.

(MTGs), a bombachinha deve ser “de tecido, com enfeites de rendas discretas. Cor: Branca. Cumprimento: abaixo do joelho, sempre mais curta que o vestido”. O uso da meia-calça também é obrigatório e, segundo o MTG, elas devem ser brancas ou bege, e “longas o suficiente para não permitir a nudez das pernas”. Obviamente que, durante o dia, a pilcha feminina era a destinada às atividades campeiras (com bota e bombacha, ao invés de longas saias armadas), mas quando a principal atração do rodeio era artística, as coisas mudavam. Em shows e bailes, naquela época, era comum encontrar prendas pilchadas com vestidos.

Já durante a semana que antecedeu o Rodeio de 2014, quando estava me preparando para a pesquisa de campo, perguntei ao Jeferson, do Portal Guapos, pelo *Facebook* se ainda se utilizavam vestidos nos bailes do rodeio, e ele respondeu que sim, aproximadamente 10% das mulheres costumavam ir pilchadas, mas que ele achava que eu “deveria fazer a minha parte”. Entendi que ele quis dizer para eu ir pilchada e não me importar com os outros, mesmo sendo pequeno o número de mulheres que usavam vestidos em bailes nos rodeios, pois essa era a “tradição”, e que a mulher deveria sempre estar vestida assim em ocasiões oficiais, como o rodeio. Segundo as diretrizes do Movimento Tradicionalista Gaúcho, o uso de bombacha por mulheres é autorizado quando “utilizada nas atividades campeiras, tais como rodeios, cavalgadas, desfiles e outras lidas”, enquanto nas “atividades cotidianas, apresentações artísticas e participações sociais, tais como bailes, congressos, representações, etc.”, devem ser utilizadas pilchas específicas (vestido para a prenda e bombacha larga para o peão, por exemplo). Citando Ceres Karan Brum, Osório analisa que

A significação de elementos do traje remete à relação que os tradicionalistas estabelecem com o passado em que alguns elementos são selecionados para serem vividos no presente como tradição. A roupa torna-se um veículo privilegiado para se viver o verdadeiro gaúcho. (OSORIO, 2012, p. 80)

Ainda assim, mesmo estando em ambientes “filiados” ao MTG e sujeitos aos seus regulamentos, era possível ver mulheres e homens com trajes campeiros em bailes. Até o momento, nos eventos que pude presenciar, o mais comum é o uso deste tipo de indumentária para todas as ocasiões, tornando o regulamento do MTG (atualizado em julho de 2013) aparentemente obsoleto e não praticado, o que não implica



necessariamente em uma falta de reconhecimento do que seria o “verdadeiro gaúcho”, segundo Brum e Osório estabelecem na descrição feita acima.

Cheguei no CTG à meia-noite e meia, quando o primeiro grupo já havia começado a tocar. Ao percorrer o salão e perceber a reação das pessoas, procurei as outras 9% que estariam vestidas de prenda, segundo Jeferson. Não encontrei. Eu era a única. Percebi que, desde o momento em que entrei no galpão, todos expressavam alguma reação ao me verem. Entre as pessoas com quem conversei, somente uma questionou. Ele é um dos filhos do patrão do CTG Chaparral, e estava acompanhado da namorada. Me apresentou a ela dizendo que eu já havia sido prenda “deles”. Introduzi o tema comentando que eu era a única pilchada lá. Ele disse: “pois é... não se vê mais, não se usa mais”. Um de seus irmãos me parabenizou pela atitude, e disse que mais mulheres deveriam seguir “dando continuidade à tradição”. Uma das mulheres que o acompanhava disse que “as mulheres de hoje em dia não se dão mais o respeito, vêm ao rodeio como se estivessem indo para uma balada, com shorts curtinho, querendo aparecer”. Jeferson, quando me viu, cumprimentou dizendo “agora eu dei valor!”, e disse que não era para eu me importar com as opiniões alheias pois eu estaria “dando o exemplo”.

Ainda sobre a reação masculina, percebi que eles tratam em geral de maneira muito diferente uma mulher quando está pilchada. No baile do dia anterior, quando eu andava sozinha, percebia que alguns homens olhavam demonstrando interesse, e sempre havia uma investida mais “agressiva”, seja em palavras como em gestos. Muitas vezes eu percebia que alguns me olhavam passar e, mesmo após eu ter passado por eles, continuavam olhando. Neste momento, notei que a condição de “nativa” em que me coloquei ao optar por ir pilchada ao baile afetou a perspectiva que tive do evento e propiciou situações peculiares que evidenciaram situações extraordinárias para a pesquisa, colaborando inclusive com a forma como aprendi a fazer etnografia e ensinando ainda mais sobre o “mergulho antropológico” que realizei, mesmo “mascarada” de nativa (ou o correto seria “mascarada” de antropóloga?).

Em bailes gaúchos, como em qualquer outro evento, muitos frequentadores procuram parceiros e parceiras que possam fazer companhia, “ficar” e aproveitar a festa. Mesmo sendo casada, todas as vezes que ando sozinha em locais com grande presença masculina posso observar que alguns deles demonstram estar interessados, seja em uma conversa, uma dança, ou um contato mais próximo. Acontecia quando eu

estava solteira e continua acontecendo hoje, independente de meu estado civil. Neste dia, porém, como eu estava pilchada, percebi que alguns homens eram muito mais corteses do que quando eu vestia calça jeans e bota. Eles abriam espaço para que eu passasse e faziam gestos de reverência, como se estivéssemos há alguns séculos e eu pertencesse à realeza.

No livro “ABC do Tradicionalismo Gaúcho”, Salvador Lamberty escreve 145 páginas justificando cada aspecto do que chama de “cultura gaúcha”, como as danças, as pilchas, as comidas, as músicas e as ideologias manifestadas pelos órgãos responsáveis, como o MTG. O “Machismo Gaúcho”, como o autor intitula em seu capítulo, simplesmente não existe, pois apesar de manter a mulher em situação inferior em diversas ocasiões, o homem ainda trata a mulher com respeito e cordialidade: “O gaúcho, em sua música e poesia, exalta a beleza e as virtudes de sua prenda, tão socialmente vestida, em sua chita. No samba, no tango, etc. a mulher é abordada como objeto sexual. O tradicionalismo trata a prenda com muito respeito” (LAMBERTY, 1989, p. 88). Ainda assim ele defende a permanência da mulher como submissa ao homem e incumbida pelas tarefas domésticas, sendo ela responsável inclusive pela educação que poderia transformar o quadro “machista” instaurado na sociedade: “Como à mulher é que sempre coube a maior parte da educação dos filhos, ela é quem tem condições de moldar a futura sociedade, apagando das futuras gerações essa denominação de ‘sexo fraco’ oferecida às mulheres” (LAMBERTY, 1989, p. 89).

Acompanhada por meu marido, permanecemos ao lado de Jeferson e sua esposa, mais outros dois colaboradores do Portal Guapos: Adriano, sócio fundador, e Fabiano, fotógrafo voluntário. Em determinado momento, Jeferson comentou comigo que o “Conhaque” estava no baile, e que me apresentaria a ele, pois seria interessante também conversar sobre o site dele para a minha pesquisa. Conhaque é proprietário do site Chasque do Conhaque, também destinado à cobertura de eventos e divulgações relacionadas ao gauchismo.

O baile poderia ter terminado ali, mas teve ainda certa repercussão no dia seguinte. Era o último dia do rodeio e fomos meu marido, meu afilhado e eu almoçar. Já na entrada do galpão encontrei Tito, o patrão do CTG, e fui cumprimentá-lo. Ele me viu e com expressão de felicidade disse: “estava falando no seu nome agora mesmo”. Questionei o motivo, e ele disse que “uma moça estava dizendo *pra* ele que não tinha ninguém

vestida de prenda no baile ontem”, e ele respondeu “tinha sim, uma só, mas tinha sim!”.

Além da observação peculiar do tradicionalismo evidenciado pelo uso da pilcha, em outras situações também percebi (e ouvi) discursos “conservadores” e/ou “moralistas”. Um dos indivíduos presentes no último dia das comemorações da Semana Farroupilha de 2014 em Joinville, realizado no Piquete Chaleira Preta, me procurou enquanto eu escrevia no diário de campo. Ele disse que me procurou pois achou curioso o fato de eu estar pilchada, portando uma câmera fotográfica e fazendo anotações. Relacionou com o fato de conhecer repórteres que atuam dessa forma em alguns lugares onde já estive, no Rio Grande do Sul. Ele estava pilchado e disse, entre outras coisas, que ele e sua família iam muito em bailes em CTGs na campanha rio-grandense, na região do município de Cruz Alta, mas que lá “o pessoal é violento, se matam porque estão preservando a tradição”. Uma declaração feita por ele, em especial, evidenciou o moralismo presente no discurso de alguns “tradicionalistas” ou adeptos do gauchismo: a ideia de que este “pessoal violento do CTG de Cruz Alta”, repete um lema de que “tradicionalismo não rima com modernismo”. Este interlocutor disse ainda que acredita que isso está certo em partes, pois “CTG é um reduto de masculinidade”. “Você se sentiria bem vendo duas mulheres se beijando? Não, né?”, ele me perguntou. Questionei “por quê” e ele disse que, se existe um movimento Gay, eles deveriam fundar uma igreja para eles, uma igreja que seja adequada à religião deles. “Acho que não pega bem, né?”, concluiu.

Este discurso evidencia o que discutirei na próxima seção, onde o “moralismo” expresso apresenta um limite muito tênue com o preconceito e a intolerância. A homossexualidade se apresenta diversas vezes como sendo uma oposição à “tradição”. Além das observações do campo, o caso do CTG incendiado e os comentários “tradicionalistas” nos *sites* de notícias e páginas em redes sociais (feitos em sua grande maioria por pessoas que alegam não ser “tradicionalistas” ou pertencentes a este universo “gauchesco”) podem proporcionar o aprofundamento da dissertação neste cenário.

### 2.3. “Oigaletê! Meteram fogo no CTG!”: a relação entre manifestações de intolerância na *internet* e o discurso apresentado como sendo “tradicionalista”

Durante a realização da pesquisa de campo, acompanhando manifestações *on* e *offline* que tivessem relação com o gauchismo, uma situação peculiar se mostrou relevante do ponto de vista etnográfico, principalmente para pensar estas relações “conservadoras” do “tradicionalismo”. Este caso, noticiado em veículos de comunicação, veio ao meu encontro pelo repórter que acompanhou o processo. Giovani Grizotti é conhecido no Grupo Rede Brasil Sul (RBS) de Comunicação por ter um *blog* chamado “Repórter Farrroupilha<sup>47</sup>”, hospedado na *página* G1<sup>48</sup>, da Rede Globo, onde divulga conteúdos referentes a este “universo gauchesco”. Ao tomar conhecimento da existência do *blog* “Repórter Farrroupilha”, passei a acompanhar as postagens da *página*<sup>49</sup> de Giovani Grizotti no *Facebook*, onde tomei conhecimento do caso, registrado posteriormente também em forma de música:

Foi numa das muitas *campereadas* animando bailes com o Fogo de Chão, que de repente me acordou assustado o amigo “Charlinho”, querendo me contar de um pesadelo *loco* que teve. De pronto falei: “Te acalma, parceiro! Puxe um banco e me conte cantando desse devaneio!”.

Fui convidado *prum* tal casamento uma festa *muy* linda, porém diferente. No CTG no *garrão* da fronteira, um lugar sagrado nos bailes da gente. O que de fato me causou espanto, e a gauchada de cabelo em pé, era um *casório* de *peão* e *prenda*, de *hômi* com *hômi* e *muié* com *muié*. Esse *entrevero* causou rebuliço e um bom gaúcho daquele povoado gritou bem forte em nome da história *num* levante *bueno* mandou seu recado:

---

<sup>47</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/reporter-farrroupilha/platb>>. Acessado em: 19/01/2016.

<sup>48</sup> Homepage da Rede Globo, empresa de comunicação cujo Grupo RBS é filiado. Disponível em: <<http://g1.globo.com/index.html>>. Acessado em: 19/01/2016.

<sup>49</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/giovanigrizotti>>. Acessado em: 19/01/2016.

- “Olha, *tchê*, será que vocês não estão no lugar errado? Com todo respeito, não seria melhor procurar um lugar mais adequado, *tchê*?”

Nem deram bola *pr’esse* pedido, como se ninguém tivesse falado. Foi nessa hora que entrou porta adentro um *cuera* bem grosso, bem mais exaltado:

- “Vocês *tão* brincando com fogo, *chê*! Não é *meter pilha*, mas se isso continuar vai ter o onze de setembro farroupilha!”

*Oigaletê*! Meteram fogo no CTG!

*Oigaletê*! Meteram fogo no CTG!

*Oigaletê*! Meteram fogo no CTG!

*Oigaletê*! Meteram fogo no CTG!

- É, amigo Kiko, ainda bem que foi só um sonho. Mas te falo: de tudo o que se passou, penso que deve ser reprovado o extremo do vandalismo, assim como também aqueles que não respeitam a tradição, a história e a cultura de um povo.

*Oigaletê*! Meteram fogo no CTG!

*Oigaletê*! Meteram fogo no CTG!

*Oigaletê*! Meteram fogo no CTG!

*Oigaletê*! Meteram fogo no CTG!

- Ajuda, ajuda o patrão que o companheiro não consegue correr!

- Ele não consegue correr porque *tá* com *bota de garrão de potro*, companheiro velho!

- Mas olha só que loucura, *chê*! Segura aquele *índio* com a tocha na mão! Segura! Segura! Segura o *índio*, guri! Que barbaridade! *Se acabaram* com o CTG!

(FOGO DE CHÃO, A nova revolução<sup>50</sup>)

É difícil, hoje, precisar *quando* tudo começou. Mas sabe-se o *como*. A decisão da Juíza Carine Labres em realizar um casamento coletivo na cidade de Sant’Anna do Livramento tomou grandes proporções ao unir duas situações: a homoafetividade e o tradicionalismo gaúcho. Proponho aqui analisar as publicações na internet que tiveram grande impacto neste caso e, a partir destas publicações, refletir sobre o gauchismo e o conservadorismo, levando em conta a influência dos

---

<sup>50</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0XGOsPltMpk>>. Acessado em: 17/03/2015.

veículos de comunicação e as manifestações explícitas em comentários nas suas páginas na *internet*.

As teorias tradicionalistas sobre conservadorismo, porém, não raro são apropriadas por indivíduos independentes do Movimento. Em caso recente, alvo de análise nesta seção, muitas pessoas acessaram as páginas de jornais na *internet* e destilaram críticas a um casamento civil coletivo, alegando que o evento não deveria ser realizado em um Centro de Tradições Gaúchas pois permitiria a inscrição de casais homoafetivos. Segundo os *internautas*, aquele espaço não era “adequado”. Alguns destes “comentadores” se declarou sem ligação com o MTG, mas simpático às “tradições gaúchas”, defendendo-as como pretexto para impedir a realização de um evento considerado “moderno” e contrário às concepções de “família tradicional”. A Juíza que organizou o casamento explicou a escolha do local:

O Judiciário organiza casamentos coletivos para pessoas com renda de até três salários mínimos, que desejam participar. São dois eventos no ano. O primeiro foi em março, no salão do júri. Pensei que o próximo poderia ser realizado em setembro, dentro de um CTG, numa homenagem à Semana Farroupilha, reunindo casais hetero e homossexuais.<sup>51</sup>

A data também afrontou os tradicionalistas e simpatizantes do movimento. Apesar de a palavra “gaúcho” ser também – e principalmente – gentílico do Rio Grande do Sul, e não se referir somente àqueles que estão inseridos em contextos tradicionalistas, nativistas ou associativistas de alguma forma, a programação de um casamento civil com possibilidade de inscrição de casais homoafetivos em um CTG nas proximidades da comemoração do “dia do gaúcho” provocou um fenômeno de intolerância e agressividade, publicitada na *internet*. Giovanni Grizotti, do blog Repórter Farroupilha, vinculado ao Grupo RBS e às Organizações Globo, afirma que foi o primeiro a “dar a notícia”. A

---

<sup>51</sup> Fonte: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/noticia/2014/07/revolucao-na-fronteira-a-ideia-e-garantir-os-direitos-da-minoria-diz-juiza-sobre-casamento-gay-em-ctg-4557350.html>>. Acesso em: 17/03/2015.

matéria<sup>52</sup> foi veiculada em 10 de julho de 2014 e foi intitulada “CTG de Livramento poderá ter casamento gay em setembro”. Como trata-se de um profissional de comunicação que dedica um blog a tratar somente de notícias relacionadas ao gauchismo, transcrevo abaixo a íntegra da reportagem, para analisa-la em seguida:

Imagine dois noivos homossexuais, pilchados, casando dentro de um Centro de Tradições Gaúchas da fronteira? Pois essa união civil poderá se tornar realidade em pleno mês farroupilha. A ideia da juíza de Santana do Livramento, Carine Labres, é realizar um casamento coletivo para casais heterossexuais e homossexuais, em setembro. As inscrições estão abertas no fórum da cidade até o final do mês.

O local do casório está definido: é o CTG Sentinelas do Planalto. Advogado e presidente da Câmara de Vereadores de Santana do Livramento, o patrão do CTG, Gilbert Gisler, disse “ter certeza” de que vai haver polêmica por causa de possíveis casais homossexuais na cerimônia, porque, segundo ele, no MTG “existe muito radicalismo”. “Complicam até com a bombacha uruguaia e argentina”, reclama.

O patrão recorre à carta de princípios do movimento para justificar a cedência do CTG para o casamento coletivo: ela não permite preconceitos. E prega o estímulo às famílias. “Um casal de mulheres e de homens também forma uma família, eles podem até adotar filhos”, diz o corajoso patrão, que vai além: os gays, segundo são bem vindos ao Sentinelas do Planalto, desde que não se “agarrem” dentro do galpão. “Mas nem para os heterossexuais isso é permitido”, completa o patrão.

---

<sup>52</sup> Fonte: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/reporter-farroupilha/platb/2014/07/10/ctg-de-livramento-podera-ter-casamento-gay-em-setembro/>>. Acesso em: 17/03/2015.

Procurei o presidente do MTG para saber o que pensa do casamento coletivo. A resposta de Manoelito Savaris: “não se trata de CTG. Pelo menos não é ligado ao MTG. Portanto não me cabe emitir opinião, mesmo porquê não tenho informações suficientes”. Segundo o patrão Gilbert, o CTG está suspenso pelo MTG por manter as anuidades atrasadas.

Está claro que a própria matéria pode ter influenciado a opinião do público que teceu comentários, pois contém declarações afirmativas e interrogativas que provocam uma leitura que poderia ser chamada de tendencionista. Isso pode ser visto já na primeira frase, quando o repórter incita o leitor a imaginar “dois noivos homossexuais, pilchados, casando dentro de um Centro de Tradições Gaúchas da fronteira”. Em primeiro lugar é preciso deixar claro que a decisão da juíza é direcionada a um casamento civil coletivo, que em nenhum momento implica em utilizar vestimentas tradicionalistas. O local escolhido para a realização do evento, conforme o próprio presidente do MTG defendeu, estava com suas contas atrasadas e, por isso, não poderia mais ser compreendido como um CTG e, independente dos motivos ou implicações desta afirmação, este também é um fator de destaque na reportagem. Apesar de provocar o público para repugnar o “casamento gay”, Grizotti encerra o texto com a declaração, uma negação do gauchismo que pudesse estar presente naquela situação. Em um dos comentários, um homem que se identifica como um dos fundadores do CTG Sentinela do Planalto teoriza sobre a denominação da entidade e critica o posicionamento do MTG:

É claro que o MTG vai excluir essa Entidade, pelo simples fato de estar com suas anuidades em atraso. Mas a lei é clara, qualquer CTG que tenha CNPJ, ESTATUTOS E UM QUADRO DE SÓCIOS, não deixa de ser CTG pelo simples de não recolher suas anuidades, apenas perde o direito de participar de eventos, organizado pelo MTG, mas será sempre um Centro de Tradições Gaúchas.

Transcrevo abaixo alguns dos comentários publicados na página, que considero serem importantes, e suficientes para embasar a discussão sobre o conservadorismo no tradicionalismo e a amplitude da ressonância ocorrida neste caso. Mais uma vez esclareço que optei por manter as



formatações e as escritas originais, ao invés de corrigi-las segundo padrões ortográficos, por acreditar que alguns destes “erros” de português são parte importante do discurso regional.

Angelo Rodrigues:

11 julho, 2014 as 10:00

Não é questão de preconceito, é simplesmente tradição do povo gaúcho dentro do CTG, por que afinal não fazer isso na igreja, que é lugar de casamentos, ou no próprio cartório, por que essa “agressão” ao local que costumeiramente é contra até beijo de homem e mulher dentro do CTG?? (...)

francisco maria:

11 julho, 2014 as 11:29

*Concordo* contigo plenamente Angelo, *sera* que não tem um lugar mais apropriado para se fazer isso, um CTG e uma *istituição* que prega pelo respeito e *ombridade*, isso e *ridículo!* (...) Os *Ctgssaõ* uma referencia para nos de respeito, carater, entidade exemplo lar *aducativo* para as familias, e *pricipalmente* por *prucar* nunca se envolver em polemicas.

Nos *Ctgs* existem regras não se pode entrar de chapéu ou qualquer tipo de cobertura, o traje deve ser social ou pilchado, deve-se dançar educadamente não tão agarrado um no outro etc.. *Porem*, se permitirem casamentos gays nos *Ctgs!* Pode jogar fora todos esses conceitos *apartir* dai qualquer coisa vai valer *erspeito* pelos *Ctgs* ja era! (...)

Alfonso Ville dos Santos Gabriel:

11 julho, 2014 as 12:38

Tradição não se discute e não se modifica, se respeita. Graças à forte influência da tradição na nossa cultura gaúcha que ainda mantém o povo gaúcho ligado à valores como honra e família e não ao que o restante da sociedade caminha para o que prega essa cultura (ou ausência de cultura) do “sertanejo universitário”. Este patrão quer distorcer o que está escrito na “Carta de Princípios” para ultrajar a tradição.

Blair Tressoldi- Osório/RS:

11 julho, 2014 as 21:05

Quanto a iniciativa da *Juiza*, não vejo nada de mais, apenas acredito que talvez ela tenha sido infeliz na escolha do local, mas se os associados do *CTg* de Livramento estão de acordo, o problema é deles e ao povo só resta lamentar, haja visto isto ser uma constante em nossos dias, neste imenso País com *principios* morais e éticos agredidos todos os dias por nossos *governantes*.(...) Nos *CTGs* as mulheres não podem dançar de bombacha feminina e daí entre casamento de duas mulheres ou dois homens, qual dos casais vai usar a vestimenta do outro??? Por falar o que quiserem, mas até que Deus acabe com toda essa nojeira que assola o mundo, a *familia* sempre será *constituída* por casal ( homem x mulher ) e não adianta quererem explicar o que não tem explicação. Tem muitas pessoas, falando em direitos iguais sem preconceito, mas não vejo nenhum defensor destes relacionamentos diferentes, falando no bem estar sem constrangimento das crianças, pois não pensem que estas distorções de valores não mexem com a cabecinha delas. (...)

GeanAlexander:

12 julho, 2014 as 14:03

Falta de respeito com a tradição e cultura do nosso estado.

Respeitamos essas pessoas como seres humanos mas isso já passa dos limites entre respeito e afronta as nossas tradições culturais e religiosas.

JOSE ALDONES REINALDO DE MATOS:

14 julho, 2014 as 17:32

ERA SO OQUE FALTAVA TAMANHA VERGONHA\*\*CTG E UMA CASA DE RESPEITO PARA QUEM

NAO SABE (...). O CTG ATE AGORA E O MELHOR LUGAR DE BUSCAR VALORES REAIS\*\*\*SE ISSO ACONTECER NUNCA MAIS

PISO NUM CTG\*\*\*\*\*E BONITO QUEM GOSTA E APOIA ISSO

MAS FAZ FAVOR\*\*ESCOLHAN OUTRO LUGAR\*\*\*\*\* (...)

Hermann filho:

14 julho, 2014 as 18:54

Essa é a tal modernidade maléfica... Onde se cultua tradição (inclusive familiar) não é local para esse tipo de união... Nada contra os gays.. (...)

Não enxerguei *inovação* por parte do *patrao*... Nem benfeitoria para a sociedade.. Inclusive para os homossexuais que ja *sao* discriminados, *vao* passar a ser ainda mais *rechassados* por conta desse tipo de atitude...

Santiago Pereda:

17 julho, 2014 as 14:12

Sou totalmente contra o preconceito. Sou gaúcho, respeito e igualdade é parte da identidade dos *Riograndenses*, não é aceitável negar a entrada de um gay ao CTG, mas e imperdoável que um Centro Tradicionalista apoie e promova esse tipo de coisas.. Aceitar que se associem está correto, mas promover um casamento gay é demais!! Tem gente que lamentavelmente não entende corretamente o que é ser Gaúcho.. e é assim que a ideia do homem de campo, do Paisano, vai se desfazendo ao se misturar com ideias de modernidades que vem do exterior e entrar diretamente em São Paulo e Rio de Janeiro, e lamentavelmente são bem acolhidas pelos nosso jovens, crianças, adultos e idosos. Vamos nos espelhar mais pro sul que para o norte.. no *Uruguay* e *Argentina* não existe caminhada gay e nem beijo na TV.

Jairo Garcia:

29 julho, 2014 as 21:49

Isso é uma afronta a tradição.

*Pra* que misturar as coisas?

Querem acabar com um dos poucos ambientes que ainda prevalece a família costumeira, que os pais procuram para criar seus filhos entendendo e respeitando a família tradicional. Isso é bonito. (...)

Trata-se de uma manifestação que está presente em diversas ocasiões relacionadas ao gauchismo, mas que nem sempre pode realmente ser ligada diretamente a este amplo “grupo” ou a uma “totalidade” que, em verdade, é bastante heterogênea. Seja a homo/trans/lesbofobia, o machismo, o racismo ou outras formas discriminatórias, estes discursos são repetidos em nome de uma “tradição”, em nome de uma “cultura”, em nome de uma “história”, mas muitas vezes proferidos por pessoas que não integram este Movimento e acabam associando, portanto, a “imagem” de toda uma organização” à sua visão específica do que seriam “condutas morais aceitáveis” para ambientes que se dizem responsáveis pela “manutenção” das “tradições”. Mais uma vez, a noção de “comunidades imaginadas” ganha destaque por problematizar grupos que, sob o título de uma determinada nacionalidade (ou uma segmentação sem fronteiras geográficas, como o caso do gauchismo), apropriam-se de estereótipos discriminatórios. Neste caso, têm-se uma ampla e diversa comunidade sendo incluída em visões de mundo e moralidades que não dizem – nem poderiam dizer – respeito ao “todo” a que se quer referir, mas ainda assim os discursos são utilizados em nome desse heterogêneo grupo a que chamo de “gauchismo”.

O resultado, neste caso, foi uma ampla cobertura midiática e matérias nas páginas dos jornais com mais de 800 comentários. O resultado foi um patrão de CTG ameaçado e um CTG alvo de um incêndio criminoso. O resultado foi, conforme as imagens, um casamento civil coletivo com um casal de lésbicas oficializando a união no fórum da cidade, decorado com as cores da bandeira do estado do Rio Grande do Sul e com bandeiras coloridas como o arco-íris. E a presença de convidados pilchados, além da celebração ter sido ministrada por uma juíza vestida de prenda.

Casamento polêmico

## Casal gay celebra união no fórum de Livramento após incêndio em CTG

Salão foi decorado com motivos gauchescos e a bandeira da causa homossexual

por Nilson Mariano, de Santana do Livramento

13/09/2014 | 18h06



Solange e Sebriny foram o primeiro casal a oficializar a união no casamento coletivo no fórum do município.  
Foto: Carlos Macedo / Agência RBS

Imagem 9 - Printscreen da imagem ilustrando a legenda original da reportagem<sup>53</sup>.

---

<sup>53</sup> Fonte: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/09/casal-gay-celebra-união-no-forum-de-livramento-apos-incendio-em-ctg-4597939.html>>. Acessado em 17/03/2015.



Fórum tem bandeira gay e decoração tradicionalista (Foto: Estêvão Pires/G1)

*Imagem 10 - Reportagem<sup>54</sup>destaca decoração do Fórum com as cores da bandeira do RS (verde, vermelho e amarelo) e a bandeira LGBT exposta sobre a mesa.*



Juíza Carine Labres celebrou a cerimônia vestida de prenda (Foto: Estevão Pires/G1)

*Imagem 11 - Juíza vestida de prenda em imagem destaque na reportagem do G1.*

---

<sup>54</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2014/09/apos-polemica-e-incendio-em-ctg-casamento-coletivo-e-celebrado-no-rs.html>>. Acessado em 25/01/2016.

É paradoxal, em meio a todos estes acontecimentos, a declaração contida em uma publicação do MTG: “Nós, gaúchos, vivemos essa sociedade democrática onde as diferenças culturais não constituem motivo de discriminação, mas elos de uma sólida unidade e respeitosa fraternidade” (LIMA, 2004, p. 176). As “diferenças culturais” podem talvez ser parte de uma “respeitosa fraternidade” dentro do Movimento Tradicionalista, mas os ideais conservadores defendidos como sendo tradicionalistas são observados em toda uma sociedade que não necessariamente se autorreferencia como sendo parte do universo gauchesco, não necessariamente considera que tenha uma “identidade” tradicionalista, mas manifesta uma identificação com estes valores e até mesmo com esta identidade representante da “moral” e dos “bons costumes” que pertenceriam a uma época passada, revivida pelo MTG.

Neste sentido, é necessário também avaliarmos não somente a noção de cultura ou do gauchismo a que os comentários se referem, mas à complexidade envolvida nas publicações na internet e o alcance que estas publicações atingem. Aqui, mais do que permitir que um determinado “tradicionalismo” ou um pensamento “tradicionalista” encontre com a “modernidade”, percebe-se que a inserção destes grupos nos meios digitais deve ser analisada mais profundamente. Partindo desse pressuposto, descrevo a seguir meus interlocutores *websiters* para, no capítulo 4, problematizar o trabalho que eles realizam na internet e sua ligação com este universo tido como “tradicional”, como o “gauchismo”.

### 3 WEBSITERS: ETNOGRAFIA ON E OFFLINE

Mas, tchê, Rio Grande velho, volta *pro* sistema antigo, que eu *tô* perdido com esta modernidade. Se não me bastasse a moda do Facebook, agora vieram com esse *tar* de *zap zap*  
(PORTAL GAÚCHO<sup>55</sup> - *O tal do ZapZap*)

Buscando analisar o “gauchismo *online*”, encontrei inúmeros “outros gauchismos”. Antes mesmo de começar a pesquisa etnográfica, onde eu me dedicaria a trabalhar sobre as experiências mediadas por computador, acabei – por sugestão do orientador – fazendo observações e inserções em campo de modo *offline*, onde meus interlocutores também apresentariam dados interessantes para pensar o universo *online*. Assim, além das visitas aos seus *websites* e de conversas *online* informais, participei também de eventos e realizei entrevistas pessoalmente. Há muito do *online* no *offline*, e vice-versa. Embora estes conceitos sejam alvos de críticas – que citarei no decorrer do texto – o chamado “mundo virtual” parece depender do “mundo real” para existir, e muitas vezes o “real” apresenta (ou representa) também elementos vistos no “virtual”. O objetivo deste capítulo é fazer uma reflexão sobre as vivências no ciberespaço e fora dele, a partir dos dados etnográficos resultantes do campo.

Dedico-me, aqui, a fazer uma apresentação mais extensa dos meus interlocutores e uma retrospectiva da história de seus respectivos sites. Este trabalho de campo começou já durante a elaboração do projeto para a qualificação, onde contatei alguns conhecidos meus perguntando se gostariam de participar da pesquisa. Entre eles estava Jeferson Jacob de Souza<sup>56</sup>, também conhecido simplesmente por Jeff, como o chamo algumas vezes nesta dissertação. Jeferson prontamente aceitou o convite e me passou algumas formações iniciais, inaugurando assim a fase etnográfica do mestrado.

Já no período pós-qualificação, realizei uma entrevista em sua casa que também foi a primeira entre as que realizei. Ele estava acompanhado

---

<sup>55</sup> Vídeo com o clipe oficial disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=fVs-nj4Pk98>>. Acessado em: 14/01/2016.

<sup>56</sup> A relação que tenho com Jeferson iniciou devido ao seu trabalho no Portal Guapos, fazendo a cobertura fotográfica de eventos e bailes que frequentei enquanto ainda era Primeira Prenda do CTG Chaparral.



de sua esposa e seu filho, e a conversa durou mais de uma hora e meia, sendo impossível precisar agora, porque na hora de gravar, eu a apaguei. Como estava usando o gravador do celular, não foi possível recuperar o áudio. Usar meios tecnológicos como ferramenta de pesquisa tem também seus riscos, e ao não dominar os mecanismos estes riscos<sup>57</sup> aumentam potencialmente. *Mea culpa*. Como solução, por não ter conseguido conciliar as agendas, optei por refazer a entrevista, desta vez via *Whatsapp*. Jeff havia enviado também via e-mail um documento com duas páginas, com informações sobre a criação do Portal Guapos, *website* do qual foi fundador e que administra até hoje. A descrição que faço do Guapos, assim, foram obtidas nesta diversidade de meios tão intrinsecamente ligados ao objeto geral desta pesquisa, os meios digitais, além das memórias que guardei de nosso encontro sem registros em áudio.

No dia em que entrevistei Jeferson em sua casa, ele e sua esposa recomendaram que eu conversasse também com Conhaque, um amigo deles que há algum tempo também se dedica à cobertura de eventos e à manutenção de um *website* gauchesco. O primeiro encontro que tive com Conhaque aconteceu em Joinville, no dia 26 de abril de 2014. Apesar de morar em Curitiba, ele frequentemente vem a Santa Catarina para fazer a cobertura de eventos, como naquela noite, na ocasião do baile com os Grupos “Coração Gaúcho” e “Minuano” no 38º Rodeio Crioulo Nacional do CTG Chaparral.

---

<sup>57</sup> Os riscos de se fazer pesquisa por meios digitais vão além da perda dos registros. Conforme pontuou meu orientador, as tecnologias são, também, complexas do ponto de vista da “impossibilidade de confidencialidade”, onde a “memória” passa ocupar um não-lugar, uma “nuvem”, sem as garantias que um registro *offline*, “em papel”, poderia gerar. Segundo Spadaro, “toda forma de comunicação na verdade comporta riscos, e esse não é um bom motivo para se isolar. Todavia, é importante estar consciente dos perigos de cada ambiente e, portanto, também do digital (SPADARO, 2014, p. 149). Apesar dos questionamentos feitos por meu orientador e dos riscos apontados por Spadaro, porém, assumi os riscos de privacidade contidos nos registros digitais e utilizei inclusive as redes sociais (*Facebook* e *chat* do *Facebook - Messenger, Instagram, Whatsapp* e *e-mail*) para realizar a pesquisa etnográfica e boa parte das entrevistas. Considerei que mesmo utilizando de gravadores comuns para registrar as conversas, estaria ainda sujeita a esses mesmos riscos ao transferir os áudios para o computador, ao transcrevê-los e ao escrever a dissertação propriamente dita, no programa utilizado (*Microsoft Word*).

Nos reencontramos no dia 04 de maio do mesmo ano, também em Joinville, durante um evento organizado pelo Portal Guapos, *website* do Jeferson. Era a primeira vez que eu via alguém de outro site fazendo a cobertura daquele evento, que não fosse o Guapos. Brinquei com Jeff pela presença do Conhaque, perguntei se ele havia aberto espaço para a concorrência, e ele respondeu “que nada, aqui é só parceria!”, e completou dizendo “eu que coloquei o site dele no ar dia desses, rs”. Percebi então que o fato de Jeferson ter dito que eu deveria também conversar com Conhaque sobre a minha pesquisa tinha base não somente na visibilidade dos sites ou reconhecimento dos internautas, mas principalmente na relação de confiança que eles tinham, por serem parceiros, já se conhecerem e trabalharem juntos em eventos de longa data.

Decidi, em acordo com meu orientador, agendar uma entrevista com os dois interlocutores, e apesar de eu ter convidado também outros dois colaboradores do site de Jeferson, eles não puderam comparecer.

### 3.1. Portal Guapos<sup>58</sup>



Imagem 12 - Página inicial do Portal Guapos.

O Portal Guapos teve início em 2004 com um grupo de cinco amigos que se reuniu na garagem da casa de um deles onde se preparavam para ir a um baile no Centro de Eventos Sítio Novo, em Joinville. Filho

<sup>58</sup> Acessível em: <http://www.guapos.com.br/>.

de catarinenses e nascido em Joinville, onde reside, os bailes foram – e até hoje são – o principal elo de ligação de Jeff com a cultura gaúcha. Foi devido principalmente às amizades e ao interesse nas festas que ele começou a ouvir música gauchesca. O nome do grupo foi sugerido por um dos amigos e aceito imediatamente por todos. No início, o grupo fazia cobertura fotográfica dos eventos em troca unicamente das entradas para o baile, e publicavam as imagens em uma página que desde o começo teve o domínio “*guapos.com.br*”, registrado em 12/02/2014. Perguntei se o grupo já se reunia anteriormente para frequentar bailes, e Jeferson respondeu que a amizade já existia, mas até então eles nunca haviam ido a bailes. Segundo ele, neste primeiro dia, no primeiro baile, eles já estavam uniformizados. “Nesse dia já tava com camiseta. Porque daí a gente já mandou bordar camiseta, tudo, fazer adesivo, e nem sabia se o nome tava disponível. Aí depois de uns três, quatro bailes que a gente foi, assim, já divulgando, aí eu fui atrás *pra* ver se *tava* disponível. E graças a Deus tava.”. Por e-mail, ele descreve que “foi um início bastante discreto e sem um objetivo muito definido, onde já com uma câmera em punho, começamos registrando em fotos os momentos de descontração de nossa equipe e de amigos próximos durante os bailes...”. E completa:

Certos de que outras pessoas poderiam pedir para serem também fotografadas, prontamente atendíamos e batíamos as fotos... E como vamos fazer para este pessoal visualizar as fotos? Fomos atrás do registro do domínio *guapos.com.br* que até então somente poderia ser registrado por um CNPJ... Um dos integrantes trabalhava em uma imobiliária e "emprestou" o CNPJ para registrarmos nosso tão precioso domínio. Mal sabíamos que teríamos um pouco de dor de cabeça mais *pra* frente para transferir este domínio para outro CNPJ (da empresa da mãe de um dos integrante). Tivemos alguns contratemplos e após explicarmos ao dono da imobiliária o porquê do domínio ter sido registrado no CNPJ de sua empresa, o proprietário acabou assinando um documento de transferência do domínio e a partir dali o domínio já estava devidamente em nosso poder.

Sobre a estruturação do Guapos na internet, Jeferson afirma que sempre gostou de internet e já possuía conhecimentos técnicos, então desenvolveu um *website* com uma única página, onde “exibia as miniaturas das fotos com link para a foto maior. Nascia ali a primeira versão do Portal Guapos, que mostrava mais fotos da gente do que dos outros (risos)...”.

Com o passar do tempo, fui estruturando e montando um site mais elaborado com mais conteúdo e outros atrativos para os visitantes. Tempos depois, optamos por desmembrar a equipe (por motivos que não vem ao caso) e ficamos somente com 3 integrantes (eu, Adriano e Anderson). Foram bailes e mais bailes fazendo cobertura e a dificuldade em publicar as fotos por não termos internet só aumentava, até que tivemos a ideia de usar o laboratório da Univille, durante as aulas, *pra* fazer as atualizações das fotos e do site propriamente dito. Algumas vezes fomos expulsos pelos professores (risos), quando notavam que não éramos alunos...

Hoje, profissionalizado, o Guapos possui, além de dois sócios-fundadores (Jeferson e Adriano) ainda em atividade, uma colaboradora responsável pela cobertura do Guapos em Canoinhas e região, a Marcinha, e um fotógrafo voluntário, Fabiano. Jeferson relata que “Marcinha que mostrava interesse e nitidamente também mostrava ser a cara do Guapos e resolvemos dar a oportunidade de ela cobrir alguns bailes em Canoinhas e região só *pra* ter uma ideia se deveríamos expandir nossa ‘área de cobertura’.”. Hoje ela trabalha para o Portal Guapos fotografando os eventos e também vendendo espaços de publicidade no site, recebendo por estas atividades toda a renda que ela arrecada com propaganda. Fabiano não tem custos com as entradas nos bailes, mas registra os eventos que frequenta sem remuneração.

O trabalho de Jeferson inclui várias atividades, como a confecção de materiais promocionais (*folders* e *banners*) que são impressos em uma gráfica parceira, que faz a impressão dos materiais em sistema de *permuta*, como ele chama, ou seja, em troca de publicidade no site. Além do Portal Guapos, ele também administra o domínio

*radioguapos.com.br*<sup>59</sup>, e também é o *webdesigner* responsável por outras páginas, como a do Sítio Novo, do qual ele também é fotógrafo contratado, recebendo mensalmente para fotografar os bailes, manter atualizado o site [www.sitionovo.com.br](http://www.sitionovo.com.br) e também as redes sociais da casa. Nos eventos do Sítio Novo, ele vai como funcionário da casa, tira as fotos e divulga no site com a logomarca da casa impressa em cada imagem, e posta as mesmas fotografias no seu portal com a sua logomarca e do seu patrocinador. As fotos feitas por outros fotógrafos, como Adriano e Fabiano, vão exclusivamente para o Portal Guapos. Por serem parceiros, o Guapos não cobra pelos serviços prestados ao Sítio Novo, como a divulgação prévia dos bailes e a exposição das fotos, mas recebe da casa aproximadamente 20 ingressos, que eles mesmos têm de vender para obter renda extra.

Jeferson também divulga no Portal Guapos os bailes de outras casas da cidade e da região, recebendo por isso, por fazer a cobertura fotográfica ou fazendo um pacote para ambas as atividades, o que, segundo ele, gera um preço melhor para o cliente. Além disso, a manutenção e a hospedagem de outros sites (como os de bandas gaúchas) geram descontos na taxa de hospedagem do Guapos. Ele comenta que

Como eu trabalho com desenvolvimento de sites e todos os clientes que não tem domínio ainda eu hospedo com uma parceria nossa, cada cliente que eu hospedo lá eles me isentam por seis meses de taxa de hospedagem... O domínio não tem como fugir, mas são só 40 reais por ano que pagamos com a verba que entra de patrocínios.

Assim, o domínio *guapos.com.br* custa R\$ 40,00 anuais, pois as mensalidades são abatidas com as hospedagens de outros *websites*, que podem ter seus nomes precedidos do domínio *guapos.com.br*.

Em 2014, quando o Guapos completou 10 anos, o grupo investiu também em outro ramo de atividade, a organização de eventos. Jeferson e Adriano idealizaram um projeto que contemplava a realização de bailes em parceria com um bar de Joinville, chamado Foot Bar. O evento inicialmente foi chamado de Domingueira Guapos, e acontecia semanalmente nas noites de domingo, iniciando as 20h.

---

<sup>59</sup> Acessível em: <http://www.radioguapos.com.br/>.

Ao observar o público presente no evento, notei que alguns estavam vestidos com roupas bordadas com o nome de grupos de dança ou de piquetes. Todas as pilchas (trajes) que vi eram “masculinas” (bombacha, bota...), mesmo que estivessem sendo vestidas por mulheres. Era possível ver algumas delas com bombacha “campeira” (mais justa do que as de baile) e outras com calça jeans e bota de *cowboy*, num estilo mais *country* americano. Alguns homens utilizavam chapéu, enquanto outros estavam de boina. Havia também alguns com camisa e outros de “camiseta pólo”, sem chapéus e sem nenhum elemento que caracterizasse uma indumentária “gaúcha”. O público no evento era predominantemente jovem, e o Grupo Minuano executava em grande maioria vaneiras, muito mais do que outros ritmos, todas mais ao estilo *tchê music*, com o som da percussão sempre em destaque. No salão, ao som destas vaneiras, era possível ver alguns casais “maxixando”, mas não pareciam ser a maioria.

Já em outra Domingueira, no dia 05 de abril de 2015, pude acompanhar outras atividades relativas ao evento. Já nos dias que antecederam o evento, a divulgação nas redes sociais do Portal Guapos era grande. No dia anterior, Jeferson postou em sua página no *Facebook* que os ingressos estavam esgotando. E na noite da Domingueira as atualizações continuaram. Jeff mexia constantemente no celular, e em uma das vezes em que o vi fazendo isso ele explicou sua estratégia de marketing: disse que todo início de baile ele captura três fotos e posta na conta *@portalguapos*<sup>60</sup> no *Instagram*, compartilhando para o *Facebook*, convidando seus seguidores para a Domingueira, que já estava acontecendo. A todo momento é possível vê-lo “mexendo” no celular, pois além de tirar fotos do evento e compartilhá-las em tempo real nas redes sociais, ele também curte e comenta outras postagens relativas ao evento.



Imagem 13 - Foto compartilhada no *Instagram @portalguapos*

---

<sup>60</sup> Acessível em: <https://www.instagram.com/portalguapos/>.

Nesta situação, coloca-se uma questão importante para minha pesquisa: apesar de estarem inseridos em um universo que teoricamente “resgata” “costumes” que pertenceriam a um passado ou a uma sociedade rural nos meios urbanos, um universo que é reconhecido muitas vezes como “tradicional” ou “tradicionalista”, o apelo ao “contemporâneo” ou a inserção em meios digitais “pós-modernos” está constantemente presente em suas atividades. A manutenção de redes sociais implica em um apelo pelo imediatismo, requer permanente inovação e atualização. Redes sociais, por definição, caracterizam-se pelo “novo”. A *internet*, nesse sentido, teria um caráter antitradicionalista, porque em certa medida cultiva a efemeridade. Os *websiters* dedicados ao gauchismo *online*, quando inseridos nestas redes sociais, têm na novidade um importante elemento.

Voltando ao evento, destaco outra necessidade implícita na manutenção de redes sociais como “negócio”: a de fidelizar “clientes” e agregar “seguidores”. Para isso, muitas vezes envolvem-se outros grupos para abranger ainda mais pessoas, tanto para os eventos quanto para as páginas mantidas nos meios digitais. Segundo Jeff, esta domingueira foi organizada em parceria com oito grupos de dança de Joinville. Foram distribuídos ingressos para que estes grupos vendessem, sendo que três destes grupos venderam praticamente todos os ingressos, um deles vendeu um único ingresso e os demais não venderam nenhum. Talvez pela parceria na organização, a faixa etária presente na domingueira estava bem mais ampla do que na anterior. Além dos jovens, que ainda eram maioria, havia também muitas pessoas mais velhas, com cerca de 40 anos ou mais. Alguns deles eram professores mais antigos dos grupos, e os reconheci dos bailes que frequentei enquanto Primeira Prenda.

A preocupação com o orçamento no evento é destaque, levando Jeferson a checar constantemente a portaria, se informando sobre os valores. Neste dia, aproximadamente as 21h ele falou que a arrecadação com as entradas do evento já havia coberto os custos com o cachê da banda. Comentou que algumas bandas tocam na domingueira por esquemas de permuta, em troca de espaço publicitário no Portal Guapos e divisão da arrecadação com os ingressos, por menor valor que seja. Disse que assim aconteceu com o Grupo Minuano na última Domingueira (30 de março), onde eles dividiram 50% da arrecadação da portaria com o Guapos e solicitaram divulgações no site. No dia seguinte à primeira Domingueira de abril foi publicada uma imagem no *Facebook* do Portal

Guapos em agradecimento às parcerias, se referindo ao evento como “a melhor das edições da Domingueira Guapos”:

**INFORMATIVO DOMINGUEIRA GUAPOS**

**BUENASI** E O QUE TINHA TUDO PARA SER SOMENTE "MAIS UMA" DOMINGUEIRA, ACABOU SE TORNANDO A MELHOR DAS EDIÇÕES DA DOMINGUEIRA GUAPOS!

NOSSO AGRADECIMENTO ESPECIAL AO GRUPO **DE MONTÃO** QUE NÃO POUPOU ESFORÇOS PARA ABRILHANTAR ESTA EDIÇÃO, ESBANJANDO TALENTO E UM REPERTÓRIO IMPECÁVEL DE DAR INVEJA! É IMENSAMENTE GRATIFICANTE QUANDO ELOGIOS RELACIONADOS AOS GRUPOS QUE CONTRATAMOS ECOAM E NESTE CASO FOI O QUE MAIS OUVIMOS DURANTE A FESTA.

É DE SUMA IMPORTÂNCIA TAMBÉM A PARCERIA QUE TEMOS COM OS CURSOS DE DANÇA, E TEMOS COMO OBRIGAÇÃO AGRADECER IMENSAMENTE A TODOS, MAS EM ESPECIAL A **QUATRO** DELES QUE SEM EMPENHARAM E NÃO MEDIRAM ESFORÇOS NA VENDA DE INGRESSOS ANTECIPADOS, SÃO ELAS: **AMIGOS DA TRADIÇÃO, REPONTANDO A TRADIÇÃO, HERANÇA NATIVA E PAIXÃO GAÚCHA**, ALÉM DO PARCEIRO DA "**ASSADOS TCHÊ**" QUE TAMBÉM TEVE UM NÚMERO EXPRESSIVO DE INGRESSOS ANTECIPADOS VENDIDOS.

SAIBAM QUE ATITUDES COMO ESSA NOS LEVAM A CRER QUE TEMOS NÃO SÓ **PARCEIROS**, MAS SIM **AMIGOS** QUE VESTEM A CAMISA E ESTÃO DE CERTA FORMA **NOS INCENTIVANDO** A MANTER ESTE PROJETO VIVO. É BOM SABER QUE PODEMOS CONTAR COM VOCÊS E DA MESMA FORMA, SEMPRE QUE PRECISAREM, **CONTEM COM A GENTE**.

**AGRADECEMOS TAMBÉM A TODAS AS PESSOAS PRESENTES E AO FOOTBAR PELA PARCERIA!**

EM REUNIÃO COM O PROPRIETÁRIO DO FOOTBAR, OPTAMOS POR FAZER UMA ALTERAÇÃO NO PROJETO E A PARTIR DE AGORA TEREMOS SOMENTE UMA EDIÇÃO DA DOMINGUEIRA GUAPOS POR MÊS, O QUE NOS PROPORCIONARÁ UM PERÍODO AMPLO DE DIVULGAÇÃO E NOS PERMITIRÁ TAMBÉM TER UM PRAZO MAIOR PARA A NEGOCIAÇÃO COM AS BANDAS.

AGRADECEMOS A COMPREENSÃO DE TODOS!

*Jeferson e Adriano - Portal Guapos*

**Domingueira Guapos**

*Imagem 14 - Postagem do Portal Guapos no Facebook.*

A Domingueira seguinte que presenciei aconteceu no dia 04 de maio de 2014, e foi animada pelo Grupo Marcação. O evento foi divulgado como sendo uma “confraternização dos amigos do Guapos, Rompendo Fronteiras, Amigos da Tradição e Assados Tchê”, além de um “esquenta para a formatura dos cursos Repontando a Tradição, Paixão Gaúcha e Herança Nativa”. Além destes grupos, havia também pessoas pilchadas com emblemas de outro curso de dança, o Campeiros de Alma, em maior número do que os participantes pilchados sinalizando os grupos anunciados no cartaz de divulgação. O Rompendo Fronteiras, também destaque na divulgação, foi representado por apenas um casal pilchado, onde a mulher usava um vestido de prenda branco com o nome do grupo bordado em dourado na barra da saia e o peito estampado com a bandeira do Brasil, do pescoço à cintura. Ela era a única “vestida de prenda” desta domingueira. Além disso, vi poucas outras mulheres pilchadas, mesmo com bota e bombacha. A maioria delas usava vestidos curtos ou calças jeans com botas e sapatos de salto alto. Entre as três domingueiras que eu



já havia presenciado, esta foi a que havia menos pessoas pilchadas (homens e mulheres).

O público presente, neste dia, em sua maioria era de pessoas jovens e de mulheres. Havia alguns grupos de amigas que estavam só em mulheres e outros grupos onde havia um ou dois homens em meio a cinco ou mais mulheres. Comentei com Jeff que aquela teria sido a Domingueira com menos público que presenciei, e ele comentou que eles estavam pensando em transferir o evento para a sexta-feira.

No dia seguinte à Domingueira com o Grupo Marcação, foi publicada uma imagem no Facebook do Portal Guapos que informava sobre uma "mudança no projeto":



Imagem 15 - Publicação do Portal Guapos no Facebook<sup>61</sup>.

No dia 09 de maio, porém, acessei o site do Foot Bar para obter mais informações sobre o espaço, e curiosamente procurei a agenda do local para ver se encontraria a divulgação da Sexta Gaúcha. Para minha surpresa, o bar anunciava que “sexta é dia de sertanejo no Foot Bar”. Questionei Jeferson, e ele disse que até agora as sextas-feiras eram

---

<sup>61</sup> Fotos e nomes dos comentadores da imagem ocultados por sugestão de meu orientador, para proteger a privacidade das pessoas que, por mais que tivessem comentado em uma postagem pública na *internet*, não estavam cientes desta pesquisa e nem tampouco autorizaram o uso de seus nomes e imagens nesta dissertação.

destinadas a shows sertanejos, mas que a partir de 16/05 este dia da semana seria destinado ao evento do Guapos. Ainda assim, ao acessar a homepage, tive a impressão de que, para o Foot Bar, a Sexta Gaúcha não descaracterizaria o objetivo “sertanejo” do bar, como se ambos os eventos tivessem o mesmo público alvo e os mesmos objetivos. Na última Domingueira, por exemplo, por um momento banda parou de tocar e anunciou que a próxima música que eles executariam não seria gaúcha, e então tocaram uma música sertaneja.



*Imagem 16 - Agenda de sexta-feira no website do Foot Bar.*

No dia 23 de maio de 2014 fui à Sexta Gaúcha pela primeira vez. O dia estava frio e chuvoso, e havia poucas pessoas no evento. O maior grupo que estava reunido era de integrantes do curso de danças “Paixão Gaúcha”. Homens e mulheres do grupo usavam camiseta pólo com a logomarca do grupo bordada. Neste dia, passada mais de uma hora do início do baile, ninguém havia saído para fotografar ainda. Em outros bailes que presenciei, geralmente eles passaram uma ou duas vezes no salão. Jeff também não havia postado nada em sua conta do Instagram ou na conta do Portal Guapos, nem a tradicional montagem com três fotos convidando as pessoas a irem para o bar. A única postagem havia sido feita por ele em seu perfil pessoal um check-in, ou seja, uma postagem indicando sua localização, com a mensagem “Sexta Gaúcha”. Depois

dessa postagem até o fim do baile nada mais foi publicado. Sete dias depois, uma imagem compartilhada no *Facebook* do Portal Guapos anunciava o fim desta série de eventos realizadas pelo Portal Guapos em parceria com o Foot Bar:



*Imagem 17 - Publicação do Portal Guapos no Facebook anuncia o fim da Sexta Gaúcha.*

Uma das questões problemáticas, aqui, é a necessidade que os organizadores do evento encontraram em justificar a descontinuidade do evento, em tom pessoal e aproximativo. Percebe-se que, para a manutenção dos vínculos conquistados nas redes sociais, os proprietários da página e responsáveis pelas publicações procuram fidelizar seu público através de um discurso informal e nem sempre comprometido comum universo extremamente profissional. Ou o profissional, para eles, está diretamente relacionado com uma aproximação pessoal e mais intimista de seu público. Citando a atividade do jornalista blogger, que considero ser semelhante aos serviços prestados pelos *webdesigners* e *websiters*, Spadaro aponta que este tipo de profissional

deve saber criar uma relação de confiança com os próprios leitores, consciente de que ela é ao mesmo tempo precária, porque sujeita a constantes verificações, e forte, porque alimentada por uma abordagem extremamente personalizada. (SPADARO, 2014, p. 44)

Gostaria aqui de resgatar um termo criado por Cory Doctorow, o *whuffie*, explicado por Tara Hunt:

Whuffie é o resultado residual – amoeda – de sua reputação. Você o perde ou ganha com base em ações positivas e negativas, em suas contribuições para a comunidade e no que as pessoas pensam de você. A medida do seu whuffie é dada de acordo com suas interações com a comunidade e com os indivíduos. (HUNT, 2010, p. 3)

Segundo a autora, trata-se de conquistar clientes a partir de bons relacionamentos.

Existe muita competição no mercado. Ter capital social fará você se destacar, porque está de fato conectado com muitos de seus clientes, que espalham a palavra pela rede (...). Ter capital social o ajudará a ganhar mais clientes e a vender mais produtos. (HUNT, 2010, pp. 5-6)

Este *whuffie* pode ser relacionado com as práticas de meus interlocutores em suas redes sociais, ao procurarem se aproximar de seu público de forma aproximativa, personalizada. A forma como este conteúdo é recebido por seus clientes determina o “sucesso” de seu negócio. Segundo Hunt, “quanto mais você deixa seus clientes personalizarem as experiências com você, mais notável você será e mais Whuffie adquirirá” (HUNT, 2010, p. 171).

Um dos comentários na publicação sobre o fim da Sexta Gaúcha mostrava que a personalização deste discurso institucional abria espaço para manifestações também de cunho mais pessoal. Ele parabenizava o Portal Guapos pela iniciativa, mas lamentava que “o público de bailes de Joinville não soube valorizar essa ideia”. Os outros comentários que seguiram utilizavam *emojis* com faces tristes, diversificando a linguagem

e demonstrando mais uma vez a descontração presente nestas manifestações via *Facebook*. Após isso, o Guapos voltou a organizar eventos, desta vez na Sociedade Ginástica de Joinville, também conhecido como Ginástico, local que há bastante tempo já dedicava as sextas-feiras a realizar bailes gaúchos.

### 3.2. Chasque do Conhaque<sup>62</sup>



*Imagem 18 - Página inicial do Chasque do Conhaque.*

As informações abaixo descritas foram obtidas por meio de entrevista de fala aberta, realizada em um sábado, dia 05 de julho de 2014, na minha casa. Neste mesmo dia haveria um baile em um Centro de Eventos voltado à realização de eventos relacionados ao gauchismo em Joinville, e considerei uma boa oportunidade para reunir colaboradores de sites distintos.

Dei início à conversa dizendo que o objetivo era saber mais sobre eles e sobre os sites, que eles ficassem à vontade para falar o que achassem importante, então Jeferson, em tom de brincadeira, disse que eu só não poderia pedir a senha do site. Em meio às risadas que concluíram a frase, ele completou dizendo que tinha também a senha do *site* do Conhaque, e então a conversa começou a ser delineada pelos meus interlocutores. Conhaque disse que nunca esperou ter uma relação confiança e amizade “deste nível” com um “*catarina*”<sup>63</sup>, ainda mais com Jeferson, porque

<sup>62</sup> Acessível em: <http://www.chasquedoconhaque.com.br/>.

<sup>63</sup> Forma de chamar as pessoas nascidas em Santa Catarina.

desde o começo do seu site ele o viu como concorrente. E contou sua história:

Nascido no Paraná, com pai paranaense e mãe catarinense, Conhaque cresceu junto com o avô, que morreu aos 78 anos e, segundo ele, “nunca botou uma calça jeans”, pois “mandava a avó comprar o tecido e fazer as bombachas dele, na mão”. Com idade entre 12 ou 13 anos, Conhaque foi morar no interior, em uma casa ao lado de um Centro de Tradições Gaúchas (CTG), onde assistia admirado às pessoas dançarem. Devido à baixa renda de sua família na época e por perceber que todos aqueles que frequentavam o CTG iam de carro ou pareciam ter certo poder aquisitivo, ele ficou muito tempo somente olhando as danças através de um buraco no muro, até que o posteiro o viu e foi até sua casa pedir aos pais que deixassem Conhaque dançar. Foi no CTG ao lado de casa que ele diz ter tido o primeiro contato com o “gauchismo mesmo”, apesar de seu avô ser adepto ao uso de indumentárias gauchescas e do contato de sua família com as lidas no campo.

Segundo ele, desde que começou a dançar no CTG, sempre esteve em contato com o tradicionalismo. Conhaque conta que “todo lugar, cada cidade que eu ia, sempre, a primeira coisa, muitos procuram uma igreja, eu procurava primeiro o CTG”. Com a independência financeira e a maioria, ele passou a frequentar muitos bailes, até que um momento de dificuldade financeira o levou a repensar sua vida. A empresa onde ele trabalhava entrou em processo de falência e, por exercer um cargo de confiança, os donos da empresa pagavam os demais funcionários e o deixavam por último pois, segundo Conhaque, ele era “peixe grande” e “teria que aguentar”, “comer pão com linguiça se fosse necessário”. Foram seis meses sem pagamento, e ele já havia vendido carro e moto para pagar a pensão de seu filho pequeno e as contas mais urgentes, mas não tinha dinheiro para pagar as entradas dos bailes que tanto gostava de ir. “Eu vibrava muito com a cor da bandeira do Rio Grande [do sul]. Eu sei cantar o hino do Rio Grande, mas não sei cantar o hino nacional, por exemplo!”. Em uma das buscas por “bailes gaúchos” na internet, Conhaque encontrou o Portal Guapos, de Jeferson, com o qual fez contato. Ele passou a pesquisar sobre o tradicionalismo e assim surgiu a ideia do site:

Até que chegou um dia que eu comecei a ver, nas minhas pesquisas, que toda a história, a trajetória do Rio Grande do Sul, ele tinha uma grande participação dos estados de fora, principalmente na

Guerra dos Farrapos<sup>64</sup>. Vem cá, mas ninguém sabe disso! Aí aonde que eu juntei: calma aí, eu tenho todas essas informações. Aqui não tem nada que divulgue baile gaúcho. Eu não tinha condições (risos) nem *pra* pegar um ônibus, muito menos *pra* montar um site na época. Montei um blog, a coisa mais horrível do mundo. Eu tinha que pagar 60 reais por mês, e não tinha aqueles 60 reais. Eu cheguei na casa da minha tia e falei assim: ó, me empresta 60 reais que eu vou montar um negócio com 60 *pila*. Ela me chamou de louco, né (risos). Peguei o *primeiro* 60 reais, peguei o segundo mês e o terceiro mês. No terceiro mês, cara, já tinha dado bastantes acessos e eu *tava* fazendo<sup>65</sup> um monte de casas, já *tava* curtindo bailão, já *tava* aprontando todas.

O site passou a se tornar um negócio sério, para Conhaque, a partir de um episódio envolvendo seu filho, à época com aproximadamente seis anos. Antes da profissionalização do *website*, a cobertura fotográfica dos eventos era realizada em contrapartida com a isenção no pagamento dos ingressos do baile e a doação de algumas bebidas para o fotógrafo. Em determinada situação, porém, Conhaque percebeu que seus trabalhos não estavam gerando lucro, apenas resultando em diversão, e em um momento de maior dificuldade financeira ele decidiu mudar a forma de pagamento com a qual trabalhava até então.

E eu não queria pedir dinheiro emprestado com minha tia, *tava* com vergonha da tia, eu pensei: ‘não, calma aí. Quanto que eu gasto por noite? Se cada noite eu *tô* numa casa? Ah, uma média de 70 reais por noite’. Eu disse ‘não, *péra* aí, tem o *fulano* de tal e o *fulano* de tal que eu não fui ainda. Então

---

<sup>64</sup> Guerra dos Farrapos ou Revolução Farroupilha: Aconteceu no período de 1835 a 1844. Os Farroupilhas voltaram-se contra o Império, pedindo maior autonomia política e revoltados com a centralidade do governo e a pouca atenção econômica dada à Província de São Pedro do Rio Grande do Sul (hoje somente Rio Grande do Sul).

<sup>65</sup> Ao dizer que estava “fazendo um monte de casas”, o interlocutor se refere ao número de salões e centros de eventos onde trabalhava, realizando a cobertura fotográfica dos bailes para posterior publicação em seu site.

eu vou lá e vou fazer uma barganha com eles’. (...) Cheguei no primeiro bailão e disse o seguinte: ‘vem cá, quanto que eu gasto por semana com você?’. ‘Ah, dá uns 80, 70 reais’, ele falou. Eu disse ‘faz o seguinte: *deixa quieto* e não me dá mais bebida. E se eu tiver que pagar entrada, vou pagar minha entrada lá na frente, vou fazer as fotos normal, só que toda semana que eu vier aqui tu me dá cinquentão. Beleza?’ Ele respondeu: ‘beleza’. ‘Então me dá o cinquentão aí’, falei. Peguei cinquenta *dum*, cinquenta de outro e fiz a outra. Isso dentro de uma hora. 150 *pila* eu tinha no bolso, aí eu fiz o cálculo: quantas casas eu tinha, aí eu perguntei pro piá assim: ‘filho, onde é que *cê* quer ir?’. Ele: ‘quero ir no McDonnalds’. E ele comeu o lanche, assim, cara, que se eu não tivesse pensado, aquilo ali foi Deus, a mão de Deus ali. E eu fiquei pensando assim, meu Deus do céu, e eu jogando tudo isso no lixo, cara! Daquele dia, três meses que eu montei o site, que era blog ainda, eu pensei: agora vou botar um nome e isso vai ser empresa.

Conhaque buscou comprar o nome de um jornal impresso já existente, que estava falindo, mas o dono não aceitou a proposta. Em consulta a um advogado, ele descobriu que poderia registrar um nome parecido, usando um dos termos que compunha o nome do jornal, e que não teria problemas legais, pois aquela era uma palavra pública. Fez permuta com um investidor que registrou o nome e a marca do site, em troca de publicidade em sua página da *web*, que estava ainda no início. Nesta época, segundo Conhaque, ele buscava inspiração em outros *websites* já existentes.

Eu me baseava muito... eu não copiava, não era de copiar, mas eu me baseava muito. Eu fiz uma pesquisa e me baseei nos três: o Meu Pago Sul foi meio que uma ideia, veio dali [a ideia de montar um *website* próprio]. Do Jeferson eu peguei mais a parte de agenda; e a Página do Gaúcho que era uma página mais tradicional, então como eu não mexia tanto com a parte de eventos, eu fui *pro* lado mais tradicional. A primeira base foi essa: foi pesquisa gaúcha, depois *pra* abastecer que fui botando baile, mas realmente a base, a base assim central, a base



principal mesmo foi o Guapos e a Página do Gaúcho. Eu fazia pesquisa, mas só pesquisei os melhores.

Para ganhar dinheiro com o site, Conhaque passou a buscar investidores que compravam um espaço de publicidade na página, e para aumentar o número de acessos e aumentar o volume de publicidade e, consequentemente, seus lucros, ele passou a destacar a cobertura fotográfica de eventos: “uma maneira das pessoas pesquisarem era colocar foto”. Outra vantagem da divulgação de fotos era a periodicidade atualização da página. Assim, o site tornou-se sua principal atividade e fonte de renda.

Até o primeiro ano do site eu tentei fazer outra coisa. Só que eu entrei literalmente de cabeça. Chegou um momento eu disse: “quer saber de uma coisa? Quanto que eu ganho por mês lá? Ah, eu ganho tanto. Quantos anúncios eu tenho que fazer?” E eu fiz *tim tim* por *tim tim*: Eu tenho que ter tantos anúncios de empresa, de *tantos valor*, tenho que ter baile assim, etc... E foi onde eu vi assim “não, de hoje em diante, eu vou trabalhar só com isso”. E eu não consigo me ver fazendo mais nada. Eu acho que posso *tá* velhinho, cara, caindo ali, acho que pelo menos uma caixinha de abelha [um rádio], nem que seja só eu, mas vai *tá* ligado lá, ó. Ó o Conhaque lá!

Foram três anos de divulgação de informações no site que, segundo ele, visavam a conscientização das pessoas sobre a o que ele chama de “verdadeiro gauchismo”. Em seu discurso, fica evidente o anseio em mostrar que o gauchismo não pertence somente a um estado, e que não tem a ver com naturalidade. Ele conta que Anita Garibaldi<sup>66</sup> percorreu Paraná e Santa Catarina buscando pessoas interessadas em lutar na Guerra dos Farrapos, que não foi uma guerra rio-grandense do sul.

Quantos paranaenses morreram? Quantos catarinenses morreram por causa disso, entendeu?

---

<sup>66</sup> Ana Maria de Jesus Ribeiro da Silva, mais conhecida como Anita Garibaldi, nasceu em Laguna, Santa Catarina, e se destacou por lutar na Guerra dos Farrapos, motivo pelo qual até hoje é chamada de heroína.

Pro gaúcho dizer “eu sou farrapo!”. Aí eu comecei a colocar tudo isso no site. A cada matéria sobre isso que eu colocava no site, fazia questão de mostrar e dizia: “ah, cara, tu é gauchão? Tá aqui a matéria!”. Mostrava a página, a fonte de onde eu pegava, tal. Eu copiava o link e geralmente eu fazia questão de distribuir *pro* Rio Grande do Sul. Eu comprava mala de e-mail<sup>67</sup> e, qualquer matéria que eu fazia, copiava os links e despachava. Aí até que chegou um momento que eu fui desanimando, porque pô, é uma pessoa sozinha *pra* brigar com um monte de rio-grandense, cara. Aí quando eu vi que não adiantava eu brigar por isso, porque não vai adiantar nada, só que é bom que tenha uma pessoa que sempre defenda isso nosso, cara, porque vai chegar um momento que os teus netos não vão saber disso, entendeu? Agora os teus netos vão saber disso. (...) Então o meu início, durante uns três anos, era mostrar o gauchismo fora do Rio Grande, o gauchismo de São Paulo, do Paraná e de Santa Catarina. Eu defendia esses três estados *pra* cá. Falava no Rio Grande do Sul eu não queria nem ouvir. O prazer do site era mostrar a verdade de Santa Catarina *pra* cima. Essa foi a intenção principal.

Conhaque afirma que, desde o início, e graças ao seu esforço, seu site só ficou indisponível (ou fora do ar) uma vez. Ainda assim, isso lhe custou um “preço alto”. Por mais que a dedicação ao site possa ter trazido consequências ao seu relacionamento, ele defende, ainda, que esta atitude foi fundamental para o crescimento do projeto.

Não é simples ter uma continuidade, não é só botar no ar e... Não é tão simples como todo mundo acha que é. Por exemplo: um dos maiores preços que eu paguei, e eu paguei esse preço há um tempão. O preço mais caro que a gente paga é a família. Esse é o preço mais alto que tem. Eu tive que optar: ou

---

<sup>67</sup> Também chamado de “*mailing*”. Compra-se, através de contrato de serviços com empresas de marketing e comunicação empresarial, uma lista com vários endereços de correios eletrônicos, geralmente para fazer divulgação de produtos ou ofertas de serviço.

eu ficava com o projeto, ou eu ficava com a pessoa. Aí eu parei *pra* analisar “qual a certeza que eu teria que eu morreria do lado dela?”. Eu fiz esse cálculo! Sabendo que eu poderia penar *pro* resto da vida, mas eu fiz esse cálculo. O que é melhor: eu *carpinar* e morrer do ladinho dela ou continuar com o site e... né.... e outra: se a pessoa literalmente ela quisesse mesmo ela *taria* até hoje, né. Traduzindo *pra* mim deu por aí. Ela não falou: “escolha”, mas ela deu as opções, então eu só disse “filha, olha, eu vou morrer de saudade de você”. Então, tipo, se já tem desgaste e o financeiro, eu acho que o pior de tudo é quando você perde algo que mais... esse foi o preço mais caro que eu paguei.

(...)

Hoje eu tenho uma vida. Eu fiquei cinco anos sem ter vida. Eu não tinha outro assunto a não ser o site. Sabe aquele cara da *Herbalife*<sup>68</sup>? Eu era um pouco pior! Eu respirei o site dia e noite, e aconteceu porque literalmente eu foquei e respirei, dia e noite. Hoje eu faço um baile por final de semana, vamos dizer, dois por fim de semana. Eu fazia três numa noite. Fazia três numa noite. Então literalmente eu vivi o site, vou falar que não fez cinco anos. Era dia e noite. Eu não sonhava com outra coisa. Meu sonho era só o site, site, site. Aí que eu vi meu Deus, isso aqui não é vida! Eu não botava calça jeans, eu fiquei *pra* mais de seis anos que eu não tinha roupa social, mais. Eu só usava era bombacha, boina vermelha eu devo ter umas 12 *boina* vermelha, mais ou menos.

Questionei se ele se pilchava para ir a qualquer lugar, e ele respondeu:

---

<sup>68</sup> Referia-se aos vendedores dos suplementos nutricionais da marca *Herbalife*, conhecidos por serem insistentes e muitas vezes até ativistas dos produtos, pregando uma “vida mais saudável”.

A minha primeira briga com a minha *ex*[companheira] sempre foi essa: “ah, mas *vamo* lá em tal lugar...” eu dizia “não, eu sou o Conhaque, se quiser que eu vá, é assim. Quer que eu vá junto? Tu não me conheceu assim? Eu sou o Conhaque, quer ir comigo? Então eu vou de Conhaque, eu tenho que vender minha marca.”

Seu site fez seis anos no dia 06 de maio de 2014, e devido ao sucesso dos negócios e ao investimento em outras mídias, “ele hoje deixou de ser uma ferramenta principal”. Conhaque conta que “Todo o crescimento que eu previ para dez anos aconteceu em quatro, cinco anos.” Com o mesmo nome do site ele já teve um jornal impresso, e criou também um galpão de eventos, fechado em 2013, quando a fiscalização se tornou mais rigorosa devido a um incêndio de grandes proporções que ocorreu na Boate Kiss, ocorrido em Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Além disso, ele está desde abril de 2014 fazendo um programa de televisão, que hoje passa em um canal de TV fechada, e considera a “chave” de seu negócio uma rádio que pode ser ouvida *online*, e é executada automaticamente ao acessar seu site, e que em 2014 tornou-se também um canal de Frequência Modulada (FM): “a peça que eu queria acho que era a rádio. Me abrii como pessoa, como profissional”. Ele ainda afirma: “o que me dá retorno [financeiro] hoje é a rádio. É meu carro-chefe. E enquanto eu for vivo, ela vai existir”. No dia 06 de agosto de 2014, quando a rádio foi ao ar em FM para a região de Curitiba, ele postou uma mensagem em seu *Facebook* que, entre outras coisas, fazia menção religiosa: “Hoje em primeiro momento quero agradecer a Deus e a todos os fãs, seguidores, amigos, patrocinadores e apoiadores. (...) Sei que sem vocês nada disso teria acontecido!”. Sobre os planos para o futuro, Conhaque se diz realizado com o que já conquistou:

Quando eu montei o site, eu fiz uma projeção: primeiro eu quero o site, depois eu quero o jornal, depois do jornal eu quero criar a minha marca, depois da minha marca eu quero a rádio, depois eu quero partir *pra* televisão e depois eu quero montar um salão de eventos. Eu fiz tudo. A única coisa que ficou por último né, que inverteu com o galpão e a televisão, foi que a TV por último.

Ele deseja, ainda, retomar o galpão de eventos, mas planeja fazer isso daqui há aproximadamente seis anos, quando puder investir dinheiro em um terreno seu: “eu quero um lugar para 500, 600 pessoas, onde eu possa vender um convite, vender uma mesa, por exemplo, a 200 reais, com direito a isso, isso e isso, e de onde a pessoa possa sentar e assistir a um show tranquila”. E, como todos os interlocutores com quem conversei, ele também fala na herança a ser deixada para as próximas gerações:

Nem que eu esteja com 70 anos, 80 anos, *o meus neto*, pelo menos, ‘ah, esse *véio tá* louco’, então eu fui louco a vida inteira! Vou entrar no lado da... no lado da filosofia aí, né. Eu acho assim, cara: nós não viemos ao mundo *pra* ser igual a todo mundo. Eu sou contra você ser igual a todo mundo. Então é bom ter um pouquinho de loucura, essa loucura ela tem que ser exibida de alguma maneira. E a minha loucura é essa, e enquanto eu for vivo essa loucura eu vou passar *pra* alguém, cara.

Conhaque, assim como Jeferson, hoje dedicam a maior parte de suas atividades para o gauchismo. Seja na cobertura de eventos, em programas midiáticos ou com os serviços fotográficos que prestam para além de seus *websites*, ambos demonstraram desejo de continuar atuando neste ramo e, além disso, afirmaram que percebem a necessidade de inovação que o público demanda. Estar atualizado é, mais que uma vontade, uma necessidade, promovida inclusive pelo ambiente em que trabalham na maior parte do tempo: as redes sociais e a internet como um todo. É sobre essas mídias digitais que me proponho a dissertar no próximo tópico, me utilizando de referenciais teóricos para analisar as informações conferidas empiricamente.

## 4 O GAUCHISMO NO CIBERESPAÇO

Há há

Olha nós aí... conectado! Tô me vendo bem loco!  
Não sei se cuida da estância ou desse tal Facebook  
Ó lá... curtiu!

(GRUPO GAITAÇO– Xucirão no Facebook)

Seja em forma de áudio, vídeo ou até mesmo texto e imagem, o gauchismo está presente de diversas formas no ciberespaço. O que, afinal, esses sites oferecem? Uma “experiência do gauchismo”, um “espaço para compartilhar músicas e eventos”? A possibilidade de se inserir em uma “rede”? Neste capítulo, dedico-me a analisar as redes observadas na pesquisa de campo, em especial o universo *online*, mas considerando as semelhanças e continuidades com relação ao encontrado no universo *offline*. Discorro sobre a cobertura (e a não-cobertura) de eventos relacionados ao gauchismo, onde procuro observar a ligação mercadológica presente na seleção destes “serviços” e/ou “clientes”. Neste caso, é relevante também analisar a cobertura fotográfica realizada na semana farroupilha, onde a ausência de fotógrafos dos websites dedicados ao gauchismo levou à formação de redes *offline* que terminaram por implicar no plano *online*.

É importante inicialmente lembrar que as cidades, os CTGs ou os bailes não são os únicos ambientes que me são “familiares” nesta pesquisa. Afinal, como pontua Rifiotis, “somos nativos do ciberespaço e o nosso olhar sobre ele está situado na fronteira entre a nossa observação e a nossa experiência” (RIFIOTIS, 2010, p. 7).

Para isso, farei neste capítulo uma breve discussão conceitual sobre a pesquisa antropológica no/do ciberespaço, seguida das análises dos dados do campo propriamente dito, com exemplos de situações semelhantes nos dois ambientes e ainda eventos que apresentaram determinada continuidade e/ou coexistência entre eles.

### 4.1. Pesquisando (n)o ciberespaço – real/virtual vs. *online/offline*

Mesmo nesta última parte da dissertação, ainda é relevante retornar a conceitos que têm sido alvo de críticas por parte dos antropólogos. Virtual, real, atual, possível, *online* e *offline* são apenas alguns exemplos. No início das pesquisas no (e do) ciberespaço, eram comumente utilizadas as tradicionais categorias *offline* (que antes era o

chamado “mundo real”) serem empregadas também no contexto *online* (comumente identificado como “mundo virtual”). Segundo Guimarães Jr, isso se dava devido à novidade em relação a essa “terra nova” chamada ciberespaço. Com o passar do tempo, porém, o autor acreditava que o *online* passaria a ter

uma história e uma tradição que suportem a explicação de suas próprias categorias. Assim, termos como "pessoa", "identidade", "comunidade", "gênero" e outros passarão a ser empregados com a especificidade da forma como são vividos on-line, e não como adaptações dos conceitos offline. (GUIMARÃES JR, 1999a, p. 8)

O que se vê ainda hoje, porém, é a mesma aplicação de conceitos *offline* no mundo *online*, ao passo em que categorias *online* também passam a ser utilizadas para o universo *offline*. Mais recentemente, por exemplo, os termos “perfil, status, curtir e compartilhar” ganharam novos sentidos, ao serem utilizados massivamente nas redes sociais digitais, e conseqüentemente também passaram por ressignificações nas suas utilizações *offline*. Segundo Bernardo Lewgoy, isso ocorre porque “o mundo virtual nasce percebido pelas ciências humanas como um simulacro (no sentido de Baudrillard, 1981 e Gilles Deleuze, 2007) dotado de realidade, copiando a forma do real para existir” (LEWGOY, 2009, p.193). Estudos atuais revelam, porém, que as interações “virtuais” não somente “copiam” o real, porque de fato elas *são* reais. Para Guimarães, a apropriação que se faz de antigas teorias antropológicas voltadas inicialmente aos estudos *offline* pode ser uma das causas de pensarmos de forma tão análoga as interações existentes nos dois “mundos”:

Acredito que a cultura do ciberespaço mantenha uma série de semelhanças com a cultura "atual". Estas semelhanças, sejam elas decorrentes de um projeto intencional, ou do seu próprio desenvolvimento, serão verificáveis na medida em que esquemas teóricos utilizados para pensar a sociedade "real" possam ser transpostos com sucesso para a análise das relações de sociabilidade virtuais. (GIMARÃES, 1997, p.7)

Entendo que, se a antropologia tem utilizado os mesmos conceitos para lidar com as duas situações, é porque o campo demonstra que as duas realidades não podem ser dissociadas. A maneira como vemos o ciberespaço também precisa ser questionada no que diz respeito à maneira como o pesquisamos. Para André Lemos, “o ciberespaço (...) não é desconectado da realidade, mas um complexificador do real” (LEMOS, 2004, p.128). Poderíamos acrescentar que, ao mesmo tempo que complexifica o “real”, o ciberespaço também pode ser um simplificador, pois mais recentemente vêm se desenvolvendo aplicativos destinados à facilitação de atividades como controle de agenda, de contatos, de planejamento financeiro, etc.

Guimarães concorda com Lemos no que diz respeito à complexidade do ciberespaço, mas suscita também que devem ser levadas em consideração as especificidades das socialidades envolvidas, quando cita que

O ciberespaço pode ser (...) considerado como uma virtualização da realidade, uma migração do mundo real para um mundo de interações virtuais. A desterritorialização, saída do "agora" e do "isto" é uma das vias régias da virtualização, por transformar a coerção do tempo e do espaço em uma variável contingente. Esta migração em direção à uma nova espaço-temporalidade estabelece uma realidade social virtual, que, aparentemente, mantendo as mesmas estruturas da sociedade real, não possui, necessariamente, correspondência total com esta, possuindo seus próprios códigos e estruturas. (GUIMARÃES, 1997, p. 4)

O que Guimarães mostra, dessa maneira, é que as pesquisas no ciberespaço têm suas especificidades, mas que não as afastam das pesquisas fora do ambiente “virtual”. Assim como no plano off-line, é preciso estranhar e distanciar-se também das situações vivenciadas no plano online, como o próprio caráter da pesquisa etnográfica, que será realizada “dentro” e “fora” do ciberespaço, com a observação de sites e realização de conversas e entrevistas pelos meios de comunicação digitais.

Ainda que o método comparativo não seja o mais adequado, vale fazer uma última observação. Para Guimarães, “o Ciberespaço, da mesma



forma que o 'espaço' social, longe de ser um contínuo homogêneo, é territorializado e fragmentado em diferentes espaços simbólicos, constituídos e operacionalizados pelas práticas de sociabilidade que ocorrem em seu interior” (GUIMARÃES, 1999b, p. 2). Situações vivenciadas *offline* são encontradas de forma análoga no plano *online*. É levando em conta essas características que analiso as analogias e o *continuum* observadas durante a pesquisa de campo.

## 4.2. Analogias

Um exemplo interessante do que considero serem analogias encontradas nas vivências do gauchismo *online* e *offline* foi publicado em 16 de setembro de 2013 na página de um programa oficial da Rádio Gaúcha no *Facebook*. O programa “Gaúcha Hoje” vai ao ar de segunda a sábado, das 5h30min às 8h, na Rádio Gaúcha AM/FM, pertencente ao grupo RBS de comunicação. Em seu *Facebook*, o “Gaúcha Hoje” iniciou o que chamou de “mateada virtual”. Mateadas, ou rodas de chimarrão, são eventos sociais onde os participantes compartilham a mesma bebida: o chimarrão. Servido em uma única cuia, o chimarrão é reabastecido (a cuia é novamente completada com água quente) assim que cada um termina de bebê-lo, para passar ao próximo mateador, como são chamados os integrantes das mateadas. No plano *offline*, as mateadas acontecem em rodas onde os participantes tomam o chimarrão<sup>69</sup> compartilhando uma mesma cuia<sup>70</sup>, socializando e trocando afetos. Segundo Noernberg,

as pessoas buscam a roda para atualizar-se, para discutir as notícias veiculadas pela imprensa, para conseguir informações sobre criação de pássaros, resultados de jogos de loteria ou até mesmo quando o assunto é alguma transação comercial. Em meio

---

<sup>69</sup> Em algumas regiões também chamado de mate (e por isso as rodas de chimarrão também são chamadas de “mateadas”), o chimarrão é uma bebida feita a partir da infusão de água quente e erva-mate (extraída da planta *Ilex Paraguariensis*) em uma cuia. “É preparado em uma cuia e servido através de um tubo metálico, com um ralo na extremidade inferior, ao qual se dá o nome de bomba” (NUNES e NUNES, 2010, p. 111).

<sup>70</sup> Recipiente usado para preparar e tomar o chimarrão. É comumente feita de porongo ou cabaça, fruto do porongueiro (*Lagenaria vulgaris*), mas também pode ser encontrada em madeira, louça, barro ou outros materiais.

à partilha surgem atos comunicativos (na forma de oralidade e silêncio) e tensões. (NOERNBERG, 2012, pp.120-121)

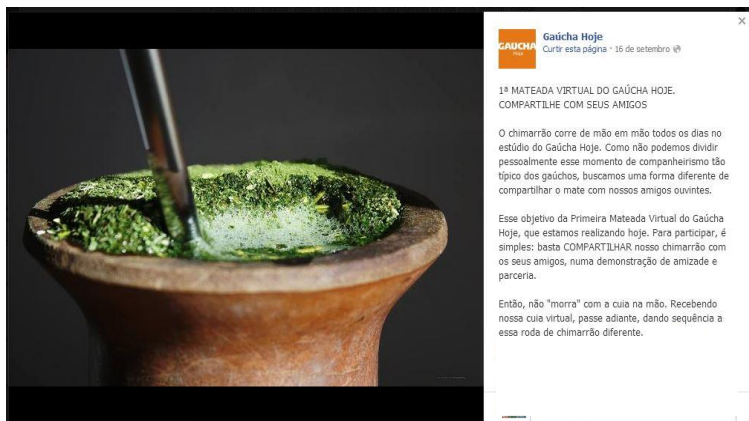


Imagem 19 - Registro da "Mateada virtual" compartilhada no Facebook.

A proposta da “mateada virtual” era de que as pessoas, ainda que no plano *online*, compartilhassem a imagem de uma cuia de chimarrão como se estivessem em uma roda *offline*. Assim, mais do que compartilhar uma imagem, há no ato uma analogia com o mundo *offline*, permitindo às pessoas a participação em um espaço sócio-simbólico ampliado, neste caso, pelo universo *online*. A seguinte mensagem acompanha a publicação<sup>71</sup>: “O chimarrão corre de mão em mão todos os dias no estúdio do Gaúcha Hoje. Como não podemos dividir pessoalmente esse momento de companheirismo tão típico dos gaúchos, buscamos uma forma diferente de compartilhar o mate com nossos amigos ouvintes.”. Três dias depois de postada, a publicação já havia sido compartilhada 5.805 vezes, com 1.426 curtidas, o que demonstra grande visibilidade e adesão dos usuários do *Facebook*.

Entre os comentários, pode-se perceber pessoas nas mais diversas localidades, incluindo outros países, partilhando a experiência. Uma das participantes da mateada virtual, nasceu em Uruguaiana mas mora atualmente em Portugal. Ela compartilhou a imagem escrevendo “Bom dia!!! Saudades da minha terra. Estou curtindo a mateada virtual e

<sup>71</sup> Fonte: Facebook. Acesso em 19/09/2013.

adorando. Estou em Coimbra (PT) e com a erva e cuia como uma companheira diária”. Barbosa Lessa, em livro cuja primeira edição data de 1957, afirma que a bebida é “o melhor remédio contra a saudade e outros apertos da alma”. Sem saber que sua análise faria sentido mesmo em 2014, ele conclui com uma afirmação tão atual que pôde ser vista no comentário registrado na imagem compartilhada no *Facebook*: “Longe da querência, da terra natal, ou longe da família, seu bem-querer, o mateador encontra no silêncio e isolamento as condições ideais para a troca de confidências com seu outro eu – corporificado na cuia, caixa de ressonância das melhores lembranças” (LESSA, 1986, p. 68).

Há ainda, entre os comentários registrados na imagem, outros participantes que nasceram no Rio Grande do Sul e hoje moram em outros estados da federação. Um deles, nascido em Camaquã e residente em Jaboatão dos Guararapes, em Pernambuco, age exatamente como se estivesse em uma mateada offline, comenta com abraços ao pessoal do programa “Gaúcha Hoje” e conclui: “Então entrego a cuia para o próximo matear.”. Ainda fazendo alusão à prática das mateadas offline, um comentário muito comum nestas rodas é o de que quem está tomando chimarrão não pode ficar muito tempo com a cuia, tendo logo que passar para o próximo participante. Neste sentido, outra pessoa comenta “mas não demora com essa cuia na mão tchê!”.

Por mais que as pessoas envolvidas neste post não estivessem juntas em um mesmo local físico e compartilhando o mesmo objeto (a cuia), elas utilizaram de um outro espaço, a internet, para compartilhar com a mesma simbologia um dos ícones da “cultura gauchesca”: o chimarrão. Assim como exposto por Noernberg, se referindo às rodas de Chimarrão em Canoinhas – SC, os participantes da “mateada virtual” também socializavam, comentando sobre o alto preço da erva-mate, mandando saudações para os participantes e contando seus causos. Muitos dos internautas explicitaram que compartilharam aquela imagem com a cuia em suas mãos, tomando chimarrão e ouvindo o programa. Alguns, inclusive, postaram fotos de suas cuias e garrafas térmicas, como se houvesse a necessidade de comprovar que aquela “mateada virtual” havia se transformado, assim, em uma prática para além do ciberespaço. Onde está, então, a diferença explicitada pela postagem quando a “Gaúcha Hoje” cita que esta é “uma forma diferente de compartilhar o mate”?

### 4.3. Um *Continuum*

Além de possíveis semelhanças, muitas vezes as vivências *online* e *offline* do que chamo aqui de “gauchismo” não estão circunscritas a um ou outro meio. Em campo, diversas vezes presenciei ou atuei em situações que podem ser interpretadas como sendo “continuidade” entre estes espaços, tanto do *on* para o *offline* quanto o contrário. O evento do incêndio provocado no CTG de Sant’Anna do Livramento, por exemplo, pode ser relevante para, além de pensar o “conservadorismo” com o qual se confunde muitas vezes do “tradicionalismo”, observar também a relação existente entre o universo *online* (como a divulgação das reportagens nos *websites* dos veículos de comunicação e nas páginas do *Facebook* e/ou a repercussão possibilitada por estes meios digitais) e o *offline*. É possível concluir que um evento *offline*, o agendamento do casamento civil, resultou em repercussões *online* que proporcionaram espaço de manifestações que culminaram em um outro evento *offline*: o incêndio do Centro de Tradições Gaúchas onde aconteceria a união civil.

Outras situações em campo evidenciaram também este *continuum*, apontado por mim e conceituado por meu orientador, como em um determinado caso, na ocasião de um evento em Blumenau – SC. Neste caso, fui informada pelo *Facebook* sobre a realização de um show de música nativista, e toda a preparação para este evento *offline*, inclusive a busca por informações e a compra de ingressos, ocorreu no plano *online*. Fiz o seguinte registro em meu diário de campo:

À tarde, quando estava procurando informações sobre o show, perguntei a ela se ela achava que poderia comprar o ingresso na hora ou era muito arriscado. Ela disse que geralmente estes shows acontecem em lugares pequenos, e poderia lotar. Disse que se eu quisesse poderia arriscar de ir lá e ver se eles estavam vendendo na hora. Considerando a distância até Blumenau, preferi entrar em contato com uma conhecida que mora lá. Pelo *Facebook*, ela disse que entraria em contato com o Patrão da Invernada onde o marido dela toca, e daria retorno mais tarde. Depois ela me escreveu dizendo que eu poderia reservar, e que custava R\$ 40,00 cada ingresso. Pedi então que reservasse e marcamos de nos encontrar no rodeio para que eu pudesse pagá-la e ela pudesse me entregar os

ingressos físicos. (Trecho do Diário de Campo, maio de 2014).

Este caso específico iniciou no plano *online* (eu soube do evento, procurei informações e reservei os ingressos, tudo pelo *Facebook*) e culminou no *offline*, onde efetuei o pagamento e recebi os ingressos, encontrei com aquelas que haviam sido minhas interlocutoras *virtuais*, que me fizeram ter conhecimento do evento e possibilitaram a reserva das entradas, e finalmente assisti ao show na companhia delas. É importante citar, também, que as mensagens enviadas pela segunda interlocutora, que reservou os ingressos, apareciam como tendo sido “enviadas pelo *Messenger*”, um aplicativo desenvolvido pelo *Facebook* para facilitar o bate-papo (ou *chat*) via celular. Quando nos encontramos, no CTG onde aconteceria o show, ela pediu desculpas e justificou a demora nas respostas: ela disse estar correndo enquanto teclava comigo, e entrava em contato com outras pessoas para conferir se ainda haviam entradas disponíveis. Para Bauman, esta é uma característica da mobilidade proporcionada pelos telefones celulares.

O advento do celular tornou possível a situação de alguém estar sempre à inteira disposição do outro; na verdade, trata-se de uma expectativa e um postulado realista, uma demanda difícil de recusar, porque se supôs que sua satisfação, por fortes razões objetivas, era impossível. Pelas mesmas razões, a entrada da telefonia móvel na vida social eliminou, para todos os fins práticos, a linha divisória entre tempo público e tempo privado; entre espaço público e espaço privado; casa e local de trabalho; tempo de trabalho e tempo de lazer; “aqui” e “lá”. O proprietário de um telefone celular está sempre e em toda parte ao alcance dos outros, está sempre “aqui”, sempre ao alcance da mão. (BAUMAN, 2011, p. 44)

Silvia e Zago (2012) analisam esta dependência da comunicação instantânea do ponto de vista dos *smartphones*, onde o relacionar-se complexifica a noção que tínhamos até então de espacialidade: “Tem-se um duplo nomadismo: o indivíduo marca presença em dois lugares simultaneamente. Com isso, produz-se um estado evasivo de presença-

ausente: a separação física não impede a relação” (SILVA e ZAGO, 2012, p. 187).

Outro exemplo desta “continuidade” ou da “socialização desterritorializada” alcançada pelos celulares com acesso à internet pôde ser vista em todos os eventos que presenciei durante a pesquisa de campo: os indivíduos vivenciam o *offline*, mas compartilham suas experiências em tempo real nas redes sociais digitais, publicando textos, fotos e vídeos que refletem o acontecimento que presenciam, tal como apontado por Silva e Zago:

A partir do acesso a uma rede social móvel através do celular, o usuário pode compartilhar informações – textos, imagens, sons ou vídeos – diretamente a partir do local onde se encontra. Do mesmo modo, ao estar em um determinado local, pode acessar conteúdos deixados por outros usuários – amigos ou desconhecidos – sobre esse mesmo lugar. (SILVA e ZAGO, 2012, p. 189)

Assim as autoras apontam a necessidade de novamente rever nossos critérios de análise dos universos *online* e *offline*, pois “para muitas pessoas o termo ‘entrar na *internet*’ não faz mais sentido, já que seus celulares (do padrão *e-mode*) podem estar ininterruptamente conectados à Rede” (SILVA e ZAGO, 2012, p. 186). Na pesquisa de campo, pude ver esta atitude tanto por parte de frequentadores quanto dos organizadores dos eventos, como já descrevi anteriormente. Corroborando com isto, Humphreys entende que “o compartilhamento de informação social através do sistema de rede social móvel deve ser capaz de transformar as experiências dos usuários com relação aos espaços públicos que eles habitam” (HUMPHREYS, 2007, p. 344).

Outra expressiva amostra das continuidades entre universos *online* e *offline* aconteceu durante o Festival de Dança de Joinville de 2014, onde aconteceram algumas apresentações de grupos de dança gaúchas. O evento, para mim, já começou na internet, quando acessei o *Facebook*, e vi uma postagem de Fabiano, fotógrafo voluntário do Portal Guapos, um dos *websites* que pesquisei. A publicação trazia a foto de um grupo de danças gaúchas com a seguinte legenda: “Seja bem-vindo 32º Festival de Dança de Joinville. Considerado o maior do mundo!”. Interessada, comentei perguntando de onde era a foto, e ele respondeu na própria postagem o nome e a cidade do grupo. Logo em seguida, “fui marcada”

no comentário de uma postagem da *fanpage* do Portal Guapos no *Facebook*. A postagem continha um link que redirecionava para uma notícia onde constavam os locais e horários das apresentações. Interessante notar que o “próprio” PG me marcou, sendo que eu havia feito o questionamento sobre a foto diretamente na página particular do fotógrafo.

Já no dia das apresentações, cheguei as 10h30 no local onde elas estavam programadas para acontecer. Logo que cheguei, vi algumas pessoas pilchadas. Os homens vestiam camisa branca, casaco vermelho e um “chiripá farroupilha”, usavam botas com esporas e também um lenço vermelho na cabeça, sob o chapéu. As mulheres usavam sapatilhas e meias-calças de cor bege e vestidos de cetim em tom rosa envelhecido com mangas  $\frac{3}{4}$  e decote redondo profundo, com detalhes em tom bordô, assim como o forro do vestido em tule, além de babados com renda branca. Todas estavam com os cabelos presos em “rabo-de-cavalo” enfeitado na lateral com uma flor em tom bordô. Eram cinco casais, que executaram uma coreografia que alternava passos de balé clássico, rodopios e sapateados, executados por homens e mulheres. Mais tarde soube que se tratava de um grupo da cidade de Butiá, no Rio Grande do Sul.

Em seguida reconheci os integrantes do grupo cuja apresentação havia sido divulgada pelo fotógrafo e, posteriormente, na *fanpage* do portal do qual faz parte. Assim como o primeiro grupo, eles também estavam em cinco casais, que desceram de uma van branca cerca de 15 minutos após minha chegada. As mulheres estavam pilchadas com vestidos vermelhos manga longa e com decote fechado em “V”, com duas camadas de babado na barra da saia: uma delas em azul e a outra feita com renda branca. Todas com o cabelo preso em “coque” adereçado na lateral com uma grande flor vermelha. Os homens vestiam camisa branca, chiripá farroupilha azul e lenço em tons de marrom. Assim como o primeiro grupo, também usavam lenço vermelho sob o chapéu, além de um cinto com correntes e fivela metálicas. As botas eram de marrons ou pretas, e combinavam com o cinto que cada um usava.

Enquanto aguardava as apresentações, fiz algumas fotos dos integrantes dos dois grupos, e procurei por Fabiano ou outro integrante do site que havia publicado a programação, mas como não encontrei ninguém, resolvi checar o *Facebook*, para ver se havia alguma informação. Logo que abri o aplicativo pelo celular, vi que o fotógrafo havia postado 14 minutos antes “Top esse festival de dança.... #foto #fotos

e #maisFotos”. Como eu não o havia visto pelos arredores, comentei sua atualização de status, anexando uma foto que eu havia feito de uma prenda do mesmo grupo cuja apresentação ele havia divulgado. Imaginei que ele pudesse fazer contato, respondendo ao comentário. Em seguida (já era aproximadamente 12h15), ele iniciou uma conversa pelo bate-papo do *Facebook*, que transcrevo<sup>72</sup> a seguir:

**Fabiano**

*Oie*

Elas eram *pra* estar *aki* na feira as 11.. *Não vao* mais se apresentar aqui *sera*?

**Ariele**

Não se apresentaram na estação da memória ainda

**Fabiano**

*Serioo*

*Vô pra ai entao*

*Sera q* da tempo

**Ariele**

A menina da organização me falou que eles serão os últimos aqui

**Fabiano**

*Já comeco?*

**Ariele**

Está no 23° grupo, e eles serão o 30°

Faltam 7 até eles

**Fabiano**

*Vô ai então*

**Ariele**

---

<sup>72</sup> Aqui mais uma vez faz-se necessário salientar que a manutenção dos “erros” ortográficos são estratégias para evidenciar uma linguagem específica utilizada por meus interlocutores. Neste caso, a escrita de Fabiano (e de Adriano, mais adiante) demonstra claramente uma estilística informal típica dos diálogos realizados no modo *online*. Como na fala oral, transpassa-se a barreira ortográfica tida como “correta” para ampliar uma noção de pessoalidade, proximidade e informalidade entre os agentes.



Perdeu um outro grupo gaúcho que se apresentou aqui  
(2014, via chat do *Facebook*)

Enquanto conversávamos pelo bate-papo do *Facebook*, ambos via aplicativo para *smartphone*, vi chegar outro grupo de danças gaúchas, desta vez em posse de lanças e facões. Mais tarde soube que se tratava de um grupo de Porto Alegre, que também estava programado para se apresentar.

**Ariele**

Tem mais um grupo gaúcho aqui!

**Fabiano**

*To indo ai*

**Ariele**

Acho que logo os Charruas se apresentam  
Estão se preparando já

**Fabiano**

Cheguei *kk*

(2014, via chat do *Facebook*)

Ele contou que estava esperando em outro palco, onde o grupo deveria ter se apresentado as 11h. Com o atraso na primeira apresentação, eles não compareceram à segunda. Era aproximadamente 12h30 quando eles se apresentaram no primeiro palco, sendo então fotografados pelo voluntário que, imediatamente após o término da dança, foi ao encontro dos bailarinos cumprimentá-los e mostrá-los, pelo visor da câmera, as fotos que havia feito. O que fica claro mais uma vez, neste episódio, é a relação direta que os meios *on* e *offline* possuem, seja de forma análoga ou de forma contínua.

A alteração de cultura no uso de dispositivos móveis não se dá somente com a intensidade da conexão, tendo em vista que o indivíduo está agora conectado todo o tempo à rede, mas também com o contexto do espaço físico. Como Rheingold (2003) observou, os adolescentes nórdicos e japoneses se comunicam na metrópole e trocam informações das suas posições e em seguida se encontram em algum

lugar público, como um shopping center. Fenômeno semelhante ocorreu com os FlashMobs em várias partes do planeta. Pessoas trocam informações de forma viral e se encontram fisicamente em algum local público. O “lugar” e o “encontro físico” são elementos novos na sociabilização da cibercultura, estes elementos são mais ligados ao mundo pré-internet e que agora são potencializados e amplificados. (PELLANDA, 2011, p. 166)

Do mesmo modo, a comunicação realizada inicialmente pelo *Facebook* resultou em um evento *offline* onde, além dos espetáculos de dança, pude assistir também outras atividades: O fotógrafo que me possibilitou saber do evento aproveitou as apresentações para atualizar o *website* do qual faz parte, e assim também divulgar o seu trabalho. Fez assim com o grupo cuja apresentação ele havia divulgado em sua página no *Facebook*, e também com o último grupo de danças gaúchas a se apresentar naquele palco. Como este último era de Porto Alegre e ele não os conhecia até então, Fabiano aproveitou as poses que eles faziam para a coordenadora do grupo, e também fotografou os dançarinos. Após o término da sessão de fotos, ele entregou ao grupo pequenos adesivos contendo o endereço do Portal Guapos, material que também é utilizado em bailes para divulgação da página, e foi solicitado pelos bailarinos para fazer retratos deles, utilizando como cenário um conhecido ponto turístico da cidade. No mesmo dia, à tarde, ele “repostou” na página do Portal Guapos no *Instagram* as fotos e vídeos que eu havia publicado e solicitou, via *Whatsapp*, que eu mandasse fotos e vídeos a ele.

Desta forma, o espaço físico está paulatinamente sendo inserido no contexto da cibercultura e, com isso, reconfigurando as características da interação na rede. (...)

O virtual se desloca no espaço físico e cria com ele uma relação complexa de cooperação. Esta alimentação acontece de maneira semelhante: como os meios de transportes alteraram as cidades, a cultura das ruas passa a ser a cibercultura também; o universo cultural, próprio dos seres humanos, estende ainda mais esta variabilidade dos espaços e das temporalidades. (PELLANDA, 2011, p. 168)

Mas, além das coberturas fotográficas realizadas por parcerias ou motivadas por razões pessoais, sem cobrança de divulgação, há ainda os casos em que os portais especializados simplesmente não realizam estes serviços. Um destes casos, que chamou a atenção pela importância do evento e sobre o qual escrevo na próxima seção, foi a Semana Farroupilha de 2014. Trata-se de um dos maiores eventos alusivos à cultura gaúcha em Joinville, e é também o de mais longa duração, iniciando geralmente uma semana antes do dia 20 de Setembro, quando se comemora o “dia do gaúcho” e, como já citado anteriormente, a data tida como marco inicial da Guerra dos Farrapos.

#### 4.4. 14° Festejos da Semana Farroupilha de Joinville

Um pouco antes da realização da Semana Farroupilha de 2014 pesquisei em *sites* dedicados ao gauchismo, *via smartphone*, e não encontrei divulgação recente falando sobre a programação do evento. No Portal Guapos havia somente uma galeria com fotos do dia 20 de agosto, quando aconteceu um jantar de lançamento da 14ª Semana Farroupilha de Joinville no Rancho Timbé. Fabiano havia feito a postagem. As únicas publicações informando sobre o início destas comemorações estavam no site da Prefeitura de Joinville, no Portal Joinville<sup>73</sup> e no Jornal Notícias do Dia<sup>74</sup>. Consta nestes sites que a abertura seria também no Rancho Timbé, onde aconteceu o lançamento do evento meses antes com o início do acampamento, as 8h30, e que seria

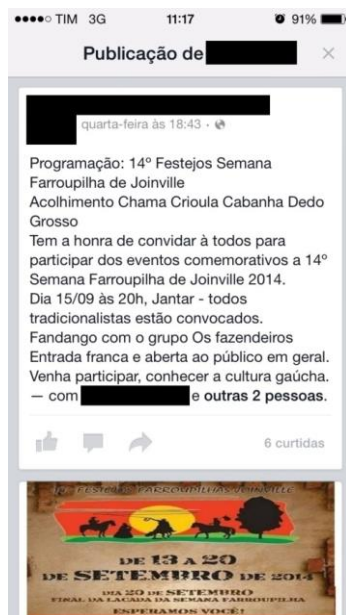


Imagem 20 - Postagem na página da Semana Farroupilha.

<sup>73</sup> Disponível em: <<http://portaljoinville.com.br/noticias/2014/09/semana-farroupilha-comeca-no-sabado>>. Acessado em 12/09/2014.

<sup>74</sup> Disponível em: <<http://ndonline.com.br/joinville/plural/198058-semana-farroupilha-comeca-no-sabado-em-joinville.html>>. Acessado em 12/09/2014.

servida costela de fogo de chão aos participantes, e haveria a chegada da Chama Crioula as 14h no mesmo local. Não encontrei em nenhum lugar informações sobre o valor da costela ou mesmo se estaria aberto ao público ou somente àqueles que iriam acampar.

No *Facebook* também foi difícil encontrar informações. Na página do Portal Guapos não falava nada. Na rede social da Semana Farroupilha havia postagens de outras pessoas falando que estavam animadas, que estavam se preparando, etc. Uma mulher, que depois eu constatei que não estava ligada diretamente à coordenação do evento, mas prestou auxílio aos organizadores, fez uma postagem direcionada para o Facebook da Semana Farroupilha escrevendo a programação, mas não tinha muitos detalhes (imagem acima).



**14º Festejos Semana Farroupilha de Joinville**  
**13 à 20 de Setembro**  
**13/09 - 8h30 - ACAMPAMENTO FARROUPILHA – Rancho Timbé**  
*Será servida costela de Chão aos participantes, música com Batista e Marquinho*  
**14h Chegada da Chama no Acampamento Crioulo**  
**23h30 acolhimento oficial pelo Patrão Pedro Duarte e Abertura do TRI BAILE!**  
**Grupo Rodeio, Turbinados da Vaneira e Cia da Vaneira – Rancho Timbé**  
**14/09 – 13h Cavalgada**  
**15/09 - Cabanha Dedo Grosso, recebe todos os convidados:**  
**Jantar, apresentações artísticas e Baile.**

*Imagem 21 - Detalhe da imagem anexada na postagem (foto anterior).*

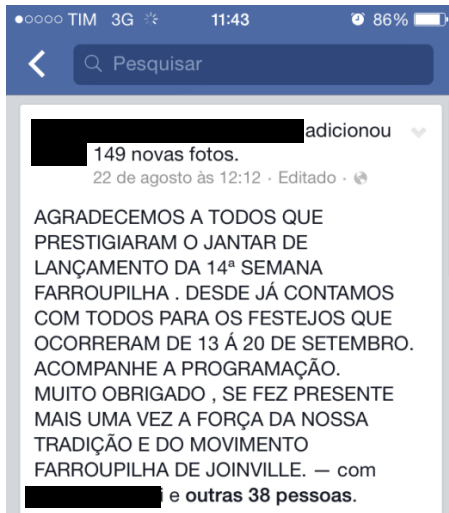
O fato é que, sabendo o horário que começaria e o local, me programei para estar lá para o almoço, mesmo não sabendo se o público em geral poderia participar ou era restrito. Como essas informações não constavam nas divulgações que encontrei, decidi ir, como qualquer cidadão que lesse a notícia no jornal e se interessasse em participar.

Já a caminho do Rancho Timbé, acessei a internet também pelo celular, procurando outras divulgações, mas não havia nada além do que eu havia encontrado no dia anterior. Na página no Facebook da Semana Farroupilha também não havia nenhuma postagem nova, então fui lendo as mais antigas à procura da programação. Havia uma publicação de 22/08 no Facebook da Cabanha Dedo Grosso, que agradecia a todos os que “prestigiaram o jantar de lançamento da Semana Farroupilha”:

A postagem dizia para acompanhar a programação, mas não havia nada ali falando da programação ou direcionando para outro link... nada. Cliquei então para entrar na página da Cabanha Dedo Grosso, ainda à procura da programação, mas a postagem mais recente era o compartilhamento de uma foto com a programação da Semana Farroupilha de Candiota (segundo a imagem, o “berço da República Rio-grandense”).

Na quinta-feira daquela mesma semana (11/09) eles haviam compartilhado a mesma postagem que a homepage da Semana Farroupilha também havia compartilhado, da Grasielle Rosana Machado. A postagem parecia ser a programação, mas não estava completa. Falava somente dos dias 13, 14 e 15/09, sendo que a Semana Farroupilha é sempre concluída no dia 20 de setembro. Outro compartilhamento, de outra postagem da mesma Gisele, também no mesmo dia, tinha uma imagem com a programação completa, mas novamente na descrição ela destacava a programação do dia 15, que seria na Cabanha Dedo Grosso.

Com a divulgação bastante escassa, também a cobertura fotográfica das comemorações foi prejudicada. Havia nos locais somente um fotógrafo, já bastante conhecido dos gaúchos de Joinville, pois há muito tempo fotografa os eventos alusivos ao gauchismo. Ele, porém, havia sido contratado pela coordenação da Semana Farroupilha, e atua



*Imagem 20 - Postagem da Cabanha Dedo Grosso*

somente com fotografia, não sendo integrante de nenhum site especializado. Assim, as fotos eram entregues diretamente à organização, que mais tarde publicava em sua página no Facebook.

Como eu estava registrando o evento para meu trabalho de campo, algumas pessoas me perguntaram onde “sairiam” as fotos, ou questionavam se eu tinha um cartão do site onde as fotos seriam publicadas, fazendo referência aos *sites* especializados neste tipo de cobertura, como o Portal Guapos. Jeferson, na entrevista que realizei com ele, explicou que sempre que fotografam eles saem com uma quantidade significativa de adesivos ou cartões com o endereço do site, e entregam para as pessoas que eles fotografam, a fim de facilitar a busca pelo registro posteriormente. No caso dos presentes na Semana Farroupilha, eu explicava que as fotos não seriam publicadas em nenhum site, que eram para a minha pesquisa, mas me disponibilizava a enviá-las por e-mail, e anotei os contatos.

Posso sinalizar que foi no dia 15 de setembro, durante a comemoração da Semana Farroupilha de 2014 na Cabanha Dedo Grosso, que as pessoas “notaram” minha atividade e começaram a solicitar as fotos. No dia seguinte, quando a comemoração aconteceu no CTG Filhos do Tropeiro, o organizador dos Festejos da Semana Farroupilha de 2014, Valdir, perguntou se eu poderia o enviar as fotos que estava fazendo, inclusive se disponibilizando a pagar para que eu registrasse o evento, juntamente com o outro fotógrafo. Como fotógrafa amadora e, principalmente, na condição de pesquisadora, concordei em disponibilizar as fotos em minha página no *Facebook* para que a organização pudesse compartilhá-las e guardá-las, mas que não cobraria por isso. Assim, passei a publicar uma seleção de fotos de todos os dias que presenciei, inclusive dos que já haviam acontecido, e que eu não havia publicado. Naquele momento, eu já havia enviado as fotos para os interessados que me procuravam, mas percebi também a necessidade de tornar públicas as imagens por não ter tempo de procurar os interessados nos registros e enviá-los somente as fotografias desejadas. Assim, criei um álbum público em meu perfil do *Facebook* e iniciei o compartilhamento das fotos de maneira generalizada. Quando questionada, eu informava meu nome e orientava as pessoas a procurarem as imagens na rede social.



*Imagem 23 – Fotografia que registrei na comemoração da Semana Farroupilha de 2014 na Cabanha Dedo Grosso, enviada inicialmente para o grupo Alma de Galpão, registrado na foto, e postada posteriormente no Facebook.*

Ao ver minha movimentação e a “cobertura fotográfica” que acabei realizando via Facebook, Adriano, do Portal Guapos, entrou em contato comigo dia 16 de setembro, pelo chat da rede social logo após a criação do álbum público:

**Adriano Rieper Guapos**

boa noite...vai participar de todos *dia* da semana farroupilha?

caso queira divulgar suas fotos no Guapos *esta* aberto para *vc..com credits* a sua pessoa

caso bata né ... (...)

e caso queira

**Ariete Cardoso**

na quinta não poderei participar

mas porque vocês não estão fazendo a cobertura?

senti a falta de vocês...

**Adriano Rieper Guapos**

estamos bem atarefados esse ano

e vi que *vcesta* publicando algumas fotos  
caso queria expor seu trabalho o guapos *esta* livre  
tenho *q* sair agora  
abraços

**Ariele Cardoso**

*rsrs*  
sim sim

**Adriano Rieper Guapos**

pode passar as fotos no [e-mail]  
(2014, via chat do *Facebook*)

Esperiei até o final da semana para enviar todas as fotos juntas, e concluí a seleção e edição no dia 24/09, no qual entrei em contato com Jeferson, também do Portal Guapos, que informou que a organização do evento não os procurou “*pra* divulgar nada e nem passam a programação”, motivo pelo qual eles decidiram por não realizar a cobertura. Pude compreender, assim, que a motivação dos integrantes destas *homepages* dedicadas ao gauchismo está além do lazer, da simpatia com o tema. Neste caso, como aponta Hartmann,

essa forma de “troca” não apenas é bem-vinda para muitos informantes como também esses produtos acabam representando, em muitos casos, novas e importantes fontes de informação sobre como os sujeitos veem a si mesmos. (HARTMANN, 2004, p. 62)

Foi o que se desdobrou de minha inserção mais participativa no campo. Além de interagir com aquelas pessoas que gostariam de ser vistas nas fotografias, pude também me aproximar de interlocutores com os quais eu já havia feito contato e já havia estabelecido certa “relação”, e compreender um pouco mais sobre suas atividades. É claro, este é o trabalho deles e muitas vezes é preciso se recusar a fazer algumas parcerias, mas principalmente, conforme conversei com Jeferson posteriormente, em outros casos eles simplesmente prezam por passar este tempo com suas famílias, principalmente em eventos como este, de duração prolongada.



Neste capítulo, busquei analisar o desenvolvimento das pesquisas do/no ciberespaço, no âmbito da Antropologia. Penso que a pesquisa de campo levou a constatações que a própria disciplina vem abordado há um tempo, como a relação dos universos *on* e *offline* com a “vida real”, não sendo possível mais falar em “virtual” sem considerar a plausibilidade que os agentes concretizam, nos meios digitais *online*, um *continuum* de suas interatividades *offline*. Os eventos etnográficos presenciados e vivenciados nesta pesquisa evidenciaram as redes que perpassam as possíveis “divisões” entre estes “mundos”, tornando líquidas as especificidades que poderiam segregar estas experiências. Assim, em alguns momentos procurei seguir as redes, em outros momentos foi procurada por elas, e em outra instância terminei por construir redes e observar como estes ambientes – digitais ou não – funcionam. Apresento a seguir, nas considerações finais, o caminho que considero ter percorrido no mestrado – e na pesquisa especificamente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para abordar o que estou chamando de gauchismo *on-offline* e as pessoas que tornam possíveis estes espaços de expressão, busquei inicialmente resgatar o significado das nomenclaturas utilizadas por meus interlocutores, que seus discursos evidenciaram ser de grande importância para eles. Dessa forma, a discussão sobre cultura, tradição e identidade – ou autorreferência – encaminhou para a necessidade de trabalhar outros conceitos, como gauchismo, tradicionalismo, nativismo, etc. Conceitos estes que evocaram divisão e proximidade, na existência do que chamei de diferentes “vertentes”, mas que apresentaram também trânsito e redes que transpõem o que seriam “barreiras” ou “fronteiras”, que muitas vezes parecem existir somente nas formalidades e nas expectativas – quando existem.

Nesta dissertação procurei analisar as manifestações gauchescas nos universos *on* e *offline*, compreendendo que por vezes estes universos se confundem, outras vezes claramente eles apresentam dependência e continuidade. A pesquisa de campo me permitiu conhecer de forma mais intensa e extensa as atividades dos *websiters*, que movimentam esses meios e transitam constantemente entre as diversas “vertentes” – ou formas de diferenciação e autorreferenciação – do gauchismo, seja o “tradicionalismo”, o “nativismo”, os bailões de *tchê music*, etc., para além dos discursos *online/offline*.

Estas “vertentes”, não somente nos *websites*, encontram representatividade em Joinville: o “tradicionalismo” é evidenciado por meio dos dez CTGs filiados no MTG, entre eles o CTG Chaparral. Neste espaço e por meio de meus interlocutores desde a graduação, pude observar o funcionamento do que se poderia chamar de *área campeira* no tradicionalismo; a *área artística* possui como principal expoente o Grupo Folclórico Amigos do Chimarrão, também filiado ao MTG – e por isso “tradicionalista” – que está ativo há mais de 25 anos. Em Joinville há ainda a representação do *nativismo*, pelo grupo Alma de Galpão, que está há mais de 10 anos no mercado e lançou em 2014 seu 4º CD, definido por seu vocalista Edson Copetti<sup>75</sup> como sendo um CD nativista.

As outras “vertentes”, do *tchê music* e dos frequentadores de bailões, são os mais representativos principalmente no que diz respeito à

---

<sup>75</sup>Informação verbal concedida em entrevista informal.

quantidade de eventos realizados. O número de casas de shows e salões existentes na cidade é bem expressivo, com os mais conhecidos Bailão do Silva<sup>76</sup>, Sociedade Alvorada e Sociedade Ginástica de Joinville, além do Sítio Novo e do Rancho Timbé. Há ainda diversos grupos e cursos de dança, como o Rompendo Fronteiras, Esteio da Tradição e o Dança & Tradição, que não possuem vínculo com o MTG e apresentam coreografias “figuradas”, misturando diversos gêneros e ritmos, incluindo representações teatrais.

Falar sobre gaúchos é falar de diversos reconhecimentos. Há uma clara dissonância entre “movimentos” ou “vertentes” dentro do gauchismo, mas há também a recorrência de elementos, como o uso da pilcha, a preocupação em diferenciar-se através de identidades, identificações ou autorreferências “regionalistas” e em preservar uma “cultura” ou “tradição” gaúcha. Ainda que muitas vezes os elementos que seriam unificadores deste universo tornem-se também pontos de disputa, como as diferentes utilizações da pilcha, por exemplo, há uma totalidade – extremamente heterogênea – que busca por reconhecimento e representação.

Outro fator de união destas vertentes são os já citados *sites* especializados, voltados ao público gauchista – vinculado ao que chamei de gauchismo - e com conteúdo variado. A importância da música, neste sentido, é evidenciada em bailes, shows e eventos, mas também muito divulgada no ciberespaço. A internet pode envolver simpatizantes e adeptos de qualquer “vertente” do gauchismo, especialmente à procura de vídeos e músicas. É nos *sites* especializados que a música gauchesca tem maior destaque, com rádios *online*, letras de músicas e vídeos disponibilizados de forma gratuita aos internautas, através de plataformas como o *Facebook*, o *Instagram* e o *Youtube*. Além da divulgação, as tecnologias colaboram e até mesmo intermediam também a produção de conteúdo, como ocorre, por exemplo, com músicas que são gravadas à distância por cada músico, e têm os sons dos instrumentos e das vozes

---

<sup>76</sup> Todos estes centros de eventos e salões de baile realizam, em sua maioria, eventos voltados ao público adepto do *tchê music*, sendo a maioria do público na cidade. O Sítio Novo já realizou anualmente um baile chamado Baile de Gala, onde era obrigatória a indumentária tradicional de baile (bombacha larga para os peões, vestidos para as prendas) ou traje social, mas descontinuou o evento, que era animado por grupos Nativistas seguidos de bailes mais tradicionais, com bandas executando canções sem tanta influência da bateria como nos grupos de *tchê music*.

unidas em *softwares* especializados. Cria-se, assim, um novo mercado, que além da produção, utiliza o ciberespaço como meio para divulgação de seus trabalhos e formações de novas parcerias.

Considero que o trabalho de campo *online* algumas vezes aconteceu de forma um tanto quanto “espontânea”. Por mais que eu estivesse disponível a novas experiências, ao ter “curtido” e estar “seguindo” algumas páginas no *Facebook*, a configuração desta rede social permitiu que os conteúdos chegassem a mim sem que necessariamente eu os estivesse buscando. Como utilizei minha página pessoal para realizar a pesquisa, mesmo que eu estivesse conectada não no papel de pesquisadora, conteúdos compartilhados por outros indivíduos ou páginas acabavam por me fazer pesquisar em tempo integral, ou me fazer pesquisar sem que houvesse um agendamento prévio. Estes acontecimentos foram possibilitados também pelos instrumentos que utilizei durante a pesquisa etnográfica, como o *smartphone*. Conforme discuti neste trabalho, a interatividade e a conectividade destas tecnologias pressupõem e/ou subentendem uma disponibilidade constante. Foi a partir da leitura de uma notícia via *smartphone* que soube do incêndio no CTG de Sant’Anna. Na prática, observei que a pesquisa “me procurou”, como estas páginas “procuram” seus leitores, seus clientes. Assim surgiu a necessidade de analisar o “controle do comportamento” ou um “conservadorismo/moralismo” presente nos ambientes tradicionalistas.

Este acontecimento evidenciou também que a *internet*, além de ser um meio de expressão do gauchismo em suas variadas formas, pode ser percebida também como um espaço onde indivíduos discursam em nome da “tradição” e dos “costumes” gauchescos, utilizando de formas sugerindo moralismo ou conservadorismo para questionar a abertura do tradicionalismo – ou dos ambientes tradicionalistas, como os CTGs – a influências que não teriam relação com estes grupos fechados. O caso do CTG incendiado pode claramente exemplificar como a livre expressão propiciada pelo ciberespaço serve tanto à divulgação dos “costumes” tradicionalistas quanto à união de elementos externos a estes grupos com criação de uma imagem conservadora de todo um movimento.

A religiosidade que se mostrou evidente e de grande expressividade durante a pesquisa de campo levou à análise de uma possível relação entre religião e tradicionalismo. O que se poderia chamar de sacralização de espaços tradicionalistas, como os CTGs, a importância

dada à família e a valores morais, o controle de comportamento existente na execução das danças, nas pilchas, na forma como as pessoas agem, especificamente nos comentários explícitos quando eu era a única pessoa pilchada no baile do rodeio, etc., remetem a manifestações recorrentes em ambientes religiosos, especialmente católicos e protestantes. Desta forma a criação de mais uma rede evidenciou a necessidade de analisar a religiosidade como elemento de destaque não somente no tradicionalismo, mas em outras expressões gauchescas, como no caso do barbeiro Sadi, seu CD gravado com músicas relacionadas ao campo e a uma determinada reverência à terra onde mora, além do convite para assisti-lo tocar na igreja.

Desta vez, a rede originada pelo compartilhamento de uma notícia *online* resultou em experiências *offline* que, intermediadas por mecanismos *online* – como o *Whatsapp* – tiveram concretização mais uma vez *offline* – com a execução de duas músicas na rádio, com a reunião da família para ouvir o programa e com os comentários que se seguiram ao acontecimento. Evidenciou-se, assim, um *continuum* existente entre estes ambientes – ou estes universos – que, mais que analogicamente, são amostras reais de como o “virtual” não mais se opõe ao real, mas como estes mundos coexistem, como se complementam, como se compõem.

Por fim, saliento que observar estas especificidades só foi possível graças ao trabalho de campo realizado *on* e *offline*. A participação observante permitiu que eu fizesse parte do universo destes profissionais, fotografando o evento e compartilhando as fotos em meu perfil no *Facebook* e também na *homepage* do Portal Guapos, interagindo via *chat* do *Facebook* e via *Whatsapp*. Nesta dissertação procurei evidenciar, por fim, que toda e qualquer separação distintiva entre os chamados “universos” *online* e *offline* é problemática. O que se pode considerar são as formas de interatividade, nas quais vínculos, envolvimento e ligações estabelecidas são referenciais, e assim garantem o *continuum* que as formas de gauchismo – abordadas na etnografia – comunicam.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACRI, Edison. **O gaúcho: uso e costumes**. Porto Alegre: Grafosul, 1985.

ALBECHE, Daysi Lange. **Imagens do gaúcho: história e mitificação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

\_\_\_\_\_. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BECKER, Howard Saul. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. **Falando da sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BRAZ, Evaldo Muñoz. **Manifesto Gaúcho**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2000.

BRIGGS, C.L. **Learning how to ask. A sociolinguistic appraisal of the role of the interview in social science research**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

BRUM, Ceres Karan. **“Esta terra tem dono”: Representações do passado missioneiro no Rio Grande do Sul**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2006.

CLEMENTE, Irmão Elvo. “Regionalismo e localismos”. In **Regionalismo sul-rio-grandense**. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1996.

CÔRTEZ, João Carlos d'Ávila Paixão. **Danças Inéditas**. Mazurca de Carreirinha, Vanerão Sapateado e Chotes do Dedinho. Itajaí, SC: 2008.

\_\_\_\_\_. “Guardião da cultura gauchesca”. **Jornal Clube do Aposentado PanVel**, RS, nº 48, ano 5, 2007.

\_\_\_\_\_. **Bailongo livre de ‘marca’ e ‘sinal’**. Tapera, RS: Gráfica Taperense, 2001.

\_\_\_\_\_. **Origem da Semana Farroupilha e Primórdios do Movimento Tradicionalista**. Porto Alegre, RS: 1994.

CÔRTEZ, João Carlos d'Ávila Paixão e CÔRTEZ, Marina M. Paixão. **Ponto & Ponto da Vestimenta da Prenda**. Porto Alegre, RS: 1998.

\_\_\_\_\_. **A Moda: Alinhavos & Chuleios**. Caxias do Sul: Lorigraf, 2005.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com aspas**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

DACANAL, José Hildebrando. **RS: modernização x arcaísmo – trinta anos na trincheira**. Porto Alegre: Leitura XXI/EST, 2004.

DAMATTA, Roberto. “Você tem cultura?”. **Explorações: Ensaios de sociologia interpretativa**, RJ, Rocco, 1981.

\_\_\_\_\_. **O ofício de etnólogo, ou como ter “anthropological blues”**. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/51433408/DAMATTA-Roberto-O-oficio-de-etnologo-ou-como-ter-anthropological-blues>>. Acesso em: 18/01/2016.

DÍAZ, Claudio Fernando. **Recepción y apropiación de músicas populares: dispositivos de enunciación, lugares sociales e identidades**. El oído pensante 1 (2). 2013. Disponível em: <<http://ppct.caicyt.gov.ar/index.php/oidopensante>>. Acesso em: 06/12/2013.

DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. **Estatuários, catolicismo e gauchismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

FERRARO, Eduardo Hector. **Transformações culturais no gauchismo através da música**. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) – CFH/UFSC, Florianópolis, 2013.

GEERTTZ, Cliford. **O saber local**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOLIN, Tau. **Ideologia do gauchismo**. Porto Alegre, RS: Tchê, 1983.

GONÇALVES, Paulo Roberto da Silva (org.). **Diretrizes para a pilcha gaúcha**. Porto Alegre, RS: Evangraf/MTG, 2013.

GONZÁLEZ, Juan Pablo. **Musicología popular en América Latina. Síntesis de sus logros, problemas y desafíos**. In Revista musical chilena 55 (195). Santiago, 2001.

GUIMARÃES JR, Mário J.L. A cibercultura e o surgimento de novas formas de sociabilidade In: **REUNIÓN DE ANTROPOLOGIA DEL MERCOSUR, II**, 1997, Piriápolis, UY. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~guima/ciber.html>>. Acesso em: 21/08/2013.

\_\_\_\_\_. “O ciberespaço como cenário para as ciências sociais”. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, IX**, 1999a, Porto Alegre, RS.

\_\_\_\_\_. “Sociabilidade no ciberespaço: distinção entre plataformas e ambientes”. In: **REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 51ª**, 1999b, Porto Alegre, RS.

HARTMANN, Luciana. **Aqui nessa fronteira onde tu vê beira de linha tu vai ver cuento...: tradições orais na fronteira entre Argentina,**



**Brasil e Uruguai.** Tese (doutorado em Antropologia Social) – CFH/UFSC, Florianópolis, 2004.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOFFMAN, Kaio Domingues. **O campeiro e o comercial na música gaúcha: uma etnografia sobre concepções musicais na região metropolitana de Florianópolis.** Trabalho de conclusão de curso (bacharelado em Ciências Sociais) – CFH/UFSC –Florianópolis, 2007.

HUMPHREYS, L. “Mobile Social Networks and Social Practice: A Case Study of Dodgeball.” In: **Journal of Computer-Mediated Communication**, n° 13, pp. 341–360. 2007.

HUNT, Tara. **O poder das redes sociais: como o fator Wuffie – seu valor no mundo digital – pode maximizar os resultados de seus negócios.** São Paulo: Editora Gente, 2010.

JACKS, Nilda. **Mídia nativa: indústria cultural e cultura regional.** Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.

KAISER, Jakzam. **Ordem e progresso: o Brasil dos Gaúchos.** Florianópolis: Insular, 1999.

KUPER, Adam. **Cultura: a visão dos antropólogos.** Tradução Mirtes Frange de Oliveira Pinheiros. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

LACERDA, Juciano de Sousa; SEGATA, Jean (organizadores). **Antropologia no ciberespaço.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2010.

LAMBERTY, Salvador Fernando. **ABC do Tradicionalismo Gaúcho.** Porto Alegre, RS: Martins Livreiro Editor, 1989.

LEMOS, André. “As estruturas antropológicas do ciberespaço”. In **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea.** Porto Alegre, RS: Sulina, 2a. ed., 2004.

LESSA, Luís Carlos Barbosa. **Nativismo: Um fenômeno social gaúcho**. Porto Alegre, RS: L&OM, 2008, 2ª edição.

\_\_\_\_\_. **História do chimarrão**. Porto Alegre: Sulina, 1986.

LEWGOY, Bernardo. “A invenção da (ciber)cultura: virtualização, aura e práticas etnográficas pós-tradicionais no ciberespaço”. In **Civitas**, Porto Alegre, RS, v.9, n.2, pp. 185-196. 2009.

LIMA, Jarbas. **Tradicionalismo... responsabilidade social – reflexões**. Porto Alegre: Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG, 2004.

MACIEL, Maria Eunice. “Patrimônio, tradição e tradicionalismo: o caso do gauchismo, no Rio Grande do Sul”. In: **MNEME – revista de humanidades**. Rio Grande do Norte, v.07, n.18, pp. 439-460. Out/nov. de 2005.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MALLMANN, Mariana Graziela (org.). **Prendas gaúchas: 39 anos**. Porto Alegre: MTG, 2009.

NOERNBERG, Priscila. **CHIMARRÃO E(M) CANOINHAS/SC: tomar, saber, fazer e comunicar**. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) – CFH/UFSC, Florianópolis, SC, 2012.

NUNES, Zeno Cardoso; NUNES, Rui Cardoso. **Dicionário de Regionalismo do Rio Grande do Sul**. 12a. ed. Porto Alegre, RS: Martins Livreiro, 2010.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do Antropólogo**. São Paulo: Unesp/Paralelo 15, 2000.

OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

\_\_\_\_\_. “A dupla desterritorialização da cultura gaúcha”. In: FONSECA, Claudia (org.). **Fronteiras da cultura: horizontes e**

**territórios da antropologia na América Latina.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1993.

ORNELLAS, Manoelito de. **Gauchos e Beduinos.** Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1948.

OSORIO, Patrícia Silva. “Cantadores nordestinos e tradicionalistas gaúchos: a tradição nas lutas por inserções e autenticidades”. In: **Campos – Revista de Antropologia Social.** Curitiba, PR, v.13, n.2, pp. 71-87. 2012. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/campos/article/view/36781>>.

OURIQUES, Alexandre; et. Al (org.). **Danças Tradicionais Gaúchas.** Porto Alegre: Fundação Cultural Gaúcha – MTG, 2014.

PÁGINA DO GAÚCHO. Disponível em: <<http://www.paginadogaicho.com.br/>>. Acessado em: 06/12/2013.

PELLANDA, Eduardo. “A conexão entre lugares e espaços proporcionada pela rede Foursquare”. In: **Intexto.** Porto Alegre, RS: UFRGS, v. 1, n. 24, pp. 164-175. 2011.

RIFIOTIS, Theophilos. “Antropologia do ciberespaço: questões teórico-metodológicas sobre pesquisa de campo e modelos de sociabilidade.” In RIFIOTIS, Theophilos... [et al.], organizadores. **Antropologia no ciberespaço.** Florianópolis: Editora UFSC, 2010.

SANTI, Álvaro. **Do Partenon à Califórnia, o Nativismo e suas origens.** Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004.

SAVARIS, Manoelito Carlos. **Rio Grande do Sul: história e identidade.** Porto Alegre, RS: Fundação Cultural Gaúcha – MTG, 2008.

\_\_\_\_\_. **Manual de Tradicionalismo Gaúcho.** Porto Alegre, RS: Movimento Tradicionalista Gaúcho - MTG, 2012.

SILVA, Ana Lúcia Migowski da; ZAGO, Gabriela da Silva. “Imagens nas redes sociais móveis: Mídias locativas e memórias coletivas sobre lugares”. In: SEGATA, Jean; MÁXIMO, Maria Elisa; BALDESSAR,

Maria José (org.). **Olhares sobre a cibercultura**. Florianópolis, SC: CCE/UFSC, 2012.

SILVA, Juremir Machado. “O reino da distinção”. In: GONZAGA, Sergius; FISCHER, Luiz Augusto; BISSÓN, Carlos Augusto (org.). **Nós, os gaúchos 2**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1994.

SIMON, Pedro. **A diáspora do povo gaúcho**. Brasília: Senado Federal, 2009. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/176699>>. Acessado em: 23/01/2014.

SPADARO, Antonio. **WEB 2.0: redes sociais**. São Paulo: Paulinas, 2014.

TYLOR, Edward Brunett. Celso Castro (org.). **A ciência da cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

VELHO, Gilberto. “Observando o familiar”. In NUNES, Edson de Oliveira. **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

## GLOSSÁRIO

**Aclamação:** Diz-se aclamação quando ocorre somente uma nomeação por parte do CTG, sem necessariamente ser realizado um concurso. Na ocasião, uma colega da faculdade ocupava o posto e estava à procura de alguém que aceitasse representar o CTG. Devido ao interesse que eu já manifestava no gauchismo, ela fez a indicação para os patrões do CTG Chaparral, que imediatamente aceitaram, tornando assim possível minha aclamação. Recebi a faixa (como uma faixa de miss, mas feita de couro e com os dizeres pirogravados) durante o rodeio daquele ano, no CTG. É importante frisar que, por se tratar de uma organização onde as únicas atividades são campeiras, isto é, não há um grupo de danças ou um departamento artístico (falarei disso adiante), a existência de uma primeira prenda ou de um primeiro peão, responsáveis por representar artisticamente o CTG, são bastante raros. Terminado meu prendado, não houve quem se interessasse em dar continuidade, e assim o CTG Chaparral continua sem uma Primeira Prenda.

**Bota de garrão de potro:** “Bota feita de couro verde, de vaca ou de potro. Para confeccioná-la, abatido o animal, é retirado o couro da coxa e adaptado ao pé e à perna da pessoa que vai usá-la, de modo que a ponta do jarrete da vaca ou do potro corresponda ao calcanhar do homem. A costura é feita com certa folga para permitir a entrada e a retirada do pé. Os dedos, em geral, ficam de fora.” (NUNES e NUNES, 2010, p. 72)

**Bueno:** Idêntico ao espanhol, com tradução ao português sendo “bom”. Também utilizado como expressão para “muito bem”.

**Cabanha:** Cabanha é o nome dado às empresas cuja atividade principal é a reprodução e venda de cavalos, muito utilizados na lida de campo e também nas competições tradicionalistas. Descendentes de cavalos ou éguas “campeões” de algumas dessas competições ganham valor significativamente maior do que os demais.

**Campereadas:** Alguns registros sugerem que se refira às lidas no campo, aos trabalhos com o gado, mas a expressão também pode ser vista como sinônimo de trabalhos ou andanças em geral.

**Centauros:** “Denominação dada, no Rio Grande do Sul, aos gaúchos que, nas revoluções, peleavam a cavalo”. (NUNES e NUNES, 2010, p. 102)

**Chiripá:** O chiripá é uma peça de roupa categorizada pelo MTG como “trajes históricos (de época)” (SAVARIS, 2012, p. 86), e pode ser encontrado em dois tipos: o “chiripá primitivo e o “chiripá farroupilha”. Este segundo (utilizado pelos dançarinos cuja apresentação presenciéi) pode ser entendido como um tecido retangular que é passado entre as pernas e atado à cintura como uma fralda de pano, e por essa razão o “chiripá farroupilha” também é conhecido como fralda.

**Cordeona:** O mesmo que acordeão e/ou gaita. Instrumento musical.

**Cuera:** “Homem ruim, maleva. Gaúcho forte, destemido”. (NUNES e NUNES, 2010, p. 136)

**Curral:** Lugar fechado utilizado para “guardar” o gado. Também diz-se “acurralar” quando a intenção é se referir ao confinamento.

**Emoji:** Imagem que representa uma expressão (facial ou não) utilizada para ilustrar conversas em redes sociais.

**Entrevero:** Relatado por Nunes e Nunes como sendo sinônimo de “mistura, desordem, confusão, de pessoas, animais ou objetos”, mas há outra definição que se destaca: “o entrevero é uma luta de extermínio, em que o sangue corre com abundância e os mortos e feridos são inumeráveis, pois, em geral, cada participante briga com fúria e decisão, preferindo morrer a recuar ou entregar-se”. (NUNES e NUNES, 2010, p. 166)

**Esporas:** Trata-se de uma peça de metal utilizada junto à bota nas atividades campeiras, auxiliando o peão a dominar o cavalo. O Movimento Tradicionalista Gaúcho considera “admissível o uso nas representações coreográficas tradicionais”, mas afirma que “é vedado o uso em bailes e fandangos” (GONÇALVES, 2013, p. 39).

**Facebook:** Rede social criada em 2004, dedicada ao compartilhamento de textos, *hiperlinks*, imagens e vídeos. Possui um mecanismo de *chat* que permite a troca de mensagens instantâneas entre os usuários.

**Fanpage:** Como são chamadas as páginas destinadas a grupos ou empresas, enquanto as páginas de pessoas físicas é mais comumente chamado de “perfil”, ou simplesmente “página”.

**Filó:** Também chamado de tule, é um tipo de tecido com tramas abertas, lembrando uma tela. É muito utilizado para sustentar a armação das saias de vestidos de prenda, assim como vestidos de casamento, fantasias, etc. O uso deste tipo de tecido em saias de armação para vestidos de prenda, porém, é alvo de críticas por parte de integrantes do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Um dos fundadores do MTG relata que “frequentemente temos visto, incoerentes damas, usando várias saias-de-arma, sobrecarregadas de babados de inferior tule de naylon, ou arrematada com fios sintéticos, aspectos estes que desfiguram a peça, no seu sentido tradicional, quando sabe-se que naylon é uma fibra artificial recente, lançada pela indústria, em 1938...” (CÔRTEZ e CÔRTEZ, 1998, p. 18).

**Fundões:** Refere-se a lugares distantes, afastados.

**Garrão:** Tem ligação com o garrão (ou o jarrete) do gado, ou seja, o “calcanhar”.

**Gineteada:** Prova campeira onde o objetivo é o peão manter-se o maior tempo possível montado sobre o cavalo. Semelhante às provas de montaria de rodeios *country*, como a Festa do Peão de Boiadeiro, em Barretos – SP.

**Guapo:** Na música Brasil de bombacha refere-se a um adjetivo, que pode ser designado a um povo “forte, vigoroso, valente, bravo”. (NUNES e NUNES, 2010, p. 236)

**Índio:** “Homem do campo. Peão de estância. Indivíduo valente, bravo, disposto, destemido, valoroso.” (NUNES e NUNES, 2010, p. 246)

**Instagram:** Rede social pertencente ao *Facebook* destinada ao compartilhamento de fotos e vídeos.

**Mateada:** Nome dado à roda de chimarrão, onde gaúchos tomam mate e trocam causos e histórias.

**Maxixe:** Estilo de dançar *vaneira* que mistura influências do samba e do forró, e vai de encontro às coreografias ensinadas nas normas dos Movimentos Tradicionalistas Gaúchos (MTGs).

**Meter pilha:** Gíria correspondente a “incentivar”, “encorajar”, “induzir”, no sentido de colocar energia, etc.

**Oigalete:** Expressão de espanto, admiração. Algumas pessoas creditam a expressão à palavra “oiga”, em espanhol, que pode ser traduzida como “ouça” para o português. Também é utilizada nas formas “oigalê” e “oigatê”.

**Pajada:** Declamação de poesias ou cantoria com versos feitos de improviso, como no repente.

**Patronagem:** Refere-se às lideranças ou à diretoria dos CTGs.

**Pelcar:** O mesmo que lutar, guerrear.

**Pessuêlos:** Espécie de bolsa ou mala “usado na garupa do cavalo, em que o viajante conduz roupas e outras utilidades”. (NUNES e NUNES, 2010, p. 359)

**Pila:** Expressão muito utilizada por gaúchos para se referirem ao dinheiro. Segundo NUNES e NUNES, é também a “denominação que se dava à antiga moeda de um mil réis”. (2010, p. 373).

**Pilcha:** “Vestimenta típica de gaúcho” (NUNES, Zeno Cardoso; NUNES, Rui Cardoso. Dicionário de Regionalismo do Rio Grande do Sul. 12a. ed. Porto Alegre, RS: Martins Livreiro, 2010, p. 374). Como o termo “gaúcho pode ser utilizado como gentílico dos nascidos no Rio Grande do Sul, tomo a liberdade de corrigir como sendo a pilcha a “vestimenta típica” dos gaúchos tradicionalistas ou relacionados ao gauchismo.

**Pirogravura:** “Arte de desenhar sobre uma superfície de madeira ou couro com uma ponta incandescente ou uma chama fina.” Fonte: <http://www.dicio.com.br/pirogravura/>. Acessado em: 02/05/2014.



**Playlist:** Lista de reprodução de músicas.

**Posteiro:** “Posteiro” é o nome que se dá à pessoa responsável por organizar os grupos de danças dos CTGs, chamados de “invernadas artísticas”. É ele quem dita o momento de trocar a coreografia, os próximos passos, a posição de cada dançarino no salão, etc.

**Potrilho:** Cavalos ainda em fase de amamentação.

**Prendado:** Como é chamado o período em que a prenda representa sua entidade tradicionalista.

**Prendas:** “Prendas” é como são chamadas as mulheres “tradicionalistas”.

**Primeira Prenda:** A Primeira Prenda é uma mulher escolhida (aclamada) pela “patronagem” (ou diretoria) da entidade da qual faz parte (CTG, Grupo Artístico, etc.) ou vencedora de um concurso específico. Em publicação sobre “prendas” e “prendados”, o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) cita o concurso de prendas como sendo um de seus “mais importantes eventos” e destaca, entre outras finalidades, a de “elevar o nível cultural e intelectual das prendas das Entidades filiadas, desenvolvendo, na juventude tradicionalista, o interesse pelo estudo e pesquisa de Geografia, História, Folclore, Tradição e Tradicionalismo do Rio Grande do Sul” (MALLMANN, 2009, p. 15). Tendo a “prenda” sido vencedora de concurso ou “aclamada”, ela se torna a “representante oficial” de sua entidade e, “em qualquer nível, as prendas têm o dever de atuar como propagadoras da cultura e da tradição rio-grandense, levando em consideração o recato e as boas maneiras características da mulher gaúcha” (MALLMANN, 2009, p. 17).

**Rebuliço:** Sinônimo de confusão, tumulto, bagunça.

**Tchê music:** Categoria musical na qual se inclui músicas tocadas em bailes gaúchos, geralmente separadas das músicas nativistas por serem mais dançantes e por apresentarem características de outros ritmos, como o forró, o arrocha e o sertanejo.

**Tchê ou chê:** “Equivalente a tu aí, ou tu simplesmente. Usa-se também como vocativo: ‘como vai, chê?’.” (NUNES e NUNES, 2010, p. 109)

**Tererê:** Outra denominação para o chimarrão. No caso dos gaúchos, trata-se da forma como se referem ao chimarrão somente quando preparado com água fria.

**Tinir:** O mesmo que soar de forma mais aguda. Na música, refere-se ao som executado nas guitarras.

**Torrão:** Nos dicionários pode-se encontrar a definição de “território vasto”. No linguajar gauchesco, trata-se da forma como se referem ao Rio Grande do Sul (torrão gaúcho).

**Vaneira/vanera):** Ritmo musical muito executado em bailes e festas gaúchas. Sua dança é sempre realizada em pares, e a coreografia consiste em dar dois passos para um lado, dois para o outro (o famoso “dois *pra lá*, dois *pra cá*”). Possui um variante chamado vaneirão, onde o ritmo é um pouco acelerado, mas ainda mantendo o tempo 4/4<sup>77</sup>.

**Whatsapp:** Aplicativo de troca de mensagens instantâneas por *smartphone*. Atualmente possui uma versão acessível via *web*, em testes, e ainda não disponível em todos os navegadores.

**Xucro:** Termo nativo que se refere a cavalos não domados, não domesticados.

**Youtube:** Rede social destinada ao compartilhamento de vídeos.

---

<sup>77</sup> Mais detalhes sobre ritmo e compasso estão disponíveis no link: <<http://www.descomplicandoamusica.com/ritmo-teoria/>>. Acessado em 27/01/2016.

## APÊNDICES

### APÊNDICE 1 -Descrição dos sites – URL Espião (URL Métrica)

Encontrei, em 28 de abril de 2014, um site que divulga estatísticas de homepages, chamado “URL Espião<sup>78</sup>”. O site possui uma caixa onde se digita o link da homepage que deseja ter acesso, e ele fornece informações como a posição daquele site em rankings nacional e mundial baseado no número de visitas; número de visitantes diários, número de visualizações diárias, número de páginas que o site possui, número de links externos que o site possui e também estima o valor que aquela homepage recebe por visitante, estabelecendo assim um valor aproximado do site. Há uma observação na página alertando que os dados não são oficiais, apenas estimativas. O objetivo deste apêndice é demonstrar a estimativa apresentada pelo URL Espião, ou URL Métrica, para os sites pesquisados. Não analisarei, portanto, os *websites* relacionados, nem tampouco aprofundarei a observação destes dados, que não são oficiais.

Pesquisei os sites “Chasque do Conhaque” e “Portal Guapos”, cujos proprietários foram meus interlocutores na pesquisa, e também a “Página do Gaúcho”. Além destes *websites*, pesquisei também o “Portal Amigos da Tradição”, que havia aparecido em destaque no Google, e por achar curioso o fato de que página possui dois domínios que redirecionam para o mesmo *site*.

No URL Métrica, Ao digitar o link do site desejado na barra de pesquisa, o site redireciona para a página de estatísticas, onde aparece e uma pequena imagem do site, como um *printscreen*, um retrato da página. Abaixo da imagem consta o endereço do site, digitado na barra, há um link para o visitante “entrar no site”, que redireciona para a homepage pesquisada. Além disso, o URL Espião cita os links externos que a homepage pesquisada possui, ou seja, ele lista outras homepages citadas no site pesquisado.

---

<sup>78</sup> Acessei novamente o URL Espião no dia 20/01/2015, e o nome do site havia mudado para URL Métrica, utilizando os mesmos elementos gráficos da logomarca anterior. Abaixo da caixa de pesquisa, o site é descrito como “Estatísticas simplificadas para websites”. Disponível em: <<http://urlm.com.br/>>. Acessado pela última vez em 20/01/2016.

De acordo com os números de acessos dos sites, segundo o URL Espião (ou URL Métrica), os sites estão ranqueados na seguinte ordem: 1º: Página do Gaúcho, 2º: Chasque do Conhaque e 3º: Portal Guapos (o menor número de acessos entre os três).

## **PORTAL GUAPOS<sup>79</sup>**

Conheci o Portal Guapos, como já descrevi no decorrer da dissertação, no tempo em que frequentei bailes e rodeios representando o CTG Chaparral. Trata-se de um dos mais representativos *websites* dedicados à cobertura de eventos gauchescos em Joinville. Segundo o URL Espião, o “Portal Guapos” está em 127.592º no ranking do Brasil. O *website* possui alguns links que redirecionam para páginas externas, como [musicagaucha.com](http://musicagaucha.com), [atribunars.com.br](http://atribunars.com.br), [nativafmsantamaria.com](http://nativafmsantamaria.com) e [inema.com.br](http://inema.com.br).

*Posição no ranking do Brasil: 127.592*

*Classificação Mundial: --*

*Valor estimado do Site: R\$248,87*

*Links externos: --*

*Número de páginas: 47.850*

*Páginas visitadas mensalmente: <300*

*Valor por visitante: R\$0,00*

A página URL Métrica aponta também as páginas mais visitadas dentro do Portal Guapos:

*Páginas populares:*

*guapos.com.br Gu@pos - Recuse imitações!*

*guapos.com.br Gu@pos - CTG de Sorocaba-SP realiza Noite Gaúcha em prol da Ong...*

*guapos.com.br Gu@pos*

*guapos.com.br Gu@pos - Bailes do 30º Rodeio do CTG Laço Jaraguense de 13 a 15...*

---

<sup>79</sup> Dados acessados em 21/01/2016, atualizados no URL Métrica em: 17/05/2014.

URLmétrica  Entrar Consulta



**Guapos.com.br**

Entrar no site

O site Guapos está em 127.592º no ranking do Brasil. 2 de dezembro - Cheiquito e Bordonello - Ginástico - Joinville!

Análise	Conteúdo	Links	Servidor
<b>127.592</b> Posição no ranking do Brasil	Páginas visitadas mensalmente		< 300
-- Classificação Mundial	Páginas vistas mensais		< 300
	Valor por visitante		R\$0,00
	Valor estimado		R\$248,87 *
	Links externos		--
	Número de páginas		47.850
<b>Palavras Chave</b>	<b>Classificação no País</b>		
Indisponível	Indisponível		

\*Dados estimados, leia o aviso de isenção.  
Última atualização: 17/02/2014

Imagem 24 - Gerada a partir da página URL Espião em pesquisa sobre o Portal Guapos

## CHASQUE DO CONHAQUE

O Chasque do Conhaque era um site que eu havia conhecido há poucos dias, por uma indicação do Jeferson, do Portal Guapos. Segui o caminho das redes e pesquisei o site. Parece que eles tem um ótimo relacionamento, apesar de possuírem dois sites distintos com o mesmo público-alvo. Eles possuem bastantes parcerias em eventos em Joinville, e mesmo o Chasque do Conhaque sendo de Curitiba, Conhaque sempre participa de coberturas por aqui.

Segundo o URL Espião, o “Chasque do Conhaque” possui links que redirecionam o internauta para os sites “paginadogaucho.com.br”, “Integração Crioula”, “Clube da Tradição” e “Shows e Bailes”.

O URL espião dá ainda a localização do servidor de cada site e faz uma análise de conteúdo. No caso do Chasque do Conhaque: “A estimativa é de 33 visitantes diários, cada um visitando uma página em

média. Algumas das 13.050 páginas incluem ‘Chasque do Conhaque, bailes, shows, rodeio, torneio de laço’”.

Segundo o URL Métrica, estas são as páginas mais populares, ou seja, as que tiveram maior número de acessos, no Chasque do Conhaque. A primeira delas é a página inicial do site, seguida de outras quatro páginas:

- <http://www.chasquedoconhaque.com.br/chasque/>  
*Chasque do Conhaque | Bailes, Shows, Rodeio, Torneio de Laço...*
- <http://www.chasquedoconhaque.com.br/chasque/?p=4554>  
*Revolução Federalista – Barão do Serro Azul mantém a paz e a ordem em Curitiba*
- <http://www.chasquedoconhaque.com.br/chasque/?p=13487>  
*Foto do baile com João Luiz Corrêa no Clube Marechal Palace dia 29 de Setembro*
- <http://www.chasquedoconhaque.com.br/chasque/?p=12572>  
*Foto do Baile do Clube Arena em Colombo com Grupo Rodeio | Chasque*
- <http://www.chasquedoconhaque.com.br/chasque/?p=13880>  
*Fotos do baile do João Luiz Corrêa no Atenas do dia 14 de Outubro*

Outras estatísticas<sup>80</sup> listadas pelo URL Espião sobre o Chasque do Conhaque:

*Posição no ranking do Brasil: 67.556*

*Classificação Mundial: 8.778.234*

*Valor estimado do Site: R\$918,46*

*Links externos: 27*

*Número de páginas: 39.150*

*Páginas visitadas mensalmente: 2.223*

*Valor por visitante: R\$0,03*

---

<sup>80</sup> Acessadas na atualização de 18/05/2014.



Imagem 24 - Gerada a partir da página URL Espião em pesquisa sobre o Chasque do Conhaque

## PÁGINA DO GAÚCHO

Pesquisei a “Página do Gaúcho” guiada pelo URL Espião, que a citava como sendo um dos links externos que o Chasque do Conhaque possui. A Página do Gaúcho se autodenomina “O maior site sobre a cultura gaúcha na internet. Decidi então pesquisar este link no URL Espião, para procurar suas estatísticas. Segundo o site, a Página do Gaúcho está na posição 17.165 no ranking do Brasil.

Estatísticas listadas pelo URL Espião sobre a Página do Gaúcho:

*Posição no ranking do Brasil: 17.165*  
*Classificação Mundial: 837.952*  
*Valor estimado do Site: R\$8.265,66*  
*Links externos: 437*  
*Número de páginas: 104.700*  
*Páginas visitadas mensalmente: 160.650*  
*Valor por visitante: R\$0,04*

A Página do Gaúcho possui 385 visitantes diários, somando 900 visualizações diárias. Cada utilizador visita 3,40 páginas deste site. Ainda segundo os dados do URL Métrica, “a Página do Gaúcho foi ao ar em 05-02-1998, dando a ele 16 anos e 3 meses de idade”. As páginas mais populares do *website* são a lista de CTGs, a Lista de Poesias, outro link descrito somente como “Poesia” e outra intitulada “Jayme Caetano Braun”, dedicada à divulgação das obras do poeta.

#### *Páginas populares*

*paginadogaucho.com.br - Página do Gaúcho - CTG - Lista de CTGs*  
*paginadogaucho.com.br - Página do Gaúcho - Lista de Poesias*  
*paginadogaucho.com.br Página do Gaúcho - Poesia*  
*paginadogaucho.com.br Página do Gaúcho - Jayme Caetano Braun*

O URL Espião relaciona os *links* externos para os quais a “Página do Gaúcho” redireciona, como [revistaescola.abril.com.br](http://revistaescola.abril.com.br) (Site Nova Escola – Educação Básica, planos de aula, roteiros), [internacional.com.br](http://internacional.com.br) (Site oficial do Sport Club Internacional de Porto Alegre), [furg.br](http://furg.br) (Universidade Federal do Rio Grande – FURG) e [correiodopovo.com.br](http://correiodopovo.com.br) (Correio do Povo - O portal de notícias dos gaúchos).



URLmétrica  Enviar Consulta



**Paginadogaicho.com.br**

Entrar no site

O site Paginadogaicho está em 17.165º no ranking do Brasil. "Página do Gaúcho" - o MAIOR site sobre a cultura GAÚCHA na Internet!

Inspiron 13  
Série 7000 2 em 1  
com Windows 10 Home.



Compre agora  
Frete grátis

Análise Visitantes Conteúdo Links Servidor

**17.165**

Posição no ranking do Brasil

**837.952**

Classificação Mundial

Páginas visitadas  
mensalmente

**160.650**

Páginas vistas mensais

**27.890**

Valor por visitante

**R\$0,04**

Valor estimado

**R\$8.265,66 \***

Links externos

**437**

Número de páginas

**104.700**

Palavras Chave

Indisponível

Classificação no País

17.165

Brasil

\*Dados estimados, veja o aviso de isenção.  
Última atualização: 18/05/2014

*Imagem 21 - Gerada a partir da página URL Espião em pesquisa sobre a Página do Gaúcho*

## PORTAL AMIGOS DA TRADIÇÃO

Em uma busca no Google, encontrei o site [www.portalgaucho.com.br](http://www.portalgaucho.com.br), mas ao entrar no site aparecia como sendo [www.amigosdatradicao.com.br](http://www.amigosdatradicao.com.br), e se denominam “Portal Amigos da Tradição: seu portal da tradição gaúcha em Santa Catarina”. Fiz então uma nova busca no Google, desta vez por “Portal Amigos da Tradição”, e concluí que se trata do mesmo site, mas que eles possuem dois

domínios. Os dois links redirecionam para o mesmo site, que é o “Portal Amigos da Tradição”.



Imagem 226 - Printscreem da pesquisa do Google com o nome do site e o link com outro nome.

Este site tem *layout* muito simples visualmente falando:



Imagem 23 - Layout do Portal Amigos da Tradição.

O site é composto por três colunas. Na coluna esquerda há um menu com seções como “vocabulário”, “costumes”, “cavalos”, “poesias”,

“músicas”, “história”, “cultura”, “lendas”, “mitos”, “danças tradicionalistas”, “indumentária”, etc. O menu possui seções e subseções:

## ***Menu***

- ***Página Inicial***

- ***Vocabulário***

*Oração do Gaúcho*

*Adágios Gaúchos*

*Anedotas de Gaúcho*

*Dicionário Gaúcho*

*Ditados Gaúchos*

*Expressões Gaudérias*

- ***Costumes***

*Churrasco*

*Culinária*

*Chimarrão*

- ***Cavalos***

*Origem do Cavalo*

*Nomenclatura*

*Pelagem*

*Fotos*

- ***Cultura***<sup>81</sup>

*As Lendas Gaúchas*

*Os Mitos Gaúchos*

*Danças Tradicionalistas*

*Indumentária Gaúcha*

*Tradicionalismo*<sup>82</sup>

- ***História***

---

<sup>81</sup> Aqui destaco uma análise sobre a nomenclatura utilizada, como se todo o restante listado em outros tópicos no menu não fosse cultura (as orações, os adágios, as anedotas, as expressões, o churrasco, o chimarrão, etc). O *link* cultura inclui somente “As Lendas Gaúchas”, “Os Mitos Gaúchos”, “Danças Tradicionalistas”, “Indumentária Gaúcha” e “Tradicionalismo”.

<sup>82</sup> Outra nomenclatura questionável é a de “tradicionalismo”, se analisarmos sob o ponto de vista do conceito enquanto sendo utilizado para descrever o conjunto de práticas e as vivências, e não o movimento institucionalizado, todo o restante também poderia ser nomeado desta forma.

*Cronologia Histórica*  
*Estrutura de um CTG*  
*Gaúcho e sua Origem*  
*Princípios Gaudérios*  
*Comportamento*  
*Ética Tradicionalista*  
*O Tropeirismo*  
*Formação da Estância*  
*Guerra dos Farrapos*  
• **Poesias**  
• **Músicas**  
*Cifras*  
*Letras*  
*Grupos Gaúchos*  
• **Galeria de Fotos**

OBS: Ao clicar na galeria de fotos ele abre a seguinte página:

```
Warning: Creating default object from empty value in /home/portalgaucho/amigosdatradicao.com.br/album/config.php on line 2
Warning: Creating default object from empty value in /home/portalgaucho/amigosdatradicao.com.br/album/config.php on line 21
Warning: Creating default object from empty value in /home/portalgaucho/amigosdatradicao.com.br/album/config.php on line 45
Warning: Creating default object from empty value in /home/portalgaucho/amigosdatradicao.com.br/album/config.php on line 53
Warning: Creating default object from empty value in /home/portalgaucho/amigosdatradicao.com.br/album/config.php on line 61
```



```
Warning: dir(album_/fotos/): failed to open dir: No such file or directory in
/home/portalgaucho/amigosdatradicao.com.br/album/funcoes.php on line 34
Fatal error: Call to a member function read() on a non-object in
/home/portalgaucho/amigosdatradicao.com.br/album/funcoes.php on line 36
```

*Imagem 24 - Printscreen da página destinada à galeria de fotos.*

Abaixo do menu há uma caixa onde eles pedem: “faça uma doação pelo PagSeguro”. Mais abaixo há uma caixa oferecendo para o internauta assinar a newsletter: “receba notícias por e-mail”. Na coluna central tem os “destaques”, onde consta “20 de setembro: dia do gaúcho” (como acessei o site em abril, parece que fazem referência à data durante todo o ano). Depois disso há ainda uma caixa intitulada “notícias”, com alguns *links*: “confira as novas poesias publicadas”. “Não esqueça de deixar seu recado no site”. “Buenas Tchê: o jornal do tradicionalismo”. “Visite a página do CTG Rubens Lehmann”. Abaixo das notícias há uma caixa destinada aos “Últimos recados”. Trata-se de uma espécie de mural, como um fórum onde as pessoas deixam seus recados. Um dos recados

oferecia “Vendo 02 vestidos de prenda, armação e sapato n 36”. Este recado foi deixado em 14/04/2014. Abaixo há quatro postagens de 1703/2014, feitas pela mesma pessoa e com o mesmo conteúdo: “FOTOS DE CAMAFEUS”.

Abaixo da seção “Últimos recados” há uma caixa intitulada “Próximos eventos”, listando a “5ª Cavalgada do Esquenta em Itajaí, de 03/04/2014 a 31/05/2014”. Nesta seção há dois botões, um para “incluir” e outro para “mostrar todos”. Cliquei em “mostrar todos”, e me surpreendi com a lista cronológica, dos mais recentes para os mais antigos. O evento adicionado mais recentemente é a Cavalgada do Esquenta. Antes deste evento, a última postagem havia sido feita em outubro de 2011 (“1º BOTO ART - Rodeio Artístico e Cultural – Imbé”). De 2011 a 2014 parece que o site não foi atualizado. Há ainda um evento acima, o primeiro da lista, datado de “[26/09/2208] Rodeio Nacional - Correia Pinto”. Provavelmente a intenção era escrever 2008 (pois é a data final que consta na descrição do evento, encontrada ao clicar no link: “26/09/2208 a 28/09/2008”), mas um erro pode ter gravado o evento como sendo para 2208, tornando-o o primeiro de uma lista cronológica decrescente. É curioso que, ao entrar na descrição dos eventos, como no “1º BOTO ART - Rodeio Artístico e Cultural”, há as informações como o local, a data e um campo para a descrição, e geralmente neste canto há um link que redireciona o internauta para outro site. Como no caso da Boto Art, a descrição era a seguinte: “Rodeio Artístico e Cultural. Danças Tradicionais, Chula, Declamação e Jantar Baile. Programação completa pelo site: [www.ctgquerenciadoimbe.blogspot.com](http://www.ctgquerenciadoimbe.blogspot.com)”.

A coluna da direita possui uma área bem grande destinada à publicidade, proveniente dos “Anúncios Google”. Estes anúncios são muito maiores do que os outros gráficos e outras letras utilizadas em outros links do próprio site. A publicidade realmente chama muita atenção e não é uma publicidade direcionada para o público-alvo do site. Como toda publicidade do Google, tratam-se de anúncios direcionados ao internauta baseados no rastreamento das últimas pesquisas e atividades dele na internet, com anúncios relacionados às páginas que costuma visitar ou a pesquisas que tem feito nos últimos dias.

Abaixo da publicidade há uma caixa “Curso de Rédeas”, com uma foto e um link que convida: “Veja as fotos do curso com Jango Salgado” e disponibiliza ainda um endereço de e-mail: “Entre em contato: [ivan.mendes@brturbo.com.br](mailto:ivan.mendes@brturbo.com.br)”.

Uma última caixa na coluna da direita é destinada a uma “Enquete”: “Você compraria Produtos Gaúchos pela Internet?” Com as opções “Sim” e “Não”.

A tirar pelos recados e pelos eventos da página inicial, o site parece ser constantemente atualizado, mas ao clicar nos links há páginas fora do ar, além de notícias e a maioria das programações serem bastante antigas. Por este motivo, acredito que este seja um portal cuja análise na dissertação possa ser voltada justamente à inatividade, já que há muitos sites disponíveis na internet, ativos, mas desatualizados parcial ou completamente. Neste caso específico, os dois campos atualizados são o mural e a agenda, e ambos podem ser feitos por internautas, seja postando recados no mural ou adicionando eventos na programação do site, através do botão “incluir”.



*Imagem 29 - Printscreen da caixa "Próximos eventos" do Portal Amigos da Tradição.*

## ANEXOS

### **ANEXO 1 – Relação de entidades de Joinville registradas no MTG-SC<sup>83</sup>**

**CTG:** 77100 - CTG CABANHA MADREVILLE

Patrão do CTG: 6609 - Alvim Nunes Duarte

Endereço: Rua Corupaiti, 94

**Filiados:**

Piquete Ronda Charrua

Piquete Paiol Velho

Piquete Cabanha Madreville

Piquete Saudade Do Pago

**CTG:** 99400 - CTG CHAO CAMPEIRO

Patrão do CTG: 13630 - Gilberto Bez

Endereço: Rua Ituzaiço, 582

**CTG:** 42000 - CTG CHAPARRAL

Patrão do CTG: 6561 - João Francisco Harger

Endereço: Estrada da Ilha, 4465

**Filiados:**

Piquete Cabanha Chaparral

**CTG:** 93300 - CTG CHARRUA - JOINVILLE

Patrão do CTG: 6758 - Marcel Dalmolin

Endereço: Rua Emilio Hardt, SN

**Filiados:**

Piquete Rancho Esser

**CTG:** 54000 - CTG FAZENDA RIACHO DOCE

Patrão do CTG: 19988 - Jairo Aparecido De Souza

Endereço: Araucárias Das, 777

**Filiados:**

Piquete Cabanha Camarão

Piquete Cabanha IBS

---

<sup>83</sup> Fonte: <<http://www.mtgsc.com.br/ctg.php>>. Acessado em: 13/01/2016.

**CTG: 37100 - CTG FILHOS DO TROPEIRO**

Patrão do CTG: 4534 - Fabiano Do Rosário

Endereço: Rua Nove de Março, 485

**Filiados:**

Piquete Repontando A Tradição

Piquete Herança De Tropeiro

Piquete Amigos Do Tropeiro

Piquete Tertúlia Campeira

Piquete Invernada Campeira

Piquete Cancela Do Sul

Piquete Estância Nova De Joinville

Piquete Estância Amiga

Piquete Filhos Na Tradição

Piquete Laço E Tradição

Piquete Tauras Do Pago

Piquete Filhos Do Tropeiro

Piquete Cabanha Lagoa Dourada

Piquete São Luiz

**CTG: 75800 - CTG GARRÃO DO PAMPA**

Patrão do CTG:

Endereço: Rua Andre Becker, 92

**Filiados:**

Piquete Presilha Da Amizade

**CTG: 45500 - CTG INVERNADA DO SOL**

Patrão do CTG: 8824 - Sady Toribio May

Endereço: Rua Genebaldo Vieira, 357

**Filiados:**

Piquete Cabanha Rio Grande

Piquete Tropeiros Santa Fe

Piquete Patrão Veio

Piquete Amigos Tropeiros

Piquete Vento Negro

**CTG: 90700 - CTG SÍTIO NOVO**

Patrão do CTG: 9179 - Zili Fraga

Endereço: Avenida Santos Dumont, 7700



**Filiados:**

Piquete Filhos Do Sitio Novo  
Piquete Sebastião Jose Rodrigues

**CTG: 57800 - CTG UNIDOS DE JOINVILLE**

Patrão do CTG:

Endereço: Rua Rodeio, 126

**Filiados:**

Piquete Galpão Minha Querência  
Piquete Guerreiros Da Tradição  
Piquete Unidos De Joinville  
Piquete Estância 4 L  
Piquete Madrugada Campeira  
Piquete Lenço Branco - Joinville  
Piquete Redomão Do Pirai  
Piquete Três R  
Piquete Tio Zaga  
Piquete Ferradura

**CTG: 30100 - GPO F. AMIGOS DO CHIMARRÃO**

Patrão do CTG: 16114 - Silvio Meyer

Endereço: Rua Alberto Wiest, 82